

Cirlene Cristina de Sousa
Francisco André Silva Martins
Licinia Maria Correa
Liliane Souza e Silva
Marcos Antônio Silva
Maria Luiza Alves Martins
(Orgs.)

RASCUNHANDO VIDAS

ESCREVIVER
DAS E COM AS
JUVENTUDES NEGRAS
& LGBTQIAPN+

Cartas
docentes



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu Mestrado em Educação



COLEÇÃO EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO HUMANA

VOLUME 3

Cirlene Cristina de Sousa
Francisco André Silva Martins
Licínia Maria Correa
Liliane Souza e Silva
Marcos Antônio Silva
Maria Luiza Alves Martins
(Orgs.)

RASCUNHANDO VIDAS

ESCREVIVER
DAS E COM AS
JUVENTUDES NEGRAS
& LGBTQIAPN+

VOLUME 3

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Juan Droguett
Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Thelma Lessa
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2025 Cirlene Cristina de Sousa; Francisco André Silva Martins;
Licinia Maria Correa; Liliane Souza e Silva; Marcos Antônio Silva; Maria Luiza Alves Martins

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R223

Rascunhando vidas - Vol. 3: escrever das e com as juventudes negras & LGBTQIAPN+ / Organização de Cirlene Cristina de Sousa, Francisco André Silva Martins, Liliane Souza e Silva, Licinia Maria Correa, Marcos Antônio Silva,, Maria Luiza Alves Martins. – Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2025.

156 p. ; 14x21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-462-2911-6

I. Sousa, Cirlene Cristina de (Organizadora). II. Martins, Francisco André Silva (Organizador). II. Correa, Licinia Maria (Organizadora). III. Silva, Liliane Souza e (Organizadora). IV. Silva, Marcos Antônio (Organizador). V. Martins, Maria Luiza Alves (Organizadora). VI. Título.

CDD: 306.43

Biblioteca Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Sociologia educacional

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

SUMÁRIO

BRILHEM E DEIXEM OUTROS BRILHAREM 5

Cirlene Cristina de Sousa

**LETRAS, CORPOS E NOMES: POR UMA
AUTORIA DA ESPERANÇA** 13

Marcial Maçaneiro

**ENTRE PRINCÍPIOS EDUCATIVOS:
EXTENSÃO E ESCRIVIVÊNCIAS** 23

Cirlene Cristina de Sousa

Francisco Martins

Liliane Silva Souza

Licinia Correa

Marcos Silva

**TEXTUALIDADES REFLETIDAS: UM
CONVITE À ESCUTA DE OUTROS** 33

Denise Prado

PALAVRAS QUE CONTINUAM 39

Eduardo Leal

Brenda Lívia

**CARTAS DOCENTES: UM ENCONTRO COM AS
JUVENTUDES NEGRAS E LGBTQIAPN+** 49

DOSDICÊNCIA ENTRE CARTAS 51

Francisco André Martins Silva

Cirlene Cristina de Sousa

Liliane Souza e Silva

DESAZER-SE EM OFICINAS FORMATIVAS 59

*Liliane Souza
Cirlene Sousa
Francisco Martins
Marcos Silva*

ENTRE CARTAS DODISCENTES 73

*Francisco André Silva Martins
Cirlene Cristina de Sousa
Liliane Souza Silva*

**PALAVRAS LANÇADAS AO MAR DAS
NOSSAS DOCÊNCIAS 77**

Marcos Antônio Silva

CARTAS DOCENTES 81

André de Souza Vieira

**O QUE A UNIVERSIDADE TEM A
APRENDER COM AS JUVENTUDES NEGRAS
E LGBTQIAPN+ 145**

José Eustáquio

REFERÊNCIAS 149

DOCÊNCIA, PRA QUEM? 153

Daiane Cruz

APRESENTAÇÃO

BRILHEM E DEIXEM OUTROS BRILHAREM

Cirlene Cristina de Sousa¹

Caros leitores, caras leitoras

A coletânea *Rascunhando vidas: Escrever das e com as juventudes negras & LGBTQIAPN+*² é resultado de um longo trabalho de extensão e pesquisa realizado por estudantes e professores da educação básica e superior do estado de Minas Gerais³. Nesta atividade, jovens negros/as e LGBTQs escrevem cartas com narrativas sobre suas trajetórias escolares, nas quais se fazem “escrevidos” memórias de suas infâncias e de suas juventudes, experienciadas no espaço escolar. Tais memórias trazem amores e desamores, medos e coragens, esperanças e desesperanças, silêncios e vozes, violências e resistências, lutas e sangues. Memórias de gentes jovens que desde suas infâncias gritam por justiça racial

1. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana e dos cursos de licenciatura de Pedagogia e História da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Trabalha com as temáticas: Decolonialidade, Juventudes, diversidades, Educação Básica, mulheres negras e Televisão.

2. Ao longo dessa coletânea, usaremos ora a sigla LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais) e ora LGBTQs, escolha exclusivamente textual. Nesta última, a letra s vem significar a pluralidade que existe na condição de gênero humana. Sabemos que, das lutas das pessoas LGBTQs, novas letras vão aí se acrescentado, como forma de dar vasão a essa pluralidade nos modos de ser e de viver de cada ser humano.

3. Também como resultado deste trabalho extensionista, publicamos, em 2021, a obra: **Rompendo Silêncios: escrevências sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+**. Dados completos desta obra está nas referências bibliográficas, ao final do livro.

e de gênero, por justiça familiar e religiosa, por justiça educacional e cultural, por justiça patrimonial e urbana, entre outras.

Nesta direção, a coletânea que chega até vocês traz escrituras que vêm para “acordar a casa grande de seus sons injustos” (Evaristo, 2010, [n.p.]). Escrituras essas que se constroem a partir de uma Pedagogia, que neste trabalho denominamos de Pedagogia da *TEIMOSIA*, a saber: aquela que não se cala frente às injustiças, frente às indiferenças, frente às nossas sem-vergonhices que vêm desumanizando gentes. Elas são, portanto, teimosias de pessoas esperanças, já que, mesmo expostas a tantos sinais de morte, elas teimam em permanecer vivas. Essa dimensão pedagógica foi inspirada em uma das cartas juvenis, publicadas nesta coletânea. Nesta carta em específico, um jovem autor se identifica com o nome de Brilho Negro. Durante toda a sua escrita, ele faz denúncias de que o racismo brasileiro ofusca e apaga tantos brilhos negros pelo país afora. Em uma escrita forte e poética, este jovem negro diz que em seu nome ecoa gritos de libertação. Nesse sentido, ele seria um brilho que carrega o brilho de tantas outras juventudes que morreram nas mãos do Estado, e aqui incluímos também as juventudes LGBTQs. Ouçamos, essas reflexões na própria voz do Brilho Negro:

Queiram ou não queiram, eu sou brilho, brilho preto, brilho negro. Muitos tentam me apagar, mas agora tem jeito não, eu sou brilho. Brilho que carrega o peso de tantos outros jovens que suas cores deixaram de brilhar, porque foram apagados pelo racismo idiota e tão violento desse nosso país chamado Brasil. Mas eu sou brasileiro vivo, claro um milagre, eu sou brilho, brilho insistente, brilho teimoso (Carta, Brilho Negro).

Nesse caso, a teimosia tem um papel pedagógico insurgente e político, qual seja: fazer ecoar, no caso das juventudes negras e LGBTQs, vozes insurgentes, como diria bell hooks (2019), aquelas gritantes pelo direito a uma vida segura e digna. Ecos que preci-

sam atravessar muitas estruturas opressoras, as quais ao longo da história do Brasil têm violentado o *ser* e o *viver* dessas gentes jovens. Nesse sentido, a pedagogia da teimosia são as formas como esses jovens vêm problematizando suas existências. Existir que deveria ser um direito universal de toda e qualquer pessoa, mas que, para parte das juventudes brasileiras, ainda se faz utopia.

Toda essa teimosia está inserida na ideia de rascunho presente no título da coletânea, qual seja: *Rascunhando vidas: Escrever das e com as juventudes negras & LGBTQIAPN+*. O rascunho seria uma escrita autoral de gentes jovens que querem viver sem precisar sentir medo. Que sabem que a escrita da história única/colonial produziu e continua a produzir violências sobre seus corpos, sobre suas culturas, sobre suas famílias, sobre suas ancestralidades, enfim, sobre suas vidas. Mas sabem também, via lutas que vêm de longe, que para vencer os opressores é preciso ser autores e autoras de suas próprias existências.

Assim, rascunhar vidas, é por um lado, dizer não às violências cometidas por gentes necrófilas – gentes sádicas que ainda amam “coisas” sem vida –, como os velhos opressores coloniais. E, por outro lado, dizer sim às gentes biofilas – aquelas que amam “coisas” com vida –, gentes que vão se agregar às lutas pelo direito de existir das nossas juventudes negras e LGBTQs⁴. Paulo Freire discute, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que o sadismo é uma

das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas, um amor à morte e não à vida. [...] Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida (Freire, 1987, p. 47).

4. Ver essa discussão sobre necrofilia e biofilia na obra *El corazón del hombre* (O coração do homem) de Erick Fromm. Tal tema é apropriado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*. São nesses dois autores que nos inspiramos, quando falamos de pessoas biófilas e pessoas necrófilas.

E no dizer de Erich Fromm, a pessoa de consciência necrófila

é impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Todos os processos, sentimentos e pensamentos vivos são transformados em coisas. Memória em vez de experiência; ter, em vez de ser, é o que interessa. O necrófilo pode relacionar-se com um objeto – uma flor ou uma pessoa – somente se possuir esta (Fromm, 1981, p. 43-44).

Portanto, a ação de rascunhar faz parte de gentes esperançosas, que sabem dos riscos de viver e de lutar em uma sociedade cheia de necrófilias. E sabem também que os sonhos pela vida não se sonham sozinhos, mas em coletivos, como diria Conceição Evaristo (2014, p.100): “Eles querem nos matar, mas nós decidimos que não vamos mais morrer”.

Por meio dessa teimosa pedagogia, ao lermos as cartas escritas pelas juventudes negras e LGBTQs, traçamos alguns questionamentos, a saber: Quais memórias elas trazem de suas vidas escolares e universitárias? Quais ambientes educacionais essas juventudes nos apresentam e/ou desejam? Que histórias e vidas estão ali partilhadas quando as narrativas são sobre trajetórias de jovens negros/as e LGBTQs? Como tais cartas podem afetar nossas docências?

Em se tratando de suas vivências escolares e universitárias, tais juventudes nos falam sobre os desafios de se constituírem como pessoas negras e LGBTQIAPN+, principalmente no chão da escola. Ao relatar tais desafios, essas juventudes trazem memórias de violências sofridas, mas, por insistência e teimosia, trazem também piscadelas de vivências libertárias, como diz o jovem Brilho Negro:

O ensino médio posso dizer foi menos tenso pra mim, não porque o racismo não estivesse lá presente, mas porque encontrei lá o meu brilho, a minha querida professora de sociologia. Aquela mulher foi uma potência em minha vida. Ela me ajudou a me compreender como uma pessoa preta.

Assim, notaremos ao longo deste livro, que as escritas juvenis são formas de regurgitar gritos por libertação. Entre questionamentos e evidências, aprendemos que os *escrevíveis* refletem uma série de interrogações sobre os modos como nossas pedagogias têm cultivado e/ou silenciado os modos de ser e de viver com que tais jovens chegam à escola. São essas questões que nós, educadores e educadoras, fomos convidados e convidadas a colocar em debate.

Em termos de organização estrutural, nossa coletânea é composta de três livros, cada qual dividido em duas partes. Na primeira parte de cada livro, encontram-se textos de pesquisadores/as envolvidos/as na extensão e textos de convidados/as, que contribuem com suas reflexões. Entre esses e essas, temos estudantes de licenciatura, professores/as da educação básica e superior, e mães de juventudes negras e LGBTQIAPN+. Cada uma dessas pessoas fez sua reflexão sobre as cartas e, em seguida, deixou seu convite aos leitores e leitoras para que se debruçassem sobre as palavras que tais jovens lhes enviam de presente⁵.

Na segunda parte, temos a especificidade de cada obra. No Livro 1, intitulado *Cartas Negras: Escrever das e com as Juventudes Pretas*, encontram-se poemas, prefácio, textos reflexivos escritos por professores/as, cartas juvenis e o posfácio. Neste, o debate central é sobre as trajetórias escolares das juventudes negras. No Livro 2: *Cartas LGBTQIAPN+: Escrever das e com as Juventudes LGBTQs*, temos poemas, prefácio, textos reflexivos de professores, cartas juvenis e o posfácio. Aqui, a reflexão se volta para as trajetórias escolares das juventudes LGBTQIAPN+. No Livro 3: *Cartas docentes: um (re)encontro com as juventudes negras e LGBTQs*, voltamos nossas reflexões para a afetação das cartas em nossas docências. Neste livro em específico, tem-se uma divisão da Parte II em dois eixos: no primeiro, leitores e leitoras têm aces-

5. Esta primeira parte se repete em todos os três livros, pois nela está a lógica de construção estrutural do trabalho desenvolvido. Como cada livro pode ser lido em separado, essa repetição se fez necessária.

so a uma minuciosa descrição das *Oficinas formativas* realizadas com professores/as, gestores/as, coordenadores/as da educação básica e estudantes de licenciaturas da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E, no segundo, temos a publicização das escritas de professores e de professoras, também em formato de carta.

Cada livro carrega sua singularidade. O que os une é o convite para que leitores e leitoras não leiam as cartas juvenis apenas com os olhos, mas também com o coração. Para tanto, faz-se necessária uma escuta sensível frente às vidas ali partilhadas. Tais juventudes há muito gritam: “Vidas negras e LGBTQs importam”. Por esses gritos, elas nos convocam ao pacto pela vida de todas as gentes.

Emfim, as escritas se fazem pedagogias teimosas, aquelas que gritam gritos de

GENTES RESISTENTES

As quais nos chegam com suas
Histórias pretas e LGBTQs

GENTES

Que até pouco tempo não nos chegavam.
Com que histórias elas e eles nos chegam?
Com que histórias eles e elas nos deixam?

Se elas e eles nos chegam com suas histórias
Com tantas outras histórias, eles e elas deveriam nos deixar
Se elas e eles nos chegam com seus sonhos
Eles e elas deveriam nos deixar com tantos outros sonhos

QUEM SÃO ELAS E ELES QUE NOS CHEGAM?
QUEM SÃO ELES E ELAS QUE NOS DEIXAM?

Se elas e eles nos chegam como gente
Eles e elas deveriam nos deixar repletos de gentitude
Se elas e eles nos chegam com seus corpos
Com corpos cheios de vidas

eles e elas deveriam nos deixar

*QUEM SÃO ELAS E ELES QUE NOS CHEGAM?
QUEM SÃO ELES E ELAS QUE NOS DEIXAM?*

Se elas e eles nos chegam com suas vidas negras,
Eles e elas deveriam nos deixar repletos de suas negritudes
Se elas e eles nos chegam com vidas LGBTQs
Eles e elas deveriam nos deixar com vidas em abundância

*QUEM SÃO ELAS E ELES QUE NOS CHEGAM?
QUEM SÃO ELES E ELAS QUE NOS DEIXAM?*

Se crianças cheias de saberes, elas e eles nos chegam
Já Jovens deveriam nos deixar repletos de outros tantos
saberes
Seus saberes trazem ancestralidades
Nossos saberes ganham suas ancestralidades

*QUEM SÃO ELAS E ELES QUE NOS CHEGAM?
QUEM SÃO ELES E ELAS QUE NOS DEIXAM?*

Suas cartas nos ensinam o aprender com a própria história
Histórias marcadas com sinais de morte
Mas sem dúvida, Gritantes de vida

*QUEM SÃO ELAS E ELES QUE NOS CHEGAM?
QUEM SÃO ELES E ELAS QUE NOS DEIXAM?*

Pedros, Júlias, Joãos, Carolinas, Lauras,
Luizas, Marias, Camilas, Aghatás, Beatrizes, Pollyanas
e tantas outras juventudes – gentes resistentes.
Obrigada por nos ensinar muito sobre suas lutas.
Nós enviamos a vocês palavras desculpas, cheias de nossas
vergonhas.
Palavras de gentes adultas afetadas por cartas tão duras,
mas ao mesmo tempo tão **ESPERANÇOSAS**

É pelas vozes e pelos regurgitares dessas pessoas que convidamos leitores e leitoras desta coletânea a se deixarem guiar pelas escrituras dessas juventudes negras e LGBTs. Uma escuta que se faça livre de qualquer tipo de julgamento e preconceito. Uma escuta justa, aquela que se deixa envolver pelas palavras de outres, palavras essas que, em nossos ouvidos, devem se transformar e ir mais longe do que a composição de suas letras. Lembremos que as palavras, quando ditas, não se esgotam em seus léxicos, em suas sintaxes e semânticas. Elas, muitas vezes, se pretendem ir mais longe. Como diria Bartolomeu Campos de Queirós (1997), em alguns momentos as palavras que nos chegam querem ou precisam ser acordadas, querem ou devem morrer, querem ou precisam ser sonhadas e outras tantas que insistem em se libertar de nossas gramáticas injustas, de nossas branquitudes doentes e da nossa pequenez do olhar.

Assim, ao ler as cartas, somos convidados a fazer o exercício de olhar com o coração. É uma atividade bastante exigente, pois ao mirar outres, esse olhar deveria se voltar modificado e mais cheio de luz. Portanto, o olhar que levamos a alguém deveria ser um olhar que volta maior, mais vivo e mais potente. Um olhar que cresce para além de mim e dos meus.

Nessa direção, que tal transformarmos nosso mundo, nosso continente, nosso Brasil, nosso estado, nosso município, nosso bairro, nossa escola, nossa igreja, nossa rua e nossa casa em ambiências que cresçam em luz e não em ódios e mentiras. Nesse sentido, deixamos de presente para cada um a dica do nosso Brilho Negro: brilhem e invistam no brilho das outras pessoas. Como nos indagou o jovem brilho negro, nós também perguntamos: E aí, você já brilhou hoje?

Brilhos negros e brilhos LGBTs para vocês!

Obrigada gentes jovens, gentes brilhantes,
por nos ensinarem suas gentitudes.

I LETRAS, CORPOS E NOMES: POR UMA AUTORIA DA ESPERANÇA

Marcial Maçaneiro⁶

Rascunhar, rabiscar e rasurar marcam efetivamente o ato de escrever, não só das crianças e aprendizes, mas de toda pessoa que ensaia o *dito autoral*: pensar e falar com intenção e criticidade próprias. Trata-se daquele *dito* original, vindo da própria liberdade e consciência, a gerar pacientemente novos autores e autoras. Para dizer-se com beleza e consciência – mirando às leituras e interlocuções que a escrita propicia – há que superar a cópia, ultrapassar a mera repetição e livrar-se dos textos que alienam o sujeito; textos que negam a verdade, matam a memória e desdenham os ma is frágeis.

Pois a autoria exige que passemos de objeto a sujeito da escrita, com reta intenção, discernimento dos fatos e honestidade intelectual. Ir da rasura à publicação – passando pelo rascunho,

6. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG, Roma), com pós-doutorado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa (UCP, Lisboa). Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE, Belo Horizonte). Docente do Programa de Pós-graduação em Teologia e do Instituto l'Hermitage de Estudos Avançados na PUCPR (Curitiba). Pesquisa sobre religiões abraâmicas, cultura, diversidade religiosa e ecoteologia. Professor convidado da Universidade Católica de Valencia (Espanha), da Corporação Universitária UniMINUTO e do Centro de Estudos CEBITEPAL (Colômbia).

revisão, reescrita e edição – é um exercício de gestação e amadurecimento, que dará à luz sujeitos capazes de ler a vida, de interpretar os eventos, de curar feridas passadas e reescrever sentidos. Pessoas, enfim, capazes de abrir capítulos inéditos na escrita do mundo e de si mesmas, no presente vivido e no futuro projetado.

Humanização

Não se trata, contudo, de ato narcisista ou artificial, perdido na autocomplacência ou enganado pela vaidade... A *autoria* proposta aqui – a começar das cartas juvenis lidas e analisadas – é exercício de humanidade e humanização em sentido integral: engaja a pessoa toda, com sua história e relações, suas dores e alegrias, sua crítica e criatividade, em ato de coragem, desprendimento e comunhão. Pode até veicular uma catarse mental e social, com a cura da memória ferida e a afirmação da dignidade ameaçada, quando os autores e autoras tratam de sua própria condição e lugar histórico, escrevendo com sua cor, seu gênero e seu sotaque. Muitas vezes, escrevem para vencer o silenciamento e a invisibilidade, rascunhando suas vidas como ensaístas de novas edições. Nessas escritas, tragédia e epopeia se cruzam nas biografias vertidas em carta, a narrar grandes e pequenas histórias cotidianas.

Espelho de pessoas e de sociedades

A escrita não começa nas condições materiais e nos suportes gráficos, com pedra e pó, couro e tinta, papel e impressão. Nasce antes do encontro entre sujeito e realidade, reflexão e sentidos, drama e festa. Antes do conceito, o assombro. Antes da linha, a curva. Antes da redação, a memória. Antes da tinta, o sangue. Antes das letras, as figuras. É o que nos mostra Ladislás Mandel ao propor a escrita como *espelho de pessoas e de sociedades* (2006). De fato, como diz Giorgio Montecchi, no traçado dos alfabetos “podemos observar a sensibilidade, as tomadas de

consciência, as escolhas culturais, as tensões e as contradições que podem animar e tornar agradável ou penosa a existência neste mundo” (2006, p. 14).

Exemplo disso são as muitas *mãos* pintadas em negativo, com o sopro de pigmentos sobre a mão pousada na rocha – vistas em Altamira (Espanha), no Piauí (Brasil) e na Patagônia (Argentina). Uma versão ancestral dos modernos grafites urbanos. Temos ainda a representação estilizada de objetos na escrita semita; objetos que dão nome às letras: “*alef* (boi), *bet* (casa), *dalet* (porta), *guímel* (camelo), *mem* (água), *resh* (cabeça)” (Mandel, 2006, p. 43). Desde o surgimento do alfabeto na Mesopotâmia, cerca de 1.200 anos a.C., a vida se imprime na escrita, invocando os sentidos (*aesthesis*) e a memória (*anamnesis*).

Interpretar sinais e rascunhar a história

Passar da percepção sensorial à memória, da memória à narração, da narração à escrita, é um processo de revelação e interpretação do cosmos com seus múltiplos corpos: astrais, minerais, vegetais e animais. Assim, ontem e hoje, o rascunhar leva ao escrever, em crescente comunicação, vinculando os sujeitos em comunidades hermenêuticas: intérpretes do mundo e das estações, de si e de suas tribos, da terra e das estrelas, em condições de reler o passado e rascunhar o futuro. Não por acaso, interpretar os sinais cósmicos e grafar conteúdos em letras era um atributo divino, ensinado aos humanos por deuses, como Thot (Egito), Nebo (Babilônia) ou Hermes (Grécia). Para os iorubás, o *dito* se inscreve na memória poderosamente, sob a guia de Exu – a divindade do cálculo, dos sendeiros e da comunicação.

Dizer o não dito; revelar o oculto; registrar a memória e transmitir o conhecimento é algo poderoso para construir a identidade pessoal e coletiva, para definir um lugar no mundo e, além de tudo, conservar o *nome* – dos deuses, das estrelas, das terras e das pessoas. A isto serve a escrita, do antigo papiro aos e-books digitais.

Por outro lado, os sinais interpretados e os nomes escritos necessitam da *lectio* (a lição da leitura) para despertarem seu poder comunicador. A leitura dá vida à escrita, não apenas foneticamente, mas antropologicamente, revelando a humanidade de cada nome pronunciado, cujos rostos saltam do texto: deixam de ser fantasmas e se tornam personagens de uma história partilhada.

Romper os vasos para libertar as letras

Uma antiga tradição judaica, descrita por Isaac Luria, no século XVI, diz que o Inefável Deus criou o Universo a partir da *luz*, distribuída em dez vasos místicos, como recipientes a conter sua fulgurante irradiação. Cada vaso continha luzes específicas, que guardavam os Dez Nomes primordiais do Criador. Mas a multiplicidade de seres animados e inanimados só passou a existir quando esses vasos se romperam. Não suportaram a potência das letras luminosas e se partiram.

Então a irradiação expandiu-se para fora, criando o espaço-tempo pela emanção dos Dez Nomes Divinos, cada qual com suas letras (Scholem, 1995, p. 296). Elas se irradiaram para todo lado, eclodindo e combinando-se entre si. Assim, as variadas combinações – antes concentradas nos Dez Nomes – geraram os nomes de todas as coisas existentes, pois tudo passou a existir na medida em que os seres eram nomeados, dos planetas às rochas, das árvores às pessoas humanas. As letras se materializaram em coisas e corpos, cada qual com seu nome.

O que podemos aprender dessa metáfora judaica? – Entre muitas lições, destacamos, antes de tudo, que a vida se manifesta onde há *nomes* (princípio do ser e da identidade de todas as coisas). A vida não floresce onde os nomes são esquecidos, negados ou silenciados. Além disso, esses nomes são compostos por letras emanadas dos Nomes Divinos – fato que confere dignidade e valor a todas as criaturas, grandes ou pequenas. Afinal, todas as coisas nomeadas trazem centelhas dos Nomes

primordiais. Por fim, para que a vida aconteça é preciso *quebrar os vasos* (em hebraico, *shevirat ha-kelim*).

Numa interpretação nossa, traduzimos isto em exemplos: para dizer-se dignamente, o escravizado deve quebrar o vaso da escravização; e tornar-se autor de sua liberdade. O refugiado deve quebrar o vaso da exclusão; e assim, encontrar sua casa. As vítimas, devem quebrar o vaso da injustiça; e assim, alcançar seus direitos. Se os vasos não se rompem, as letras continuam retidas e a vida fica sem nomes, ou seja, não acontece.

Uma lição ainda, como remate das anteriores: em consequência da quebra dos vasos, não somos nós que criamos as letras, mas são as letras que nos criam. Na medida em que escrevemos e lemos em atitude autoral, surgimos junto com as letras, em ato de nascimento. Como propõe Paul Claudel, em sua *Arte poética* (1907, p. 176), *connâître* (conhecer) é *con-naître* (conascer). E Martin Heidegger o confirma, ao dizer que “a palavra confere ser às coisas” (2003, p. 126).

O parto da escrita para as novas gerações

A metáfora judaica se aplica extensivamente a variadas gentes; mas diz muito das juventudes que, nesta coleção, rompem os vasos do silêncio e da invisibilidade pela escrita de suas cartas. A condição de cada um e cada uma se mostra com o romper de muitos vasos, permitindo que suas vidas sejam rascunhadas e rasuradas em novas escritas. Rompem o medo com a coragem; rompem a mudez com suas falas; rompem a morte com a escolha de viver, e viver dignamente.

A escrita propicia o redizer-se no quadro da História e da Sociedade, como verdadeira *maiêutica* – a arte de dar à luz gerações novas – com jovens nascendo de novo, saindo da estreiteza do racismo, do preconceito e da hostilidade, para a largueza da acolhida, do respeito e da liberdade.

Em cada carta, as letras formam nomes e a tinta denota o sangue que faz a vida circular, revigorando os músculos, oxi-

genando as mentes, animando os corações. São escritas por corpos, com tinteiros de sangue, em testemunho e testamento das vidas narradas. Como sugere Conceição Evaristo, neste caso escrever é *escreviver* (2020). Superando a ficção, as cartas compendiam a condição efetiva, histórica e social da juventude que as assina, sendo uma documentação de alcance ético e pedagógico relevante, numa sociedade em que jovens negros/as, trans e homossexuais são agredidos/as e mortos/as.

Qual o legado dessas cartas-testamento? A cidadania plena, que honra as gerações passadas e deve ser herdada por direito. Neste sentido, ser autores e autoras de sua própria história é abrir capítulos de superação e de esperança para si e para outras juventudes, semeando transformações no campo aberto da Educação.

Que a humanidade floresça

Para que a humanidade floresça é urgente semear no campo da Educação. Sobretudo em atenção às juventudes, na sua concreta condição familiar, social, econômica, cultural e jurídica, enquanto sujeitos de dignidade, consciência, direito e liberdade, sem esquecer as situações que pedem prevenção, proteção e defesa. Numa sociedade de ranços coloniais, de riscos à democracia e polarizações sectárias, onde campeiam discursos de ódio descaradamente nas redes sociais, com violência explícita aos jovens negros, as jovens negras e LGBTQs, a Educação é solicitada a *humanizar* o espaço, as relações e as próprias pessoas. Não só por conta de jovens que são ameaçados, excluídos e agredidos (o que já é fato gravíssimo), mas pela desumanização necrófila do tecido social, da qual a violência contra eles é um sintoma gritante.

A hostilidade direta a jovens negros, negras e LGBTQs, seja nas periferias ou nos centros urbanos, é uma violência construída em décadas de desumanização, com “precariedade estrutural” das condições de vida da juventude brasileira, num processo de “quebra de identidade, alienação e impossibilidade de desenvolvimento integral da autonomia, liberdade e dignidade” (Oliveira,

2018, p. 84-85). Assim “desprotegidos socialmente”, inúmeros deles experimentam “o contato cotidiano com uma realidade de brutalidade” de tal modo destrutiva, que “todo discurso acerca dos direitos humanos se torna incompreensível e abstrato” (Oliveira, 2018, p. 85). Ou seja: os direitos humanos seguem relevantes e ainda mais necessários, mas sua ausência quase total em alguns contextos juvenis resultou na dissolução de “qualquer noção de direito” (Oliveira, 2018, p. 85).

Reverter essa situação é uma tarefa enorme, mas possível e em curso, quando empreendida com disposição, recursos e metodologias adequadas, pela inserção e cooperação de atores sociais competentes, em interlocução com as próprias juventudes, postas em condição de protagonismo. Não é isto, em termos gerais, o que a Educação propõe? Não é aqui que os educadores e educadoras encontram um sentido renovado de sua missão? Afinal, a Educação tem longo acervo de experiência neste campo, com instrumental teórico e prático em termos de História, Artes, Linguagem, Pedagogia, Direito, Psicologia e Análise Social. A Educação em concreto – no espaço da escola, responsabilmente inserida no bairro, vivenciada como relacionamento, diálogo e proposição de projetos de vida – tem feito muito pelas novas gerações e seguirá fazendo.

O que nos parece estratégico é investir na qualidade docente, não só objetiva (conteúdos, instrumentos, gestão colegial, garantias de carreira), mas também subjetiva (motivação, apoio ao aprimoramento, espaços de crescimento coletivo, estima profissional).

Condição juvenil e direitos humanos

Quanto aos *direitos humanos* – pois, em última análise, é disto que se trata falar da condição juvenil na família, na sociedade ou na escola – há que insistir e promovê-los, não apenas no discurso e nos currículos, mas no nível das convicções, como um paradigma crítico e propositivo de aplicação transversal, significativo aos sujeitos, às disciplinas lecionadas e às relações interpessoais. Por isso o debate, a informação e o conhecimento a respeito merecem espaço na esco-

la e na formação continuada de docentes, como competência coletivamente construída. Cada qual a partir de sua área de ensino, em diálogo interdisciplinar, tendo presente a condição juvenil discente, sobretudo suas potencialidades. É urgente assumir as juventudes e os direitos humanos como tema de conhecimento e proposição, superando a mera opinião e as simplificações. Educação e direitos humanos compõem a mesma agenda da humanização.

Nesse sentido, as cartas juvenis tratadas neste volume indicam um desenvolvimento importante dos direitos humanos: ao lado dos *requisitos fundamentais*, como direito à segurança de vida, à liberdade de pensamento e de religião, à moradia e à educação, colocam-se os *requisitos contingenciais* (no dizer de Michael Casey): o acesso

à tecnologia reprodutiva; o reconhecimento de diferentes relacionamentos como formas de casamento; a liberdade de buscar a transição de gênero; de ser protegido de ofensas ou de menosprezo, etc. (Casey, 2023, p. 112).

A *humanidade* – aceita como universal, de valor e dignidade compartilhados por todos os seres humanos – não implica apenas os *direitos fundamentais* reiterados pelas democracias, mas também o que alguns denominam *direitos contingenciais*, relativos às condições e individualidades em matéria de procriação, constituição familiar, sexualidade e gênero, ao lado de diferentes modos de associação, da objeção de consciência na área da saúde e da regulamentação jurídica das empresas digitais (*big techs*).

Por mais debates que suscitem, essas condições e individualidades se amparam nos direitos fundamentais, solicitando o reexame de temas e posicionamentos, começando por “aprofundar nossa apreciação da humanidade dos grupos negligenciados ou desfavorecidos entre nós” (Casey, 2023, p. 113). Tendo presente as juventudes em risco, seria irresponsabilidade grave perder de vista a humanidade dos que por nossas atitudes se tornam frágeis. Nenhum discurso político, filosófico ou religioso se sustenta

como legítimo ou sagrado, quando profana a vida humana com discursos de ódio, atitudes racistas, atitudes homofóbicas, apologia à tortura, elogio do fascismo, cumplicidade com o crime organizado, além dos infames negacionismos quanto aos genocídios e escravidões perpetrados ao longo da História.

Em atitude crítica e propositiva, a Educação se move em esperança, com ações de curto, médio e longo prazos, suprimindo muitas vezes as lacunas do Poder Público com criatividade, resistência, ação em rede, metodologias inclusivas e otimização de recursos locais. Por fim, como diz Casey (2023, p. 117): “No serviço da educação, os direitos humanos direcionam a atenção para aqueles que não têm voz ou poder, para aqueles que são fracos e precisam de apoio”; importa

proteger a plena participação de meninas e mulheres jovens na educação; [...] promover a reciprocidade entre os educadores e aqueles a quem ensinam, para que – ao transmitir-lhes valores e conhecimentos – as crianças e os jovens possam ser ouvidos e contribuir (Casey, 2023, p. 117).

“Em vez de indiferença ou medo”, quem educa tenha “abertura para com os vulneráveis e marginalizados”, promovendo mais “cooperação, em vez de distanciamento” (Casey, 2023, p. 117).

II

ENTRE PRINCÍPIOS EDUCATIVOS: EXTENSÃO E ESCREVIVÊNCIAS

*Cirlene Cristina de Sousa*⁷

*Francisco Martins*⁸

*Liliane Silva Souza*⁹

*Licinia Correa*¹⁰

*Marcos Silva*¹¹

7. Acessar currículo nota de rodapé número 1.

8. Professor efetivo da Faculdade de Educação FaE-UEMG. Pós-9 em Educação (UFOP). Doutorado e mestrado em Educação (UFMG). Vice coordenador do Curso de Licenciatura em História. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Observatório das Juventudes FaE-UEMG. Coordenador do Projeto de Extensão “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes. E-mail: francisco.martins@uemg.br

9. Professora Efetiva de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Bacharel e Mestre em Ciências Sociais pela UERJ. Doutora em Educação pela UFMG.

10. Professora associada na Faculdade de Educação e Pró-Reitora de Assuntos Estudantis na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG. No ensino, tem sua atuação voltada para temas da Sociologia da Educação em interface com a Sociologia da Juventude. Na pesquisa atua principalmente nos seguintes temas: juventude e escola, cultura juvenil e cultura escolar, relação jovens, escola e mundo do trabalho e ensino médio. Possui pós doutorado em Sociologia pela Università degli Studi di Pádova-Itália, doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Araraquara (2008) e mestrado em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (1996).

11. Professor da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, Pesquisador do Observatório da Juventude (UFMG). Possui doutorado e mestrado em

Nas páginas que se seguem, damos ciência aos leitores e leitoras sobre as concepções teóricas e metodológicas que nos acompanharam durante nossa caminhada extensionista. Para tanto, dividimos o texto em duas partes, a saber: na primeira, trabalhamos a extensão no seu princípio educativo e, na segunda, descrevemos as experiências como caminho metodológico.

Antes, é preciso destacarmos que o projeto em partilha, “Educar-se pela escrita de Outros”, teve início com a fundação do grupo de estudo e pesquisa “Dessemelhanças que nos atraem” (DEA), fundado por professores e estudantes da educação básica, cujo objetivo central foi o de problematizar as trajetórias de estudantes LGBTs e estudantes negros, estudantes negras no chão da escola pública. Para tanto, criou-se uma dinâmica formativa com dois focos: 1) estudo sobre questões das culturas juvenis, raciais e de gênero e 2) escuta entre estudantes e professores sobre o ser jovem no ensino médio. Mais especificamente, jovens pretos, pretas e LGBTs. Para além da leitura de artigos científicos e livros nesse processo formativo, o grupo trabalhou com cartas escritas por aqueles e aquelas que traziam memórias sobre suas vivências escolares. Essas cartas passaram a ser fonte primária das reflexões sobre o ser jovens negros, negras e LGBTs para os pesquisadores do DEA¹².

Os trabalhos realizados nesse grupo de pesquisa chegam à universidade pela via dos eventos científicos e de projetos de extensão. No segundo ano de sua existência, 2018, os membros do DEA já estavam participando de congressos, seminários e formação de estudantes e professores da educação básica e superior. O

educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela mesma universidade.

12. O trabalho com cartas juvenis se iniciou a partir do relato uma jovem e um jovem que narram em cartas, violências homofóbicas vividas no chão de uma escola pública em Minas Gerais. A complexidade dessas cartas levou um grupo de professores/as a propor a formação do grupo DEA. Com o tempo, as questões raciais se colocaram também como uma demanda dos estudantes e, assim sendo, foram incorporadas nas reflexões.

grupo apresentou seus trabalhos na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Feira Mineira de Iniciação Científica (FEMIC). No ano de 2020, o projeto torna-se uma ação extensionista e passa a ser nomeado: “Educar-se pela escrita de Outres”. Neste projeto participaram pesquisadoras/es do DEA e dos Observatórios das Juventudes, da UEMG e da UFMG. Ambos comprometidos com uma educação emancipatória e transformadora, como notaremos a seguir.

A extensão no seu princípio educativo

Em nosso projeto, partimos da concepção de prática extensionista de Paulo Freire (2015), o qual destaca a extensão como uma atividade de base relacional educativa, na qual se envolve pessoas da universidade e da sociedade em geral. Juntas, essas pessoas se colocam a refletir, a problematizar e a construir indagações, ou mesmo soluções, a determinados problemas, lutas, projetos e políticas públicas. Enfim, é um processo de inteligibilidade coletiva de uma dada realidade social e existencial.

Para Freire (2015), a extensão deve envolver pessoas que se sintam, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes de suas ações. Pessoas comprometidas com a emancipação das gentes, das comunidades e das instituições aí envolvidas. A extensão é, portanto, sinônimo de encontro, de troca, de aprendizagem coletiva, pela qual as pessoas se tornam agentes e pacientes dos saberes e das problemáticas compartilhadas.

Nesse sentido, a atividade extensionista não se resume a uma ação unilateral da universidade para com comunidades e grupos sociais que estão fora dos vínculos acadêmicos. Se assim o fizéssemos, estaríamos reproduzindo um “*apartheid* teórico e epistêmico” entre sociedade e universidade, aspecto duramente criticado por Freire (2015) e Grosfoguel (2016). Para ambos, a extensão se configura como uma oportunidade tanto para a universidade quanto para grupos e comunidades se tornarem

conscientes de uma determinada realidade, de uma situação problema, aqui o existir das juventudes negras e LGBTs no chão da escola e da universidade. Dessa forma, a preocupação dos participantes no projeto “Educar-se pela escrita de Outres” foi a de acabar com hierarquias entre participantes. Firmou-se desde o início das nossas ações, a necessidade de romper com a ideia de conhecimento universitário como algo superior e distante. Esse rompimento fazia-se necessário já que, localizávamos nessa ideia, o fortalecimento de projetos de dominação e inferiorização de outros saberes e conhecimentos (Grosfoguel, 2016).

Todavia, é vital reforçarmos que, ao nos apropriarmos das potencialidades de uma determinada realidade, vivência ou prática comunitária, não se implica em abrir mão da inteligibilidade científica da universidade, inteligibilidade essa que nutre seus projetos extensionistas. Nesse sentido, a extensão é também um espaço epistemológico, no qual se promove interações entre diferentes atores em partilha de seus conhecimentos. Daí, o entendimento de Paulo Freire (2015) da ação extensionista como um processo educativo libertador, transformador e emancipador. Freirianamente falando, compreendemos o aprender extensionista como partilha de saberes e conhecimentos plurais, saberes livres de hierarquias epistêmicas e, portanto, marcados por epistemologias diversas, cada qual com a autoridade que lhe é devida.

Essa perspectiva educativa da extensão nos orientou durante toda a execução do nosso trabalho. Um aspecto importante a se destacar é o fato de o projeto advir da escola pública para a universidade. Foi a partir da publicização das atividades do DEA na UEMG e na UFMG, que a universidade é acionada como parceira importante para o fortalecimento e crescimento dos trabalhos já realizados na escola pública. Juntos, pesquisadores escreveram o projeto: “Educar-se pela escrita de Outres”. Para que tivesse êxito, apostou-se no trabalho coletivo, na troca de conhecimentos teóricos e práticos entre todas as pessoas envolvidas. Nessa troca, estudantes e professores da educação básica e superior cumpriam, ambos, o papel de formadores e

de formadoras. Em coletivo, interviam nos planejamentos e na organização das ações e das oficinas formativas¹³, entre outras tantas. As relações estabelecidas construíam parcerias, cada pessoa trazia para as atividades propostas uma série de contribuições e conhecimentos.

Talvez a maior virtude desse trabalho seja a compreensão de que a prática extensionista é algo dinâmico, na qual estão atravessados uma pluralidade de saberes, trazidos pelos grupos, pelas instituições e pelas pessoas envolvidas. Nesse sentido, cada atividade se traduz em certa singularidade das aprendizagens e trocas ali vividas.

Com essa parceria, a extensão se fortaleceu como uma possibilidade de autodecolonização, como descreveram Ocaña *et al.* (2018). Segundo esses autores, o decolonizar-se requer um diálogo alternativo aliado a mudanças significativas na forma como lidamos e interagimos com as pessoas e com seus projetos de vida. Tendo como perspectiva essa dimensão decolonial, é preciso, na extensão universitária, problematizarmos termos como “público-alvo” e “equipe executora”, expressões que carregam em si uma delimitação e hierarquização de lugares e papéis. É como se de um lado estivesse alguém que detém um poder explicativo e de intervenção legítima diante de mundos distintos¹⁴.

13. As oficinas formativas são uma das frentes de trabalho no projeto extensionista: “Educar-se pela escrita de Outres”. Oficinas essas realizadas em escolas e universidades públicas de Belo Horizonte e região metropolitana. Nelas, educadores e educadoras, estudantes e universitários/as tinham acesso às cartas juvenis. Por meio das leituras de tais cartas, desenvolveu-se formações em torno das trajetórias das juventudes negras e LGBTQIAPN+. Tais oficinas serão descritas e partilhadas no Livro 3 dessa coletânea.

14. O termo decolonial aponta para as marcas da colonização que ultrapassam e penetram na existência dos povos colonizados, mesmo após o fim do colonialismo nesses territórios. Assim, decolonialidade demarca uma contraposição à colonialidade. Enquanto a palavra descolonial, em um sentido clássico, seria oposto ao colonialismo, uma vez que o termo em inglês (*descolonization*) é frequentemente utilizado como referência ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após o término das administrações coloniais nos territórios colonizados. Tanto Castro Gómez,

Dessa forma, decolonizar vem romper com qualquer perspectiva hierarquizante e unidirecional e se coloca como uma oportunidade de romper e mudar imagens socialmente construídas da universidade como algo distante, afastado das classes populares, detentora de tudo o que é válido, verdadeiro e importante. Ao contrário dessa arrogância epistêmica, investimos na possibilidade de participações ativas das pessoas envolvidas na escrita do projeto e nas ações propostas. Cuidamos para que as decisões sobre as ações fossem tomadas de forma coletiva. Com essa perspectiva relacional, fizemos notar a extensão como ações formativas, educação comunicativa, processos de aproximação entre a universidade e a sociedade em geral e, por fim, como forma de compreender a universidade como uma instituição pública de pertencimento irrestrito. Nessa direção, a extensão é uma oportunidade de aproximação entre a universidade e a realidade social que a cerca, ação capaz de promover debates públicos, troca de conhecimentos e lutas por justiça, e no caso do “Educar-se pela escrita de Outros”, justiça racial e de gênero.

Um outro aspecto de nossas ações extensionistas se deu em torno da metodologia. Ao tomarmos o princípio educativo, fez-se também necessário que o caminho para o desenvolvimento dessas ações fosse também formativo. Para tanto, apostamos no caminho das escriturais, efetivadas via cartas juvenis. A seguir, pontuamos alguns elementos, que será foco de maior descrição no Livro 3 desta coletânea.

O *Escreviver*

O *Escreviver* jovem, concretizado no gênero carta, é um dos elementos fundantes da nossa metodologia. Nele está posto a concepção de escriturais da literata brasileira Conceição Evaristo (2006; 2007), a qual destaca esse tipo de escrita

quanto Grosfoguel (2007) e Walsh (2009) afirmam que, mesmo com os processos de descolonização dessas nações, a colonialidade é a face obscura da modernidade que permanece na vida dos ex-colonizados.

como um elemento primaz de manifestação dos sentimentos e das idiossincrasias de quem escreve. Para essa autora, a escrevivência pode ser entendida como projetos de escritas de si, cuja pretensão é dar visibilidade à narrativa de diversos excluídos sociais. Elas se apresentam como uma possibilidade de (re)construir a vida através de percursos e leituras com um cunho biográfico, refletindo aquilo que a pessoa que escreve é, o que ela vive, pensa, por que luta e por quem luta.

Diferentemente de outras escritas, a escrevivência não tem a intenção de ser neutra, pois nela se utiliza conscientemente de palavras trabalhadas e escolhidas para incomodar e provocar transformações sociais. Por isso, é bastante perceptível nas obras de Conceição Evaristo que os relatos de histórias de vida, os desafios diários, o cotidiano nas favelas, os afetos perdidos, as discriminações de gênero e raciais, a pobreza, o corpo violado se misturam na escrita, caracterizando, assim, as escrevivências.

Apesar de originariamente o conceito advir da literatura, todas as atividades desenvolvidas no projeto tiveram como principal material de estudo e análise as cartas juvenis. Estas são produções/relatos/reflexões de estudantes da educação básica e superior sobre racismo e homofobia no espaço escolar. Estão longe de traduzir ficções, pois noticiam escritas-vivências do remetente. Cabe lembrar que, como afirma Evaristo (2007), as escrevivências são registros de experiências, de corporeidade e da condição existencial de quem escreve. Assim, as cartas trazem em si as leituras de mundo dos seus autores e autoras, e nelas encontraremos registros autênticos da luta pelo existir.

No reforço dessa concepção, inspiramo-nos também em Bartolomeu Campos de Queirós, em sua obra *Correspondências* (1997). Ele propõe a escrita de cartas a amigos, as quais tinham o propósito de mostrar as diversidades, as desigualdades, as lutas e os sonhos do povo brasileiro em todos os cantos do país. Na ocasião, o autor propunha o envio de palavras de presentes aos amigos, palavras que deveriam ser pensadas e refletidas dentro de um contexto em que a escrita da Constituição de

1988 estava sendo produzida. Algumas delas deveriam dormir para sempre, como a injustiça, outras deveriam ser acordadas, sonhadas, como a democracia. Além daquelas com as quais os amigos deveriam contribuir para que pudessem ir mais longe, na Constituição por vir, como a palavra diversidade.

Seguindo algumas orientações da proposta de Bartolomeu de Queirós, compreendemos as cartas juvenis como um meio de estabelecer diálogos sobre situações vividas no espaço escolar pelas juventudes negras e LGBTQs. Textos que podem ser entendidos também como provocações, reflexões e denúncias sobre práticas de racismo e homofobia produzidas no chão de escolas e universidades mineiras. Por meio dessas provocações, essas juventudes nos trazem de presente suas *palavra-gritos*, *palavra-socorros*, *palavra-insurgências*, *palavra-sonhos* e *palavra-justiça*.

Essas cartas foram utilizadas em oficinas formativas com estudantes e professores de escolas e universidades públicas de Minas Gerais, oficinas essas que se destacam como um outro elemento metodológico do nosso trabalho de extensão. O uso impresso de cartas juvenis nessas oficinas buscou, por um lado, estabelecer uma discussão sobre o que cada carta negra e LGBTQs enunciava sobre a escola ou sobre a universidade. E, por outro, como cada carta mobilizaria os escrevintes a retomarem suas reminiscências de outro prisma, de maneira mais que mnemônica, como uma lembrança a ser pensada de forma reflexiva e denunciativa. Tal proposta interventiva era calculadamente planejada para que os participantes das oficinas pudessem não só pensar sobre o que estava grafado, mas também para que pudessem repensar, redirecionar e reconstruir caminhos e percursos nos espaços educativos em debate.

O acesso às cartas escritas por estudantes e professores/as¹⁵ possibilitou também o encontro com uma realidade escolar e universitária, a qual está para além do superficialmente visto. Tais do-

15. Nessa coletânea também teremos publicadas cartas de professores e professoras que participaram das oficinas formativas e que, ao final delas, escreveram cartas para as juventudes negras e LGBTQs.

cumentos sinalizavam vivências marcadas por situações profundas de racismo e homofobia, e uma dissonância entre o direito a uma escola diversa e acolhedora aos jovens estudantes e o que, efetivamente, esses jovens vivenciam no cotidiano escolar. Tais realidades e leituras de mundo, manifestas nas cartas, serviram como mote para as oficinas realizadas em nossas ações extensionistas.

O uso de oficinas como ferramenta pedagógica de formação se sustentou no fato de ser essa uma oportunidade de construção do conhecimento a partir da ação e da reflexão. O que implica em um caráter investigativo e não determinado, no qual o acesso aos novos conhecimentos e experiências vem da realidade em foco. Esta realidade afeta todas as pessoas nela envolvidas, já que a proposta é de produzir um olhar dessa realidade sem julgamentos morais. Olhar envolvido pelo lugar, pelas pessoas e pelas relações ali vividas. Esse tipo de visão foi fundamental para que os participantes das oficinas pudessem desnaturalizar o que lhes aparentava já conhecido ou aprendido.

Nesse sentido, as ações nas oficinas tiveram sempre um caráter de problematização e de questionamento da realidade e, posteriormente, do debruçar-se sobre os achados em discussões coletivas e que implicavam na emergência de vários pontos de vista a partir do que se viu. O debate, ou seja, o círculo de discussão, foi um mecanismo recorrentemente usado para aproximação das realidades e das pessoas ali envolvidas. Portanto, o ato de ler as cartas exige mais que um movimento dos nossos olhos sobre as palavras postas. A leitura proposta em cada carta juvenil é um convite para que leitoras e leitores possam mover seus olhares menos guiados pelas letras e mais guiados pelo coração, ao qual as palavras das juventudes negras e LGBTs pretendem alcançar.

Boa leitura!

III

TEXTUALIDADES REFLETIDAS: UM CONVITE À ESCUTA DE OUTROS

Denise Prado¹⁶

Ao longo deste livro, as cartas são mobilizadas enquanto um gênero textual comunicacional, ou seja, são uma forma de contato orientada pela abertura para o outro, para a tessitura de um lugar em comum (Prado, 2021). Mesmo diante da familiaridade que temos com a noção do que é uma carta, é importante destacar algumas das suas características: são resultado de uma textualidade refletida, na qual se revelam percepções a partir de um lugar do sujeito, com a intenção de construir uma apresentação de si. A possibilidade de resposta, tal como se materializa nos livros desta coletânea, é necessariamente feita num contato posterior. Quem lê, responde de um outro lugar, num outro tempo. E, assim como os primeiros e as primeiras remetentes, as destinatárias e os destinatários que leram as cartas enviadas retomam, nas suas respostas, um lugar também de dizer de si, alimentando esse diálogo.

Outras autoras e autores desta coletânea já explicaram que, neste projeto, as cartas se tornam um método de trabalho. O objetivo era criar uma ambiência simbólica para acolher formas de dizer de si e dos seus afetos, permitindo a manifestação das subjetividades e das experiências dos sujeitos. A palavra “método” vem do grego *methodos* e articula “méta”, que significa re-

16. Universidade Federal de Ouro Preto.

flexão, raciocínio, à “hódos”, um caminho, uma direção. Nesse projeto, o método não é um caminho pronto, mas um que surge *em se fazendo*, que resulta de um caminhar refletido e reflexivo, criado a partir de ações traçadas para estruturar um campo partilhado para dizeres e escutas. As cartas, mais do que objetos que registram os resíduos das narrativas, seriam esse percurso simbólico construído em movimento, em ação conjunta, para abrir campos de presença e acolhida.

É como prática, como ação, que esses campos de presença se realizam: há cartas de jovens e professores negras e negros, além de LGBTQIAPN+, que se valem deste caminho para delinear suas experiências, colocarem-se uns diante dos outros, para promover esse encontro pela palavra. Entretanto, se formos observar os desafios que esse método traz para a sua realização, vemos que, para além das emoções e dos afetos, a escritura das cartas não é uma tarefa fácil.

bell hooks (2008) explica, a partir da poeta Adrienne Rich, que as formas da linguagem verbal e escrita que temos hoje, nas sociedades contemporâneas, são derivadas da “língua do opressor” e pondera sobre os desafios de nos apropriarmos desse campo simbólico, advindo da violência dos processos de colonização, como espaço de lutas e resistência.

A autora fala especificamente do inglês, no contexto dos Estados Unidos, mas podemos ver paralelos com o português e o espanhol, no Brasil e nos demais países da América Latina, que foram impostos aos povos originários e sequestrados como língua oficial. bell hooks diz que mesmo diante desse trauma histórico de línguas e falares oprimidos pela violência dos dominadores, é importante se apropriar dessa língua, fazer dela um lugar próprio para abrigar as lutas de resistência. Somente assim, podemos fazer surgir uma “contralíngua” que permita subverter as regras impostas, construir e gerar um comum, capaz de alimentar laços de solidariedade e resistência. Em diálogo com essa perspectiva, recordamos a Lélia Gonzalez (1984), para quem a nossa língua

é o pretuguês, língua subversiva, marca da africanidade da resistência na construção da cultura brasileira.

O poder dessa apropriação da língua é múltiplo: passa tanto pela negação e transformação das formas padronizadas e canônicas, quanto pela mescla e subversão de suas formas. Por isso, é importante transgredir as normas linguísticas para que ela possa ser tensionada, esgarçada e remodelada para permitir a expressão de outros sentimentos e afetos. Um exemplo dessa transformação, para bell hooks, é o rap; para Conceição Evaristo (2006), a escrevivência. Aqui, esse gesto se manifesta nas cartas que transbordam as margens da linguagem formal, padronizada, para que elas restaurem a autoria, um lugar próprio, em cada fala. Elas reverberam, nos seus ritmos, toadas e cadências, o fluxo emocional que envolve o momento de cada escrita.

Lendo o conjunto dos textos, pode haver a sensação de não se entender alguns fragmentos. Há imprecisões, lacunas, não ditos nas narrativas. As trajetórias de vida, com toda a sua complexidade, às vezes, escapam nas entrelinhas do texto. Mas, o que essa sensação revela? Mais do que algo das cartas em si, esse sentimento diz da nossa atitude diante do texto: queremos compreender, apreender o sentido. hooks nos explica que esse sentimento deriva da vontade de conquista da narrativa, de entender o texto como um todo, o que oculta uma pretensão de dominação do sentido. Diante disso, ela nos chama a romper justamente com essa pretensão, para aceitar e acolher o inalcançável do texto. Muitas vezes, o desarranjo, o desajuste, o “não entender”, o “não saber o que fazer” com as revelações (e ocultações da textualidade) é uma inquietude necessária para a abertura, para o processo de escuta do dizer do outro. É testemunhando a construção de uma intimidade com a língua, vendo ser assumido por jovens e professores um lugar de palavra, um lugar de dizer, que vamos percebendo como cada um toma para si um lugar de sujeito no discurso.

Além da relevância de se tomar um lugar na língua transformando as formas e as possibilidades de escritura, é importante perceber a construção da subjetividade e da experiência de ser,

como uma potência crítica da presença da colonialidade na vida social. Maldonado-Torres (2019) explica que o decolonialidade é um conceito que tem o potencial de nos fazer notar a presença de lógicas e práticas advindos da colonização, ainda que ela tenha sido formalmente encerrada. O grande enfrentamento desse conceito é justamente apontar que lógicas de desumanização, resultantes de sucessivos processos de destruição das subjetividades, continuam atuando, fazendo com que a violência e a morte das populações negras e LGBTQIAPN+ sejam naturalizadas na vida cotidiana.

Aníbal Quijano (2005) explica que a permanência da colonialidade pode ser vista, principalmente, em três eixos: a do poder, a do saber e a do ser. A colonialidade do poder está associada às dimensões materiais, econômicas e estruturais, que permitem a manutenção das desigualdades e das múltiplas violências. A colonialidade do saber envolve o apagamento de uma pluralidade de formas de conhecimento, de epistemologias, culturas e cosmovisões, que foram tratadas como modalidades inferiores de se conhecer o mundo e a realidade social em comparação com formas consideradas “modernas” e ocidentalizadas de saber. Já a colonialidade do ser é revelada pela destituição do lugar de sujeito, da dimensão humana, entre os povos colonizados, que repercute na criação e na hierarquização de dimensões de gênero e étnico-raciais (Lugones, 2014). Diante disso, a reprodução e a manutenção social da colonialidade na vida social envolve, por exemplo, desde a privação dos direitos sociais, exploração do trabalho, restrição às condições econômicas e sociais de dignidade, até a continuidade de práticas racistas, homofóbicas, misóginas e a naturalização da violência e da morte.

Tal como Fanon (2008) apontava que a resistência decolonial se realiza nas *attitudes*, em ações que promovem em engajamento crítico, Lugones (2014) propõe, para enfrentar as múltiplas formas de colonialidade, que a resistência decolonial seja articulada a formas criativas de luta. Para ela, é fundamental sustentarmos maneiras de viver e de agir que expõem as contradições e violências sociais, por meio de uma vida mais centrada nas pessoas e

nas coletividades, ao invés do foco no individualismo e no particular. Nas palavras da autora:

Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempos-espacos e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos. Mas é importante que estes modos não sejam simplesmente diferentes. Eles incluem a afirmação da vida ao invés do lucro, o comunalismo ao invés do individualismo, o “estar” ao invés do empreender, seres em relação em vez de seres em constantes divisões dicotômicas, em fragmentos ordenados hierárquica e violentamente. Estes modos de ser, valorar e acreditar têm persistido na oposição à colonialidade (Lugones, 2014, p. 949).

Também defendendo a urgência de ações resistentes, inspirado por Fanon, Maldonado-Torres (2019, p. 46) propõe um trabalho constante de refazimento do social para a fundação do “mundo do Ti”:

Construir o mundo do Ti implica uma oposição à catástrofe metafísica, ao paradigma da guerra e à separação ontológica. [...] Com amor e raiva, o condenado emerge como um pensador, um criador/artista, um ativista.

É pela atitude articuladora do amor como potência e da raiva como motor de indignação diante das injustiças que a luta pela decolonialidade se constrói.

É esse gesto de luta que as cartas nos trazem: palavra a palavra, as narrativas nos chamam para a escuta atenta do dizer do

outro, a sentir sua presença, a vivermos essa luta com atitudes que exponham (e se oponham) às contradições e indignidades da violência. Somente nos tornando sensíveis a esse encontro, produzindo maneiras de estarmos juntos, seremos capazes de construir um mundo do Ti.

IV

PALAVRAS QUE CONTINUAM

*Eduardo Leal*¹⁷

*Brenda Livia*¹⁸

Neste texto, eu, Eduardo, e eu, Bruna, partilhamos com leitores e leitoras um pouco da nossa aprendizagem no projeto “Educar-se pela escrita de Outres”, no qual participamos como bolsistas de iniciação científica. Neste texto quem fala agora é um pedagogo e uma pedagoga que buscam registrar como os projetos vividos em nossa formação universitária afetou nossos olhares tanto como pessoas, quanto como profissionais da educação. Temos certeza de que parte do que vivemos naquele projeto interfere hoje em nossas docências. Para tanto, dividimos o texto em dois relatos: 1) Os desafios da docência: Neste, eu, Eduardo, partilho minha participação neste projeto e como ela hoje atravessa a minha *práxis* como pedagogo e professor. Volto-me mais para a figura do ser professor; 2) Reflexões sobre preconceitos e sobre escuta no chão da escola: Neste, eu, Brenda, compartilho com os leitores e as leitoras como minhas vivências escolares na educação básica foi acionada durante todo o projeto de extensão partilhado nesta coletânea. O objetivo é demonstrar como as cartas juvenis convergiam na atualização de experiências de preconceito e de racismo e nisso, um questionamento sobre minhas atitudes frente as questões raciais e de gênero. No final desse relato, trago um aprendizado específico:

17. Pedagogo e professor na Rede Estadual na capital de Minas Gerais e ex-integrante do projeto “Educar-se pela escrita de Outres”.

18. Pedagoga e professora na educação infantil e maternal, no Centro Educativo Pés no Chão e integrante do projeto “Educar-se pela escrita de Outres”.

a escuta como algo libertador e como chave para se pensar a história das pessoas que nos chegam na escola.

A seguir, começamos com o relato do professor Eduardo.

Os desafios da docência

É comum debatermos sobre como educadores e educadoras abordam as realidades de seus estudantes. Infelizmente, sabemos que muitos deles e delas – pessoas que deveriam acolher e escutar crianças e jovens que chegam à escola, muitas vezes, subestimam as capacidades desses estudantes de problematizar e de refletir sobre suas próprias vidas. O projeto de extensão “Educar-se pela escrita de Outres” surgiu para mim, naquela época estudante de Pedagogia, como uma oportunidade de repensar a docência e de refletir práticas pedagógicas capazes de questionarem aquilo que no discurso acadêmico se fizesse hegemônico e pouco reflexivo. Esse questionar deveria ser acompanhado de diálogos entre os sujeitos da educação.

Ao longo do projeto, confrontei-me com as realidades que pouco se abriam para a partilha dos problemas diários e das histórias que os estudantes levam para a escola. Nas cartas juvenis, alunos e alunas da educação básica declaram a dificuldade da escola de lhes formarem para a criticidade sobre suas próprias experiências. Observei que a crença comum sugere que é necessário um “ser superior” para conduzir o aprendizado. Contudo, as narrativas nas cartas desafiam essa conduta, revelando a riqueza e profundidade de suas reflexões expressas de forma sincera, consciente e contestantes sobre as relações intersubjetivas nos espaços escolares.

Participar do projeto exigiu de mim mais do que debater sobre a temática das questões raciais e de gênero no contexto escolar; foi necessário tomar posições firmes e comprometer-me com práticas que questionem um discurso acadêmico supostamente neutro. Recusar essa falsa neutralidade e buscar alternativas que valorizassem a diversidade das experiências e

perspectivas dos estudantes foi essencial para fomentar reflexões críticas entre os participantes daquela ação extensionista.

O saber institucionalizado, muitas vezes, se impõe de alguma forma a silenciar e se opor a outras formas de entender o mundo, uma vez que se apresenta como algo que é universal, correto e adequado, tornando os espaços de educação formal em verdadeiros palcos de exclusão e negação das diferenças.

Estabelecendo uma relação mais horizontalizada e colaborativa, conseguimos criar no projeto espaços nos quais as vozes silenciadas puderam ressoar, resistir e reivindicar seus próprios significados para suas vivências. Esta experiência evidenciou a importância de promover ambientes educacionais inclusivos, onde todos possam ser valorizados e respeitados. Na verdade, a minha percepção sobre as opressões vividas nas escolas se acresceu de mais sentidos na medida em que me perguntava sobre como a escola não se propunha falar abertamente sobre garotos como eu, sobre como é normal gostar de coisas que não se encaixam no que todos esperam de um menino. Assim regras se tornam claras sem nem precisar serem ditas: meninos fazem isso, meninas fazem aquilo. E eu? Eu não me encaixava em nenhum desses moldes. E assim, mesmo sem falar sobre isso, a escola me ensinou todos os dias que ser diferente era um problema.

Eu me via em muitas situações descritas nas cartas do projeto. Lembro-me que ser uma criança LGBTQIAPN+ nos anos 90 era terrível, todo dia era difícil passar por situações que me exigiam ser algo que não era. Eu começava a me sentir invisível, como se eu não devesse existir, ou pior, como se o que eu sentia fosse algo ruim. Tudo isso porque a escola, um lugar que deveria me acolher e me ensinar, se tornava um campo de batalha todos os dias. Eu só queria aprender e brincar como qualquer outra criança. Mas em vez disso, eu tinha que aprender a ser forte, a ignorar as palavras que doíam e a esconder quem eu realmente era.

Retomar contato com a escola, como pedagogo, e perceber que muitas coisas não mudaram foi frustrante, mas reforçou minha convicção de agir. Pois quando se trata da mediação do

professor diante de situações de discriminação na sala de aula, a omissão é preocupante. A falta de posicionamento do educador pode inadvertidamente legitimar a violência nos espaços escolares. É comum observar que a normalização da violência, frequentemente mascarada por piadas ou brincadeiras pejorativas, é um comportamento que muitos professores trazem desde a sua formação inicial. Seu posicionamento firme e claro é essencial para combater o preconceito e garantir um espaço de respeito e inclusão para todos os alunos.

A experiência no projeto “Educar-se pela escrita de Outros” foi crucial para minha jornada como educador, oferecendo aprendizados valiosos sobre a necessidade de um posicionamento e a importância de espaços educativos que acolham a diversidade. Diante disso, a prática de escrever e trocar cartas contribui para a construção coletiva de sentidos para os espaços escolares ao fomentar um diálogo continuado entre estudantes e professores, permitindo-os compreender que suas experiências se entrelaçam e se constituem em relação. Eu, mesmo após décadas desde minha formação no ensino básico, só por meio da experiência com as oficinas do projeto que alcancei uma percepção mais elaborada de que sofri homofobia na escola e que não era o único a passar por isso, pois na época de minha infância, eu e outros colegas não podíamos contar com nenhum professor ou outro adulto que dialogasse conosco e nos fizessem sentir mais seguros.

Essa interação contínua que propõe o projeto ajuda a formar uma base de respeito mútuo e de compreensão da diversidade, elementos essenciais para a criação de um ambiente educativo onde todos os membros se sintam ouvidos e valorizados. Através dessa troca epistolar, surgem oportunidades para abordar e reconfigurar normas e práticas que podem ser injustas, tornando cada vez mais incontestável o fato de que a comunidade escolar precisa se desenvolver em torno das necessidades reais das pessoas que dela participam.

Ao assumir o papel de professor estadual em Minas Gerais, em uma comunidade no Serra, Belo Horizonte, esperava me deparar

com desafios que iriam além do simples ato de ensinar conteúdos curriculares. A escola, predominantemente frequentada por crianças negras de condições socioeconômicas precárias, enfrenta uma realidade complexa. Muitos alunos e alunas chegam à sala de aula sem os materiais básicos necessários para as atividades, refletindo apenas uma parte da rotina que enfrentam diariamente.

Nesse ambiente, existe uma pressão constante para que haja disciplina e um ensino civilizador que muitas vezes presume que as alunas e os alunos precisam de uma educação moral a fim de corrigir hábitos indesejáveis. Não são poucas as vezes que escuto coisas do tipo: “tal aluna precisa prender o cabelo”, sugerindo que o volume natural do cabelo é consequência de descuido. Ou então: “tal aluno não tem futuro, pois o pai é traficante e ele o idolatra”, revelando a indisposição em considerar as potencialidades da criança em face da realidade em que está inserida. Essa abordagem é muito problemática, pois ignora as vivências dos/as estudantes que extrapolam os muros da escola e não encontram sentido na alfabetização e no aprendizado formal e moralizante. Há uma expectativa de que todos e todas estejam alfabetizados/as até o fim do primeiro ano do ensino fundamental, uma meta ambiciosa que muitas vezes se visa cumprir em detrimento do fato de que, por vezes, as necessidades mais imediatas são nutricionais e emocionais.

As crianças desta comunidade, cujos cuidadores trabalham exaustivamente, frequentemente carecem não só de comida, mas também de atenção e cuidado. Isso reflete em um ambiente escolar onde, contraditoriamente, a necessidade de serem ouvidas é confrontada com a imposição do silêncio. A abordagem tradicional do ensino muitas vezes não permite espaço suficiente para que elas expressem suas vivências ou discutam suas realidades, o que poderia facilitar um aprendizado mais ajustado às suas situações de vida.

Embora a escola por si só não tenha o poder de resolver estruturalmente as desigualdades sociais, ela desempenha um papel considerável na sensibilização dos professores e professoras sobre as dinâmicas sociais que engendram as situações de vulnerabilidade vividas pelos alunos e pelas alunas. A formação docente é

fundamental nesse processo. Capacitar os educadores e as educadoras para que entendam e reconheçam as diversas formas de opressão – seja racismo, pobreza ou discriminação baseada na identidade de gênero ou orientação sexual, implica em não se omitir frente a situações de preconceito, assumindo um papel ativo na promoção de um ambiente de aprendizado mais seguro.

Ouvindo o que alunos/as e professores/as têm a dizer sobre suas experiências em sala de aula, aprendi que a atenção às suas vozes e realidades tem um impacto profundo e direto em como eles e elas se percebem e se valorizam. Serei sempre grato pela oportunidade de ter participado desse projeto que integra os estudos e pesquisas desenvolvidos na UEMG e UFMG com a comunidade. Ele me ajudou a pensar e a lidar com a complexa realidade educacional. Com as escritas das juventudes negras e LGBTQs, estou sempre atento a fazer reverberar as vozes da diversidade onde quer que eu esteja atuando, mantendo esse diálogo cada vez mais vivo e transformador.

Escuta no chão da escola

Eu, Brenda, sou hoje pedagoga e professora na educação infantil e maternal, no Centro Educativo Pés no Chão¹⁹, participei do projeto “Educar-se pela escrita de Outres” como bolsista de iniciação científica. Não tenho dúvida da importância da extensão e da pesquisa em minha formação. Mas falar do projeto é recordar aprendizagens únicas na minha formação como pedagoga, como professora e como mulher branca.

Os relatos das cartas juvenis me levaram a refletir sobre minha vivência também como estudante na educação básica. Durante a leitura daquelas cartas, eu me reportei a memórias desta época, a quais me traziam várias lembranças. À época, considerava-me uma pessoa “libertária” e “progressista”, achando que, por não praticar preconceito abertamente, não era preconceituosa. As ju-

19. Para informações sobre esta escola, acesse: <https://bit.ly/3AdE1jT>.

ventudes negras e LGBTQs me fizeram olhar para a minha branquitude e me ensinaram que o “ser preconceituosa”, “ser racista” e o “ser homofóbica” vão além de uma prática aberta de preconceitos e de violências. Ao contrário, no silêncio, no pensar-se neutra, preconceitos podem ganhar vazão. Nesse sentido, não ser preconceituosa, não ser racista, por exemplo, envolve se colocar também em combates ativos a tais situações. É preciso se posicionar claramente a qualquer tipo de violência. Aprendi que meu posicionamento pode tornar-se aprendizagem para mim mesma e para as outras pessoas. Meu posicionamento pode produzir processos de reflexão sobre minhas atitudes de preconceitos e violências.

Um outro aprendizado que pude viver no projeto é como as violências sobre nossas juventudes negras e LGBTQs são históricas – algo que passa de geração para geração – e que pode se fazer de forma velada ou mesmo aberta. Nesse sentido, somente nos aprendemos antirracistas ou anti-homofóbicos, quando nos pomos a refletir sobre nossa própria existência e nela as atitudes que vamos tomando no modo de estarmos no mundo. Os jovens e as jovens que escreveram suas cartas para nosso projeto me ensinaram que é preciso substituir os velhos pensamentos, práticas educativas conservadoras em práticas educativas mais inclusivas e esperançosas.

Também aprendi a compreensão da escuta como uma prática necessária na escola. Aprendi que a atitude de escuta – ouvir as pessoas – pode transformar nossas maneiras preconceituosas de ser e de viver. Ouvir provoca mudança, ouvir é um processo educativo. Ouvir é uma possibilidade de nos transformarmos em pessoas mais biófilas, pessoas que amam o que há de vida nas outras pessoas.

Muitas foram as aprendizagens também vividas durante as oficinas formativas. Ao estar juntos com professores e professoras lendo aquelas cartas, novamente as lembranças da minha época de estudante me vinham forte. Recordava-me das muitas situações de racismo e homofobia que eu presenciei na minha escola e frente as quais eu não me posicionei. No projeto, aprendi que ao contrário do que eu pensava – que o meu silêncio in-

dicava neutralidade, o meu silêncio tinha sim uma escolha e não é a escolha para estar ao lado dos que sofrem as violências, mas dos que oprimem, já que o silêncio fortalece as violências ali postas. Claro que à época, eu não tinha o repertório necessário para enfrentar aquelas situações. Falta de repertório que deve ser colocada também na conta de nós, gestores e profissionais da educação, pois os/as estudantes são raramente ensinados a refletir e a agir sobre o racismo e sobre a homofobia escolar.

Posso dizer que naquela minha época, o ensino era bastante tradicional, focado no conteúdo e pouco comprometido com uma formação integral de seus e de suas estudantes. Sentia-me uma receptora passiva do conhecimento. Não me lembro de nenhum espaço, durante minha formação na educação básica, que nós jovens estudantes, pudéssemos expressar nossas vivências. É como se nossas experiências pessoais não fossem relevantes no ambiente escolar. É como se a história que levamos para a escola não pudessem fazer parte do currículo.

Nesse sentido, volto-me novamente para a importância da escuta nos espaços educacionais. Escutar realmente faz a diferença, como pude observar na escrita das cartas, quando alguns deles e delas compartilharam sobre a importância para eles e elas, juventudes negras e LGBTQs, terem sido ouvidos/as por alguns professores e algumas professoras, que os apoiavam, que os ajudavam a enfrentar os preconceitos e violências de raça de gênero. Penso que se essa escuta estivesse presente na minha escola, muitas violências teriam sido evitadas. Assim, hoje não tenho dúvidas de que ouvir os/as estudantes é fundamental para transformar realidades marcadas por violências.

Nesse sentido, a escuta é algo crucial, pois significa também oportunizar às pessoas seus lugares de fala. Se a pessoa tem o direito a sua fala, ela consegue expressar suas vivências. Penso que é isso que as juventudes negras e LGBTQs reivindicam, se muitos deles e delas tivessem sido ouvidos na minha época escolar, muitas violências não ficariam escondidas nos corredores da escola. As cartas

escritas pelos professores e pelas professoras vêm reforçando essa importância da escuta e como ela afeta a nossa prática docente.

Assim, quando paro para pensar nos vários momentos de formação vividos no projeto “Educar-se pela escrita de Outres”, lembro-me das palavras que ali estavam sendo geradas, elas traziam em si o desejo pela troca de saberes, trazia corações abertos e também tristes, elas falavam de dores e de justiça. As palavras também agrediam, silenciavam e dilaceram muitas daquelas juventudes. Mas, são as palavras que podem também nos ensinar a ir mais longe. Portanto, as palavras das juventudes negras e LGBTQs vão continuar a me fazer e refazer como professora.

Palavras que continuam

Terminamos essa nossa escrita, voltando ao título deste texto “Palavras que continuam”, com a certeza de que citar algumas palavras seria pouco para descrever e transmitir tamanha aprendizagem durante esse processo, mas acreditamos que as palavras que cada jovem, cada professor, cada professora trouxe para reflexão proposta no projeto é parte dos escreveres que agora vivem em cada participante de nossas ações. O ato de escrever se tornou para nós um trabalho essencialmente coletivo e imbuído da esperança de que, nas mãos de cada participante desse processo, a educação se renove, animada pelas palavras que continuam a ecoar sem fim.

E, assim, se as trajetórias juvenis denunciaram sobre palavras que matam, que ferem e que carregam coisa mortas, as palavras que continuam devem ser aquelas que libertam, que olham as pessoas em sua inteireza, em suas histórias. Aqueles que se deixam educar pelas palavras de Outres. Palavras que sejam capazes de compartilhar “coisas” vivas. Nesse sentido, as palavras que continuam devem trazer um olhar humanizador, comprometido com a vida e capaz de se transformar em vida.

Boa leitura.

Deixem-se guiar pela **CORAÇÃO!**

LIVRO 3

CARTAS DOCENTES: UM ENCONTRO COM AS JUVENTUDES NEGRAS E LGBTQIAPN+



Ilustração: Gabriel Muniz Soares Valério²⁰

20. Estudante de Canto no Centro Interescolar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias (Cicalt), colaborador no Centro Cultural do Cascalho, designer gráfico.

ESCREVER

Em um cais de memórias
esbarro meu navio ao seu
com os olhos marejados
relembro do meu não tão distante passado
do meu eu subjugado
Mas hoje você escreve para que eu possa aprender
A importância das lutas
Na construção do nosso ser em
Corpos pretos, Corpos Trans,
que merecem o respeito de crescer.

(Maria Luiza Alves Martins)²¹

21. Arte-educadora e pesquisadora do Observatório das Juventudes (FAE-UEMG). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FAE-UEMG).

1

DOS DICÊNCIA ENTRE CARTAS

*Francisco André Martins Silva²²
Cirlene Cristina de Sousa
Liliane Souza e Silva*

Neste volume, a leitora e o leitor têm acesso à discussão metodológica das Oficinas Formativas que foram desenvolvidas nas ações do projeto “Educar-se pela escrita de Outres”. Tais oficinas tinham como objetivo geral compreender as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIAPN+. Em cada oficina, as pessoas presentes recebiam as cartas escritas por essas juventudes para com elas refletirem sobre a escola e suas docências. Para compreendermos como se deu essa dinâmica, neste Livro 3, descrevemos as oficinas formativas e publicizamos as cartas escritas por professores e professoras que trazem apontamentos sobre os campos de possibilidades educativos e as aprendizagens docentes que foram experimentados em diálogos com as juventudes, por meio de suas cartas.

Entre tais aprendizagens, professores e professoras tiveram a oportunidade de compreender, com mais profundidade, as histórias juvenis que chegam ao chão da escola e das universidades públicas, com os muitos desafios nelas escritos e advindos de vários campos: identitários, culturais, corporais, afetivos, sexuais, familiares, subjetivos, educacionais, econômicos, políticos, raciais, religiosos, éticos, cognitivos, geográficos, entre outros. Nesse sentido, o trabalho docente, em seu caráter educativo, tem um fazer

22. Os currículos deste autor e das demais autoras que assinam este capítulo foram indicados em notas de rodapé anteriormente.

que lhe é bastante singular, qual seja: possibilitar que às crianças, jovens e adultos, que lhes chegam, possam partilhar e terem suas histórias acolhidas. Nesse sentido, as gentes que nos chegam, deveriam nos deixar repletos por tantas outras gentitudes, como já refletido na apresentação desta coletânea.

Essa perspectiva educativa acolhedora se torna ainda mais complexa ao se compreender que as docências são feitas de gentes que também carregam suas histórias. Ou seja, professores e professoras são também sujeitos sócio-históricos, desafiados em seus processos de ser e de educar gentes. Portanto, tais profissionais não lidam apenas com os desafios burocráticos, curriculares e orçamentários da profissão, mas também com os desafios da pessoa humana, que aqui são as juventudes negras e LGBTs, que podem chegar a escola ou a universidade envolvidos em situações desumanizantes.

Em se tratando de pensar o encontro das nossas docências com estudantes negros, negras e LGBTs, notamos que os desafios que chegam aos espaços escolares e universitários envolvem as questões de gênero, raciais e tudo que nelas se veem atravessado: religiosidades, vínculos familiares, usos do espaço público, afetividades, direitos estético-corpóreos, entre outros. Nesse sentido, pensamos a formação em oficinas como um ato educativo coletivo que pudesse contribuir para um debate mais aprofundado sobre os direitos educacionais das juventudes pretas e LGBTs.

Os professores e as professoras que participaram das oficinas se mostraram bastante afetados, afastados pelas histórias que lhes chegaram em cartas. Aquelas escrevivências lhes produziram vários sentimentos, como culpa, decepção, tristeza, insegurança, mas também esperança, luta, desejo de mudança, e reflexões sobre pedagogias outras.

Observamos, nas cartas docentes, que se por um lado, algumas de suas mensagens enviadas às juventudes compreendem as lutas raciais e de gênero como problemática a se pensar no campo da individualidade, da personalidade, por outro, há professores e professoras que, em suas cartas, dão conta de perceber as questões raciais e de gênero como problematizações que devem ser

pensadas e trabalhadas no campo institucional, como luta coletiva. Tais educadores e educadoras vão questionar os projetos escolares e seus currículos, as pedagogias, as formações docentes, as licenciaturas e as políticas públicas educacionais e suas relações com o ser jovem. Há ainda aqueles e aquelas que destacaram a importância de um diálogo formativo com os movimentos sociais e com as próprias juventudes em suas experiências negras e LGBTQs. Nesse sentido, podemos dizer que as cartas juvenis se apresentaram para eles e elas como escritas difíceis de serem digeridas em vista de seu forte teor denunciativo, mas também como escritas libertadoras e compostas de aprendizagens em partilha.

Entre essas aprendizagens, a conscientização de que a escola e a universidade não são apenas reflexos, mas também podem ser produtoras de processos desumanizadores, foi importante para que professores e professoras compreendessem a desumanização das juventudes negras e LGBTQs no campo da educação escolar e universitária. Por meio das reflexões em duplas, esses profissionais puderam perceber que as escolhas pedagógicas e curriculares carregam intencionalidades e não são neutras.

Assim, o diálogo entre as escritas juvenis e as práticas professores e professoras se fez bastante fecundo. Principalmente para docentes que partilhavam com aquelas juventudes suas racialidades e suas condições de gênero. Nestes casos, em específico, o encontro entre escrita e docência foi libertador. Ao lerem as cartas juvenis, esses profissionais trazem para o debate suas próprias histórias, mostrando que apesar dos muitos desafios ainda a enfrentar, a oportunidade de as juventudes partilharem suas histórias ou colocarem em pauta questões raciais e LGBTQIAPN+ é significativa para elas, já que, em suas trajetórias escolares, essa possibilidade raramente foi considerada. Nesse sentido, podemos dizer que as oficinas foram momentos importantes de formação para todas as pessoas nelas envolvidas.

Notaremos, assim, ao longo deste livro, que as cartas respondidas de professores e professoras nos ajudaram a interpretar a rea-

lidade escolar de forma menos simplista. Assim como nas cartas juvenis, as cartas docentes nos mostram que as vivências escolares raciais e de gênero são ainda um grande desafio para a profissão docente. Ao serem convocados pelas juventudes pretas e LGBTs a refletirem sobre racismo, homofobia e interdições escolares, professoras e professores notam a necessidade de reaprender a escola pelas vozes dessas juventudes. Um dos debates propostos por eles e elas é o da relação entre direitos humanos e juventudes no currículo escolar. Principalmente a reflexão sobre a incorporação na pedagogia escolar do direito dessas juventudes se conhecerem como sujeitos de direitos.

Como ferramentas pedagógicas, as oficinas se colocaram como uma oportunidade para docentes conhecerem melhor as trajetórias escolares das juventudes. Essa forma de conhecer implica em uma disposição dos e das participantes pela reflexão, pois o contato com as escrituras juvenis exige uma leitura atenciosa, pedagógica e política. Um ler cientificamente amoroso. Leitura que se faz com os olhos, mas também com o *coração* e com a *coragem*. Ou seja, uma leitura que produz processos educativos de desaprendizagens e aprendizagens sobre as questões raciais, de gênero, mas principalmente, sobre o ser gente na escola e na universidade.

Nesses tipos de leitura, os novos conhecimentos adquiridos e/ou as experiências vividas partem da realidade das pessoas ali envolvidas, desnaturalizando aquilo que, a princípio, poderia lhes parecer algo já dado. Nesse processo, as pessoas são levadas a perceber novas nuances do que se visa compreender, estudar ou sentir. O aprender em oficinas têm sempre um caráter de problematização, de questionar a realidade e, posteriormente, debruçar-se sobre a discussão de novas possibilidades educativas. O debate, ou seja, o círculo de discussão foi um mecanismo usado para aproximar a escola e a universidade das realidades juvenis.

Este volume está dividido em duas partes: I - ***Desfazer-se em oficinas formativas***, onde cada uma das oficinas realizadas no projeto é descrita desde o seu planejamento até os apontamentos e observações daqueles e daquelas que as conduziram. Estes re-

gistros foram importantes subsídios para que as e os participantes pudessem pensar e discutir sobre outros elementos que delas emergiram. Desta maneira, acreditamos que as descrições que seguem podem ser instrumentos de reflexão e inspiração para ações e intervenções com as juventudes no interior das escolas. Na Parte II - ***Cartas docências***, os leitores e as leitoras terão acesso às cartas escritas, ao final de cada oficina, por professores e professoras que participaram dessas formações. Esses profissionais são chamados a construir uma conversa educativa com as juventudes. Nessas cartas, professoras e professores deixaram registrados as afetações de cada escrevivência em suas experiências docentes.

A seguir, temos a descrição das oficinas. Começamos com uma caracterização de cada uma, com destaque para: participantes, local de realização, objetos utilizados, as reflexões e sínteses.

Oficinas formativas

O objetivo central foi o de trazer para dentro da escola e da universidade reflexões sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQTs. Cada oficina trazia uma certa singularidade, seja: as características dos participantes e suas relações com a temática racial e de gênero, o lugar e a estrutura disponível para sua realização e o modo como os coordenadores e as coordenadoras organizavam os trabalhos.

Apesar dessa singularidade, as oficinas foram estruturadas em torno de quatro momentos. O primeiro momento, denominado “Escrevintes em cartas”, tinha como objetivo iniciar uma comunicação sensível e empática entre as juventudes que chegavam pelas cartas e os participantes (professores/as, coordenadores/as, diretores/as, gestores/as, secretários/as, graduandos/as). Neste início, os/as participantes eram convidados/as a lerem as cartas juvenis. A forma como as cartas eram apresentadas variava de acordo com o espaço e a estrutura em que acontecia a oficina. Em alguns casos utilizava-se um varal com elas penduradas, em outros se entregava aleatoriamente aos participantes as

cartas impressas. Após a entrega/exposição das cartas de remetentes desconhecidos aos desconhecidos destinatários, dava-se um tempo para que os participantes pudessem lê-las.

Logo após, iniciava-se o segundo momento, denominado “Escrever é uma maneira de sangrar”²³, os/as participantes se organizavam em pequenos grupos para compartilhar e debater sobre as experiências escolares vividas e relatadas pelos e pelas jovens. Este era um momento importante na oficina, pois eles e elas eram convidados/as a trocarem impressões, sentimentos e angústias que vieram à tona durante a leitura. As dores e feridas causadas por vivências escolares marcadas pelo racismo e pela homofobia transbordam nas palavras das cartas-escrevivências – relatos que emergiram com força nas partilhas dos professores e das professoras. O sangue das feridas se faz presente tal como anunciou Conceição Evaristo (2006), a escrita é um grito que denuncia a dor, e, para muitas pessoas pretas, uma maneira de sangrar.

O terceiro momento, denominado “Antes-agora-depois-e-do-depois-ainda”²⁴, marca o compartilhamento das reflexões realizadas diante das dores e sangramentos anunciados por aquelas escrevivências. Neste momento, os participantes formavam uma grande roda de conversa para partilhar entre si surpresas, angústias, reflexões, percepções e até reposicionamentos de conduta diante de tudo o que leram e debateram. Trata-se de um momento em que o presente se mistura ao passado mirando olhares para práticas futuras e, assim, dando passagem para o quarto e último momento, denominado “A criação de um novo destino...”²⁵, quando são escritas as cartas-respostas aos jovens e às jovens estudantes. Tais cartas não seriam enviadas às juventudes, mas tinham como objetivo compreender a leitura docente e o impacto daquela formação em cada participante. Para estimular a escrita das cartas docentes, baseamo-nos na proposta metodo-

23. Trecho da obra *Olhos d'água* (2018) de Conceição Evaristo.

24. Trecho da obra *Ponciá Vicêncio* (2006), de Conceição Evaristo.

25. Trecho da obra *Ponciá Vicêncio* (2006), de Conceição Evaristo.

lógica do Observatório da Juventude, da UFMG, nos três verbos, o “ver-ouvir-registrar” (Correa *et al.*, 2014). É um momento de

[...] continuidade do encontro [...] e, por conseguinte, uma continuidade do olhar e do ouvir. O registro é material básico para a análise posterior e a sequência do trabalho de observação (olhar e ouvir) (Correa *et al.*, 2014, p. 25).

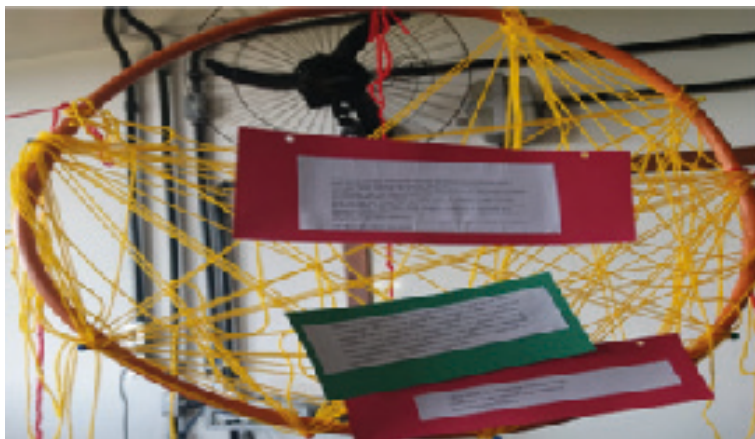
Assim, os registros ao final das oficinas são entendidos como continuidade das reflexões e debates realizados, mas também como forma individual de apropriação, sensibilização empática e redimensionamento de práticas dentro das escolas.

Não é nossa pretensão que aqueles e aquelas que tiverem acesso a esse material repliquem tais oficinas, mas que possam também se implicarem em discutir as questões raciais e LGBTQIAPN+ em suas escolas. Nesse sentido, nossa coletânea estará disponibilizada de forma irrestrita e gratuita. O material é para ser usado e reinventado conforme cada realidade escolar e universitária.

2

DESTAZER-SE EM OFICINAS FORMATIVAS

Liliane Souza²⁶
Cirlene Sousa
Francisco Martins
Marcos Silva



Fonte: Arquivo pessoal do projeto Educar-se.

A imagem acima é de uma foto retirada em uma das oficinas formativas. Nela estão excertos das cartas, afixados com barbantes em um bambolê. Os barbantes formam um emaranhado de fios que se encontram com as palavras ali escritas pelas juventudes participantes do projeto “Educar-se pela escrita de *Outres*”. A imagem ajuda-nos a refletir sobre as oficinas, pelas quais passaram mais de 150 professoras e professores da educação básica e mais de 100 estudantes de graduação. Podemos dizer que em

26. Currículos apresentados anteriormente.

cada oficina, o entrelaçar de vidas foi se estabelecendo. O *escrever* das juventudes encontra seus professores e suas professoras no *ler-viver*. Portanto, o fio condutor de cada oficina foi a *dodiscência*, palavra apropriada das escritas do educador Paulo Freire. Para ele, no seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1993), a relação *docência/discência* não pode se dar no vazio definidor de *pa-péis*, muito menos por uma postura espontaneísta. Freire destaca que numa situação educativa não *fazemos nada para* estudantes, *fazemos com* eles e elas. Nesse sentido, a relação *discência/docência* está no rigor ético de como os processos educativos e pedagógicos são conduzidos. Nesse sentido, haveria uma simbiose epistêmica na relação “*dodiscente*”, pela qual o conhecimento seria um movimento de constante recriação. Portanto, a *dodiscência* é o coração de qualquer prática educativa, lugar em que crianças, jovens e adultos podem se conectar, podem se aprender gentes e podem se refazer como pessoas e desaprender-se das desumanizações vividas ou provocadas. Para Paulo Freire, é lugar central para que se concretize a educação no seu sentido biófilo, pelo qual a vida se torna o sentido maior de qualquer experiência ou situação educativa. Assim, as histórias que acompanham estudantes e professores deveriam ser elemento fundante na produção dos currículos e das pedagogias escolares e universitárias.

Nossa pretensão, na partilha dessas oficinas, é que aqueles e aquelas que tiverem acesso a esse material possam discutir as questões raciais e LGBTQs em suas escolas. O presente material é para uso pedagógico, fiquem à vontade para reinventá-lo. Notamos cada oficina como um ato educativo e de reconhecimento de Outros, Outras e Outres em seu direito a uma escola pública, laica, de qualidade e diversa, e que, além disso, sejam garantidas às crianças e às juventudes segurança e permanência, além de uma trajetória escolar livre de violências. Desta maneira, acreditamos que as descrições das oficinas possam ser instrumentos de reflexão e inspiração para ações e intervenções nas escolas e outras instituições educativas. A seguir, descrevemos essas oficinas formativas, realizadas em escolas públicas do estado de Minas Gerais e em

cursos de graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Oficinas formativas

OFICINA 1

TÍTULO: <i>Educar-se pela escrita das juventudes negras e LGBTs</i>
DATA: 30/08/2019
LOCAL: Faculdade de Educação – UEMG
PARTICIPANTES: Estudantes de Pedagogia e professores e professoras da Faculdade de Educação da UEMG (38 pessoas)

Objetivos

- Analisar as escritas das juventudes negras e LGBTs e as indagações proporcionadas por elas em relação à realidade escolar;
- Sensibilizar professores e professoras para com a realidade enfrentada por esses/as estudantes na escola;
- Educar as docências, convidando-as a se fazerem *docências em escuta das juventudes*;
- Problematizar a diversidade e a prática docente no chão das escolas de educação básica.

Metodologia

1º Momento: **Escrevintes em cartas** – Antes mesmo do início das oficinas, foram pendurados, em um varal, fragmentos das cartas dos estudantes negros, negras e LGBTs. Os e as participantes, ao chegarem, liam e depois se sentavam em roda. Ainda como sensibilização, foi feita uma dinâmica na qual cada participante tinha uma folha em branco e deveria escrever uma pala-

vra que representasse e fizesse sentido à expressão: “Ser Aluno”. Posteriormente, girava sua folha para o lado e na nova folha que recebiam, ia se acrescentando novas palavras. Tal giro terminava quando a folha inicial chegasse ao participante que tinha escrito a primeira palavra. Logo após, foi realizada a leitura das palavras, bem como uma discussão sobre seus sentidos e significados.

2º Momento: **Escrever é uma maneira de sangrar** – Em pequenos grupos, as participantes e os participantes leram e debateram cartas escritas por estudantes, que relatavam experiências de violência vividas na escola. Ao final, cada grupo produziu um relato para ser socializado no coletivo.

3º Momento: **Antes- agora- depois- e- do- depois- ainda** – Os pequenos grupos retomaram a roda para compartilhar suas considerações sobre o debate. As participantes e os participantes foram incentivados a socializar suas experiências e reflexões, além de apontar as implicações dessas vivências em sua prática docente.

4º Momento: **A criação de um novo destino** – As pessoas interessadas poderiam fazer uma resposta à carta que leram. O objetivo era que se tecesse reflexões sobre o ocorrido e dialogasse com as juventudes negras e LGBTs.

Síntese reflexiva

Os participantes e as participantes apontaram e discutiram as várias situações de violência cometidas sobre as juventudes negras e LGBTs de suas escolas. Diante do quadro posto, fora refletido como tais violências, ao serem naturalizadas no cotidiano escolar, não são notadas, na maioria das vezes, como violências estruturais, como misoginia, sexismo, racismo, machismo, que precisavam ser enfrentadas com rigor da lei e com *práxis* educativas emancipadoras. Mesmo diante de tantos desafios, debatia-se sobre campos de possibilidades de a escola se estruturar como instituição educativa na qual tais juventudes pudessem fazer a experiência de se conhecerem pessoas de direitos. Diante de tais reflexões, os professores e professoras conseguiram com-

preender as várias contradições que atravessam as relações escolares e que precisam ser visibilizadas e enfrentadas. Nesse sentido, manifestaram a urgência de se entender pedagogicamente os processos de desumanização e as relações de opressão que se revelam e se constroem nas escolas e universidades.

OFICINA 2

TÍTULO: <i>Educar-se pela escrita de Outres.</i>
DATA: 28/06/2018
LOCAL: Faculdade de Educação – UFMG
PARTICIPANTES: professores e estudantes da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais (42 pessoas)

Objetivos

- Analisar as escritas de juventude negras e LGBTQTS e as indagações proporcionadas por elas em relação à realidade escolar;
- Sensibilizar professores e professoras para com a realidade enfrentada por esses estudantes na escola;
- mobilizar professores e professoras para uma docência da escuta de jovens negros, negras e LGBTQTS;
- Problematizar a realidade escolar e a prática docente no que tange às trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQTS.

Metodologia

1º Momento: **Escrevintes em cartas.** No início, foi feita a apresentação dos e das coordenadoras, seguida por uma explicação sobre a oficina e sua relação com a extensão universitária. Em seguida, cada participante se apresentou e compartilhou suas expectativas em relação ao processo formativo.

2º Momento: **Escrever é uma maneira de sangrar.** Escrever é uma maneira de sangrar. As e os participantes foram divididos em pequenos grupos que se apropriaram de uma carta. Ainda aí, debateu-se a realidade apresentada e as situações de violência vividas pelos/as estudantes no interior da escola. Ao final produziu-se um relatório das reflexões do grupo e partilhado entre as pessoas presentes.

3º Momento: **Antes-agora-depois-e-do-depois-ainda.** Os grupos se colocam em roda de conversa. Cada participante fez suas considerações sobre o que as cartas traziam e o que elas provocaram em cada um, cada uma. O medo juvenil foi um tema que pautou o debate, tais como: sofrer por ser diferente; não se adequar aos padrões privilegiados pelo pensamento hegemônico; estar na escola mesmo sob ameaça de maus tratos, essa era a realidade das juventudes negras e LGBTs ali escritas.

4º Momento: **A criação de um novo destino.** Os/as participantes interessados/as poderiam escrever uma carta resposta. Tal escrita tinha como objetivo o tecer reflexões sobre as experiências juvenis e com elas produzir diálogos educacionais.

Ao final, três jovens que escreveram cartas estiveram presentes para uma breve conversa com os participantes da oficina. Essa presença impactou bastante as pessoas ali presentes, as quais tiveram a oportunidade de conversar com aquelas juventudes. Neste momento, professores e professoras negros/as e LGBTs se encorajaram e entram em cena, partilhando também suas histórias. Um momento único de empatia, de entendimentos mútuos, de pedidos de desculpas, de encorajamento, de lágrimas não contidas. E dali nasce um pacto por espaços educativos mais acolhedores.

Síntese reflexiva

As impressões sobre as atividades exercidas foram positivas e os e as participantes da oficina se mostraram interessados/as em se integrarem em eventos posteriores. Inclusive, um deles (professor de história de uma escola pública) pediu para que a oficina

fosse realizada em sua escola (pedido este que foi logo acolhido pela equipe do projeto). Outra participante nos relatou que a escolha de seguir sua carreira na licenciatura foi, justamente, pelo fato de ter sido silenciada na escola. Ela destacou que um trabalho diferente pode contribuir para um encontro mais afetivo entre vidas juvenis no ensino médio. Todos estes depoimentos fortalecem a importância dessas ações extensionistas para o processo de formação continuada de professores da educação básica e superior e para uma integração maior entre escola e universidade.

OFICINA 3

TÍTULO: <i>Educar-se pela escrita das juventudes Negras e LGBTs</i>
DATA: 30/10/2019
LOCAL: Unidade da Faculdade UNA – Avenida Cristiano Machado – Bairro Floramar
PARTICIPANTES: Núcleo de Formação Étnico-Racial da Regional Norte da Prefeitura de Belo Horizonte, composto por gerentes de regional, professores/as, bibliotecários/as e coordenadores/as das Escolas Municipais (32 participantes)

Objetivos

- Potencializar as ações do núcleo diversidade no âmbito das Escolas Municipais da Regional Norte da Prefeitura de Belo Horizonte;
- Analisar as escritas das juventudes negras e LGBTs e as indagações proporcionadas por elas em relação à realidade escolar;
- Sensibilizar professores/as, bibliotecários/as, coordenadores/as e demais funcionários/as das escolas quanto à realidade enfrentada pelas juventudes;

- Estimular os presentes para a escuta pedagógica de jovens negros, negras e LGBTQs;
- Problematizar a realidade escolar e a prática docente no que tange às questões raciais e de gênero.

Metodologia

1º Momento: **Escrevíveis em cartas** – Os e as participantes, ao chegarem, se depararam com um varal com recortes das cartas juvenis, ao som da canção *Cálice*, de Chico Buarque. Tais participantes liam os fragmentos e depois se sentavam em roda. Em seguida, foram realizadas conversas em que cada um, cada uma refletiu sobre sua atuação na educação básica e sobre suas expectativas em relação à oficina.

2º Momento: **Escrever é uma maneira de sangrar** – Os e as participantes foram divididos em pequenos grupos. Cada grupo se apropriou de uma carta escrita por um jovem que fazia um relato de situações vivenciadas na escola. O grupo deveria se orientar pelas seguintes perguntas: “Que escola temos?” e “Que escola queremos?” Mediante demanda, ainda nos pequenos grupos, os/as participantes debateram sobre as realidades apresentadas nas cartas e as situações de violência vividas pelos/as estudantes no interior de suas escolas. Ao final, realizou-se um momento de socialização das reflexões realizadas em cada grupo.

3º Momento: **Antes-agora-depois-e-do-depois-ainda** – Em formato roda, foram feitas as considerações de cada grupo sobre o que as cartas traziam e o que o grupo debateu em torno das histórias narradas. As pessoas foram encorajadas a exporem suas experiências e reflexões em relação às situações debatidas, bem como apontar as implicações dessas experiências em seu fazer docente. Alguns posicionamentos foram marcados pela emoção, nos quais o choro esteve presente.

4º Momento: **A criação de um novo destino** – Os/as interessados/as foram convidados a escrever uma resposta para

as juventudes negras e LGBTs. Foi o momento de se fazer uma aproximação maior entre histórias juvenis, docência e escola.

Síntese reflexiva

Ao final da oficina, os e as participantes deixaram falas de suma importância para a pedagogia escolar. Algumas pessoas destacaram o quão importante é a discussão das temáticas raciais e de gênero para educação básica e que esperam um futuro de mais respeito ao próximo em suas escolas. Outras, destacaram seus medos no trabalho com essas questões devido às perseguições de governantes, gestores e pais. Porém, não podemos deixar de citar a esperança que professoras e professores, ali presentes, têm nas crianças e jovens. Outras ainda fizeram notar que em situações as crianças e jovens são ouvidos e respeitados, eles e elas podem ser capazes de mudar o futuro da educação.

Essa oficina contou com a presença da Conselheira Municipal de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Belo Horizonte.

OFICINA 4

TÍTULO: <i>Educar-se pela escrita das juventudes Negras e LGBTs</i>
DATA: 09/11/2019
LOCAL: Escola Estadual Romualdo José da Costa
PARTICIPANTES: Professores e professoras de diferentes disciplinas da escola (30 pessoas)

Objetivos

- Analisar as escrevências das juventudes negras e LGBTs e as indagações proporcionadas por elas em relação à realidade escolar;

- Sensibilizar professores e professoras para com a realidade enfrenta da por essas juventudes na escola;
- Conscientizar para a escuta educativa de jovens;
- Problematizar a realidade escolar e a prática docente no que tange ao debate da diversidade.

Metodologia

1º Momento: **Escrevintes em cartas** – Em uma roda de conversa, cada participante foi convidado, convidada a relatar sobre sua experiência escolar e sobre suas expectativas em relação à oficina. Em seguida, as pessoas presentes foram divididas em pequenos grupos e cada grupo se apropriou de uma carta juvenil.

2º Momento: **Escrever é uma maneira de sangrar** – Nos grupos, debateu-se sobre as realidades apresentadas nas cartas e as situações de violência vividas pelos e pelas estudantes no interior da escola. Em seguida, escolheram um relator para socializar as reflexões com os demais grupos.

3º Momento: **Antes-agora-depois-e-do-depois-ainda** – Os grupos menores retomam a formação anterior em formato de roda. Foram feitas as considerações sobre o que as cartas traziam e o que cada grupo refletiu sobre tais narrativas. As pessoas foram encorajadas a socializar suas experiências e reflexões em relação às situações debatidas, bem como apontar as implicações dessas experiências em seu fazer docente.

4º Momento: **A criação de um novo destino** – Os/as interessados/as foram convidados a escrever uma resposta às cartas das juventudes negras e LGBTQs. Por meio dessas cartas, professores e professoras poderiam deixar expressos a vinculação daquelas escrevivências em suas práxis pedagógicas. O que aquelas juventudes negras e LGBTQs tinham a dizer para a escola e para cada professor e professora que ali se deixam tocar pelas suas escrevivências.

Síntese reflexiva

Um aspecto importante foi a participação da direção na oficina. O diretor da escola se mostrou aberto às discussões, sensível ao tema e às provocações ao Projeto Político Pedagógico da escola. O grupo de professores e professoras desta escola se mostrou tocado pelas cartas juvenis. Parte deles e delas compartilhou suas experiências em sala de aula; apresentou as dificuldades e delimitou campos de possibilidades para o trabalho com as temáticas do racismo e da homofobia escolar. A carta foi notada como um instrumento pedagógico relevante para a educação básica trabalhar com temas raciais e de gênero. Nesta oficina, a pedagogia do olhar e da escuta foram percebidas como elementos importantes para se pensar a relação entre juventudes e educação básica. Parte das professoras e dos professores se mostraram interessados em participar de outros momentos formativos; enquanto alguns se mostraram incomodados com o tema. Mas ao final, todos avaliaram de forma positiva aquela oficina.

OFICINA 5

TÍTULO: <i>Educar-se pela escrita das juventudes Negras e LGBTs</i>
DATA: 18/11/2020
LOCAL: Faculdade de Educação – UEMG
PARTICIPANTES: Graduandos/as de Pedagogia e professores/as da Faculdade de Educação da UEMG (38 participantes)

Objetivos

- Analisar as escritas de juventudes negras e LGBTs e as indagações proporcionadas por elas em relação à realidade escolar;

- Sensibilizar professores para com a realidade enfrentada por esses sujeitos na escola;
- Conscientizá-los, conscientizá-las sobre a importância da escuta de jovens negros, negras e LGBTs, no chão da escola;
- Problematicar a realidade escolar e a prática docente no que tange às questões de gênero e raça.

Metodologia

1º Momento: **Escrevientes em cartas** – Leitura do conto “A gente combinamos de não morrer”, do livro *Olhos D’água* (2014), de Conceição Evaristo. A partir dessa leitura foi apresentada a proposta de trabalho com a metodologia das escritas vivências.

2º Momento: **Escrever é uma maneira de sangrar** – Os participantes, as participantes foram divididos em pequenos grupos. Cada grupo se apropriou de uma carta escrita por um/uma jovem que fazia um relato de situações de violências vivenciadas na escola. Ainda nos pequenos grupos, debateram sobre as realidades apresentadas nas cartas e as situações de violência vividas pelos e pelas estudantes no interior da escola. Ao final, cada grupo escreveu um relato com as reflexões realizadas.

3º Momento: **Antes-agora-depois-e-do-depois-ainda** – Os grupos retomam a formação anterior em formato de roda. Nesta roda, o relator, a relatora lê as considerações de cada grupo sobre o que as cartas traziam e o que os/as participantes refletiram sobre tais narrativas. As pessoas foram encorajadas a socializar suas experiências e reflexões em relação as situações debatidas, bem como apontar as implicações dessas experiências no fazer docente de cada um.

4º Momento: **A criação de um novo destino** – Os /as interessados/as foram convidados a escrever uma “carta-resposta” às juven tudes negras e LGBTs. Cada um, cada uma deveria escolher uma carta a ser respondida. Em suas cartas, professores

e professoras chegavam àquelas juventudes com suas palavras, seus sentimentos e seus aprendizados.

Síntese reflexiva

Ao fim da oficina, o grupo apontou importantes aspectos em relação à tríade: escola, processo formativo e construção do conhecimento. A inscrição da escola em moldes padrões de comportamentos não a permite se afetar pela pluralidade dos e das estudantes que a ela chegam, por isso, há uma urgência de aproximação entre ser estudante, ser jovem, ser negro/a, ser LGBTQs e o currículo escolar; as instituições escolares citadas nas cartas juvenis, por se enquadrarem em padrões sociais hegemônicos, acabam por reverberar práticas racistas e homofóbicas. O grupo ressaltou ainda a importância da existência e da manutenção da relação entre a universidade e a escola pública e reforçaram a singularidade das cartas como objeto e ferramenta formativa tanto para estudantes quanto para professores, tendo em vista a sua riqueza ao elucidar as vivências daquelas juventudes. E, por fim, os participantes, as participantes destacaram como as oficinas os/as afetaram a ponto de mobilizá-los, mobilizá-las a se posicionarem e relatarem situações vividas em suas escolas como as tratadas nas cartas.

3

ENTRE CARTAS DODISCENTES

Francisco André Silva Martins²⁷

Cirlene Cristina de Sousa

Liliane Souza Silva

Neste capítulo, apresentamos um conjunto de cartas-respostas, escritas por professores e professoras, destinadas a estudantes que nos livros anteriores nos confiaram relatos de suas trajetórias escolares marcadas, em grande parte, por experiências de racismo e homofobia, mas também por piscadelas de libertação, esperança, teimosias e brilhos. Em suas escritas, professores buscam expressar como a realidade cruel descritas pelos alunos e alunas impactaram suas docências. Ao debaterem sobre tais cartas, parte deles e delas fala sobre a forma como os currículos e a rotina escolar ainda hoje vem contribuindo para a invisibilidade de dores e angústias como a descritas pelas e pelos jovens. Uma parte dos educadores e das educadoras coloca em destaque que seus olhares sobre o cotidiano escolar e as relações ali experimentadas não seriam mais os mesmos depois de lidas aquelas cartas.

Diante das diversas reflexões realizadas nas oficinas formativas, acreditamos que a escuta, enquanto prática pedagógica, pode constituir uma relação mais humanizadora de professoras e professores com estudantes negros, negras e LGBTQIAPN+. Os/as participantes das oficinas levam a certeza de que violências racistas e homofóbicas não deveriam ser vividas na escola e na universidade. O reconhecer de cada um, cada uma de que a escola é uma

27. Currículos apresentados anteriormente.

instituição social e que nela pode se reproduzir crises, conflitos e disputas da própria sociedade, não pode ser uma “desculpa” para dar vazão a qualquer tipo de violência. Nesse sentido, reconhecer o problema é colocar-se em posição de enfrentamento pedagógico.

As cartas de professores e professoras aqui publicizadas não são apenas respostas a uma outra recebida. Uma carta leva um pouco de quem a escreveu, o cheiro, a letra, a marca de uma lágrima que caiu sobre o papel, um modo de ser, na mesma medida em que, quem recebe, responde também com marcas de si. No caso do projeto aqui partilhado, tratou-se de experienciar a vida de Outros em diálogo consigo mesmo e, assim, conhecer o íntimo da diferença sem, necessariamente, saber de quem se trata. Os professores e as professoras responderam a estudantes que não conheciam pessoalmente, mas que se tornaram próximos por meio das palavras e das vivências partilhadas. Não foram raras as experiências correlatas entre estudantes e professores, aproximados pela condição popular, racial ou de orientação sexual que os afetavam. Percebe-se, nitidamente, o quanto docentes também foram afetados pelas formas de institucionalizar a escola, muitas vezes, silenciadora de vidas, e que na correria de afazeres e das burocracias que lhes são postas, não deram conta de perceber tais silêncios e sobre eles atuarem. Assim, as cartas docentes são documentos que vêm reforçar a responsabilidade contida em nossas ações e discursos como formadores de gente, que deveríamos apostar e investir em relações mais pedagogicamente humanas, gentis e libertadoras.

Nas oficinas que realizamos, não foram poucas as vezes que professoras e professores disseram que poderiam ter se posicionado de maneira diferente em relação a situações similares presenciadas em seu ambiente de trabalho. Diante desse quadro, temos a consciência de que optamos pelo caminho que mais acreditamos para se pensar o ser humano, a educação. Nesse sentido, buscamos constituir estratégias pedagógicas, inspiradas na obra do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Para ele, frente às opressões que enfrentamos na vida cotidiana, seria mais pedagógico, ao invés de buscarmos culpados, cons-

truir processos educativos que levem tanto as vítimas das opressões cotidianas quanto os opressores a compreenderem como suas atitudes e seus posicionamentos podem roubar e ferir tanto as suas, quanto as humanidades das outras pessoas. Atitudes que fazem a vida de ambos ser menos potente. A formação, nesse sentido, deve levar à libertação de oprimidos e opressores.

Portanto, no presente livro, tivemos entre nossas intenções provocar em nós, enquanto coletivo docente, inquietações que nos levassem a refletir sobre nossos fazeres pedagógicos e sobre nossas atuações profissionais e políticas diante das vidas negras e LGBTQIAPN+. A inquietação aqui é entendida no seu sentido pedagógico e político, aquela que produz em nossas docências necessidades de reposicionamentos frente as opressões descritas nas cartas que, em grande medida, só existiram devido à falta de um investimento maior na pedagogia da escuta, como uma prática escolar. E também pela falta de estrutura educacional e formativa que os profissionais da educação deixam de receber quando se trata das questões étnico-raciais e de gênero. Assim, as respostas docentes às juventudes negras e LGBTQs ao que nos parece, mais que sensibilizar, promoveram um certo desequilíbrio em muitos dos e das presentes. Uma oportunidade de aprendizagem e transformação, um convite a afastar-se de saberes já legitimados e, por vezes, pouco refletidos, e a abrir-se ao novo que a experiência ensina.

As cartas remetem a um debate recorrente em todas as oficinas: apesar das dificuldades de nossas escolas, nossas práticas docentes refletem-se em trajetórias que podem se aproximar de pedagogias mais biófilas e/ou mais necrófilas. O que torna nossa atuação mais que um trabalho, pois o ser docente envolve a relação humana, o lidar de gente com gente, e isso se torna força motriz para a continuidade de lutas históricas que ocorrem em nossa sociedade. Entretanto, mesmo diante de tamanha responsabilidade, há que se observar atentamente que o trabalho docente não é algo da ordem dos “dons”. Falar da docência é falar também de uma profissão que demanda muito estudo e dedicação, muito planejamento e organização, muito esforço e muitas dificuldades, por isso reforçamos

a importância da luta histórica pela valorização da carreira desses profissionais, para além de discursos politicamente vazios.

Em se tratando da trajetória dos educadores e das educadoras, há que se dizer que esse processo de abertura para questões sobre diversidades, muitas vezes pouco problematizadas na formação, é complexo. Discutir as questões étnico-raciais e LGBTQIAPN+ na escola e na sociedade é um campo de disputa. Como docentes somos marcados e marcadas por discursos históricos que constroem imagens do nosso ser professor. Nesse sentido, o mais importante é saber romper com a ideia de monopólio do saber e se colocar no lugar de quem tem muito a aprender, com os estudantes. E, fundamentalmente, construir pactos em favor da vida.

Como notamos nas formações realizadas, as mudanças de posturas não são realizações simples de se aprender, principalmente, quando o que está em jogo são opressões estruturais. Mas elas são necessárias e urgentes. Dessa forma, temos a certeza de que um projeto extensionista não seja capaz de nele mesmo quebrar estruturas, como os conflitos de caráter étnico-raciais e de gênero que se vê atravessados no cotidiano escolar. Todavia, há que se evitar subestimar as potencialidades da formação docente e da força dos nossos coletivos. Nas oficinas formativas, há troca de medos, de dificuldades, mas também horizontes de expectativas frente aos desafios que as juventudes traziam em suas cartas, foram exemplos importantes dessa força do coletivo. Nesse sentido, se alguns poucos se implicarem em pensar seu fazer profissional via um olhar mais sensível para com as questões que estudantes negros, negras e LGBTQs trazem para o chão da escola, podemos dizer que este trabalho de extensão valeu a pena. Agora, com esta coletânea, esperamos alcançar mais colegas. Esperamos que professores e professoras possam ler sobre o projeto, que possam conhecer um pouco mais sobre os/as jovens estudantes que chegam às suas escolas grávidos e grávidas de vidas e de inquietações.

4

PALAVRAS LANÇADAS AO MAR DAS NOSSAS DOCÊNCIAS

Marcos Antônio Silva²⁸

Caros leitoras e leitores,

Nas páginas que se seguem, vocês terão a oportunidade de ler relatos de professores e professoras que, tocados/as com as experiências das juventudes negras e LGBTQIAPN+, se dispuseram a refletir, escrevendo cartas-respostas. Essas respostas concretizam-se de diferentes formas e ciclos. Um primeiro ciclo do projeto *Educar-se*, as e os jovens assemelham a naufragos ilhados por um mundo de intolerância e violência, e escreveram suas cartas como se fossem mensagens lançadas em uma garrafa em um vasto mar.

À deriva, essas mensagens encontraram docentes que aqui escrevem, com a mesma consternação de quem encontra uma mensagem de um naufrago boiando em alto mar, sem saber onde está quem a escreveu. Buscam ajudar, lançando respostas pela mesma via, expressando palavras de desculpas, força, alegria, indignação, empatia e amor.

Entretanto, em uma leitura atenta, os relatos docentes deixam transparecer que, ao contrário do que se imaginava inicialmente, as mensagens das juventudes lançadas ao mar são, na verdade, boias de esperança e aprendizagens para nós, leitores e leitoras, às vezes, cegos pela banalização da violência em nosso cotidiano escolar, onde há muito entendemos como natural e

28. Currículo indicado na nota 11.

comum o inconcebível, pois já estamos imersos no mar que ínsula as juventudes que escreveram suas cartas.

Outro ciclo que as cartas-respostas dos docentes encerram em nosso projeto é o de alcançar uma educação efetivamente relacional. Para além de nossas intenções dentro do espaço escolar, no qual, frequentemente, citamos frases como a de Paulo Freire, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Sabemos que nossas escolas ainda sofrem com a capitalização de seus currículos e dos seus projetos educacionais. Sabemos que, com a mercantilização da educação, muitas vezes, nossos estudantes não são notados em sua integralidade, mas são números a engordar as estatísticas tão almeçadas pelas autoridades políticas e gestoras.

Nesse cenário, como descrito nos relatos apresentados pelos jovens, nossas escolas se aproximam da perturbadora metáfora utilizada pela banda de rock Pink Floyd, no clipe da música *Another Brick in the Wall*. Neste clipe, em uma linha de produção industrial fordista, as identidades e subjetividades dos estudantes são retiradas, levando-os em direção a uma máquina de moer gente. Nas escolas e nas sociedades, o diferente, na maioria das vezes, não é parte dos seus projetos educativos, as juventudes que não se enquadram na curta régua do que é considerado normal e padrão são desumanizados, são violentados, são silenciados por colegas, direção, famílias e professores que não foram formados para educar e se educar com as diversidades.

A leitura das cartas dos/as estudantes negros, negras e LGBTs se apresentou como um convite aos participantes das oficinas formativas para essa escuta. Convite esse, aceito por professores/as e graduandos/as que, a partir daquelas cartas, se dispuseram a repensar o papel da escola na formação das novas gerações. O exercício da escrita por parte dos docentes foi a de produzir um diálogo com essas juventudes que por vezes estão tão próximas fisicamente, mas tão distantes curricularmente.

Deste modo, as cartas-respostas se referem às experiências de libertação das violências de gênero e raciais por eles e elas exercidas

ou sofridas, evidenciando nessas últimas o papel desumanizador e de fragilização da opressão para o próprio opressor. Despidos de seu lugar de professor e professora, em um exercício reflexivo, os docentes trocam experiências e concretizam na prática o já foi enunciado por Paulo Freire (2021), que o aprender é uma experiência mediada pelas relações das pessoas no e com o mundo.

Porém, na escola industrial da não escuta, por mais sensíveis que sejam, os professores e professoras raramente têm tempo para escutar seus estudantes de maneira ativa, e os diálogos mediados via cartas foi uma maneira desses profissionais aprender com os relatos dos/as jovens que os confiaram suas histórias. As cartas foram, para os jovens e as jovens, uma maneira de visibilizar suas vivências escolares e foram, para os professores e professoras, uma forma de compreender melhor suas docências, a escola e o que tais juventudes esperam. Por fim, os diálogos que se estabelecem entre educadores, educadoras e estudantes nessa publicação evidenciam a necessidade de investir na compreensão das juventudes em seu tempo presente, ao risco de perdê-las, pois para além das ambições da sociedade baseadas na competição, os relatos evidenciam que para termos jovens de futuro, precisamos cuidar dos e das jovens do presente, pois, como nos ensina Juarez Dayrell (2003)²⁹, o jovem não é um vir a ser.

Boa leitura!

29. Dayrell, Juarez. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003.

5

CARTAS DOCENTES

André de Souza Vieira³⁰

De jovem para jovem

Querido Brilho Negro,

Como foi bom ter lido sua carta! Fico extremamente feliz em saber que a sua jornada está marcada pelo seu brilho, e é reconfortante perceber que você tenha em seu brilho a participação de pessoas como sua mãe e sua professora de sociologia. O que seríamos, nós jovens negros, sem elas, não é mesmo?

Bom para começar, ao ler sua carta fui me recordando também de experiências escolares que me marcaram ao longo da educação básica, algumas boas e outras ruins. Mas todas intensificadas pela nossa condição de jovens negros. De início, é preciso destacar que eu reconheço o meu privilégio de jovem negro em relação a outros jovens, qual seja: toda a minha educação básica foi realizada em escola particular. Mas ao mesmo tempo que isto possa ser visto como um privilégio, talvez tenha sido o motivo de poucas vezes de eu ter tido oportunidade de brilhar nesse ambiente, mesmo que todo bimestre tenha sido escolhido pelos professores como aluno destaque. Digo isso, pois foi ali, naquela ambiência escolar, que problemas com autoestima e confiança misturados com a timidez começaram a fazer parte da minha vida escolar. Eu ficava tentando entender a explicação de por que outros colegas não passavam por aquilo também, mas com o tempo comecei a perceber que outros amigos negros também passavam por aqueles mesmos

30. Antes das cartas docentes, partilhamos a carta do jovem André, estudante de Engenharia Civil na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), jovem que, a partir da leitura da carta do jovem Brilho Negro, compartilha com ele sua história e a importância de professores e professoras no combate ao racismo escolar.

problemas e sentimentos, e até mesmo piores. Lembro-me de um amigo que todo dia recebia piadas racistas sobre a cor de sua pele, e um outro que virou piadinha de alunos e até por professor por causa de seu cabelo volumoso. Mas sabe a semelhança entre os dois? A maneira como brilhavam, o primeiro tinha tanto brilho, que todos queriam ser seu amigo, e o segundo, hoje, tem seu cabelo volume desejado e admirado.

Enquanto isso, eu permanecia quieto e tímido, tentando compreender melhor as complexidades das situações ao meu redor. Para falar a verdade, eu não sei quando comecei a me reconhecer como um jovem negro, eu me recordo da minha tia (que é, lógico, uma professora rsrs) falando comigo desde quando eu era criança, “olha sua pele, como ela é bonita! Me passa um pouco dela, menino!”. Mas foi no ensino médio que eu comecei a encontrar meu brilho e reconhecer a minha luta, com a minha primeira professora negra, de matemática, que me fez gostar ainda mais da matéria, finalmente eu me sentia representado dentro de uma sala de aula, não somente como um jovem negro, mas como alguém que poderia brilhar. E eu não poderia deixar de citar sobre o meu professor de sociologia também, que assim como a sua professora, foi um grande brilho na minha vida. Foi através deles que eu me senti representado. Eles são os grandes responsáveis por hoje eu estar cursando um curso de engenharia em uma Universidade Federal.

Agradeço por você compartilhar um pouco de sua história e por me incentivar a refletir sobre minha própria negritude. É incrível como o apoio e a inspiração das nossas professoras e professores podem fazer tão bem para a gente. Que a nossa luta seja por mais professores e professoras que sejam capazes de fazer acender em cada jovem negro, os seus próprios brilhos. Que a nossa cor seja o motivo do nosso brilho, afinal o brilho negro se destaca mais. Fico muito feliz com a sua carta e sei que você é um cara que brilha muito e brilhará muito ainda. Que a nossa luta continue sendo por nós, como diz o próprio emicida “tudo que nós tem é nós”

Um forte abraço,
André

PROFESSORA DAIANA CRUZ³¹

Querida Luz,

Ao ler sua carta, pude sentir quase um eco da minha própria história, até mesmo de algumas outras, como se fosse um “encontro” de vozes que se misturam. Talvez por isso, não consigo respondê-la sem imaginar nós duas sentadas descontraídas enquanto compartilhamos coisas da vida. Das vitórias aos desafios desse “tornar-se”, que é tão profundo e belo, que merece nosso ouvir mais aberto. Posso dizer logo de primeira que você não está sozinha, e que eu, bem como muitas outras, estamos orgulhosas de onde você chegou! Ouso dizer que compreendo muito bem o que é ser preterida, não ouvida, e até mesmo apagada para que outras pessoas pudessem “brilhar”. Assim como também sei o que é fazer da transição capilar um verdadeiro rito de passagem para quem escolhemos ser. E finalmente, nossa afinidade também está na escolha política pelo curso de Pedagogia. Sim, compartilhamos a mesma vontade de luta para que muitas outras tenham a possibilidade de ser quem quiserem ser.

Então, peço licença para dividir três palavras que tenho aprendido e construído em mim. Espero que sejam aproveitadas para você também. A primeira é *coragem*. De acordo com o Dicionário Etimológico, coragem vem do latim “coraticum”, que equivale a algo como “bravura que vem de um coração forte”, que na passagem para o português – recebendo o sufixo “agem” – significa “ação do coração”. Logo, que essa coragem esteja sempre ligada ao que você é! Ao tomar decisões importantes, escolha de maneira corajosa agir de acordo com seu coração,

31. Daiane Oliveira da Cruz: professora da educação infantil na Escola Municipal Carlos Pinheiro Chagas da rede municipal de Oliveira-MG. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE-UEMG). Pós-Graduada em Educação Infantil, História e Cultura Afro-brasileira. E graduada em Pedagogia, também pela UEMG.

e mesmo que muitos não entendam, acolha e respeite isso. Em muitos momentos a luz que você descobriu necessitará de coragem para se manter acesa. E tenho certeza que você terá isso, basta não deixar de acreditar em si mesma. À medida que descobrir quem é você e do tanto que é capaz, que não lhe falte em momento nenhum, coragem para ser!

A segunda, pode inclusive soar como antiquada, mas confie, *amor* é algo importante nessa trajetória. Amor, não como uma palavra ou simplesmente sentimento, mas como dizia bell hooks, **amor como ação, como revolução**. Tanto para que a menininha solitária se lembre do profundo amor que merece, tanto para que a adulta forte se permita ser cuidada e acolhida pelo amor que recebe, como também para a profissional, que descobrirá nesse amor potente, meio de oferecer e lutar pela transformação do mundo. Que o amor seja possível para nós, não nos seja negado, e que possamos nos acostumar com uma vida na qual o amor seja parte do que nos constituí, nunca o ódio. Que o amor prevaleça e fortaleça as diferenças e sobretudo, ao direito de ser de todos. Pois é, ame! Ame a si mesma, ame suas lutas e suas vitórias, ame até mesmo os tropeços e escolha como prioridade o amor, e não tenha medo de não pertencer a lugares onde o amor não se fizer presente. Seja e construa amor!

Por fim, nossa última palavra pode ser um misto das demais, ou a continuidade delas. Você pode escolher como definir. Mas diante a coragem e o amor, se renove e fortaleça pela *coletividade*. Aqui, não me refiro a uma necessidade de estar presa a regras e padrões de grupo algum, mas sim, sobre encontrar pares e reforços nas suas buscas. Afinal, um velho provérbio africano nos alerta “**se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo**”. Entender a força da coletividade e vivenciá-la é compor sentido a busca e a luta. Afinal, é um caminho muitas vezes desafiador, cheio de enfrentamentos, que apesar disso, a partir dele que você terá oportunidade de se encontrar e se perceber parte de uma coletividade. Onde as lutas ganharão força

com outras vozes, e cada vez mais, terá certeza do caminho que está trilhando. Então, simplesmente, brilhe!

E partindo para o final desta conversa-carta, não consigo não pensar no quão bonito é este lugar de iluminação e o quanto acredito em você, na sua luz e na sua força. E me faz ter certeza que encontrará meios de contribuir para criar muitas tantas constelações... Por fim, usando de sua metáfora, convido a poesia de Ryane Leão como mensagem final.

Pensando bem você sempre teve
você transforma
caos em estrelas essa fé desmedida
e foi um erro brilhar tantas vezes
pra iluminar escuridões que nem eram suas
mas isso te fez virar galáxia
desde pequena.

Com carinho,
Daiane Oliveira.

PROFESSORA SHIRLEY SANTOS³²

Karina querida,

Estive pensando em como responder a esta carta tão admiravelmente tocante! Impressionante como as suas memórias, apesar de relatarem momentos de tanta exclusão e sofrimento, não nos condicionam a julgamentos superficiais ou ainda mais violentos. Pelo contrário, sabe quando lemos um bom roteiro e nossas expectativas vão se fundindo ao enredo ao ponto de nos identificarmos naquelas palavras e, de alguma forma, irmos

32. Shirley Santos Oliveira: Professora de Língua Portuguesa do Centro Estadual de Educação Continuada (Cesec) Maria Vieira Barbosa da rede estadual de Minas Gerais. Mestra em Estudos da Linguagem e Práticas Sociais pelo ProflLetras/UFMG.

trilhando o fluxo delas como se, de alguma maneira, pudéssemos, assim como o narrador, definirmos o destino daquelas personagens? Pois bem, foi assim que me senti... Sim, é dor, é apagamento e aprisionamento de uma identidade sensível, única e ancestral. É, em muitas vezes, um não querer estar naquele contexto, naquele enredo e com aquelas personagens.

Mas, ao mesmo tempo, há uma gradatividade explicitamente paradoxal. De libertadora, ao optar pela mudança nos cabelos para que possa saciar uma vontade advinda de pessoas que tendem a excluir as singularidades das belezas diversas, às correntes que aprisionam a beleza de seus cabelos, assim como você os descreve; “bonito, volumoso, bem cuidado”, dentro dos entrelaces de suas tranças. Sabe, ler que o ambiente escolar foi um lugar de martírio para você entristece-me de maneira pessoal! Entender que no decorrer de sua vida escolar, e até mesmo na graduação, houve opressão, discriminação e exclusão de sua voz e imagem me remete a reflexão acerca de minha própria existência e participação como uma das personagens desses contextos, como mulher negra e como professora. Ter um olhar mais acolhedor, sensível e atento faria diferença na infância da menina Karina? Assim como a atual Karina questiona: *Como eu também poderia acalmá-la e acalentá-la?* Identificar e se preocupar com a sua ausência nas aulas, não como um número na lista de chamada, mas como aquela garota que, assim como a sua amiga preta que foram ridicularizadas pela turma ao apresentarem um trabalho, faria diferença? Creio que a resposta seja um sonoro e reflexivo sim.

Não há dúvidas do quanto o ambiente escolar é diverso e como ele nos proporciona um mundo gigantesco de possibilidades e experiências. Não se questiona a importância do conhecimento, fato. Contudo, esse mesmo ambiente pode ser extremamente desafiador, principalmente por trazer-nos mundos de *estórias* tão distintas, acrescidas de contextos dos quais desconhecemos e ou ignoramos. Você reagiu a todos os infortúnios com as ferramentas que lhe foram ofertadas, ou impostas, a esta, acredito que seja a melhor definição, para que houvesse, naquele momento, uma

aceitação ou mesmo uma visibilidade “invisível”, já que ao se tentar parecer e seguir os padrões impostos você se tornaria invisível aos questionamentos, julgamentos dolorosos e excludentes. Querida, ainda assim você não desistiu! Imagino que tenham ocorrido muitos momentos em que, em cenários distantes e ao longe de olhos tão excludentes, você se recolheu e chorou.

Sinto, sinto muito por não haver um momento “varinha de condão” que num passe de mágica apagasse todo aquele sofrimento... Pois é, nem sempre somos protagonistas de todos os capítulos. Ah, preciso confessar algo, minha querida: Às vezes, a pessoa que mais poderia estar atenta às diversas situações de preconceito e discriminação, especialmente no ambiente escolar, mais especificamente na sala de aula, não é antagonista ou coadjuvante desse enredo, mas também é alguém que, de alguma forma, tem se silenciado atrás de um visto ou outro, ou em meio às provas e mais provas a serem corrigidas... Sim, querida Karina, a professora que se comoveu tanto com o seu relato, por vezes também teve o seu capítulo de apagamento, de dororidade. Teve a sua pretitude desvanecida, silenciada. De quando em quando, em uma ocasião ou outra, apesar de todo discurso empoderador, de toda sororidade apreendida, sua voz já se calou diante de uma ação extremamente discriminatória e racista disfarçada, como diriam, de “brincadeira”. Em uma delas, inclusive, e que até hoje a minha memória insiste em acordar, uma colega, também professora, incentivava algumas alunas a colocarem uma peruca *black* e mostrem a mim, de maneira jocosa, e em sinal de comparação, como se meus cabelos fossem um mero adereço de fantasia carnavalesca e que não representasse a minha beleza e ancestralidade.

Não foi a única vez em que algo semelhante ocorreu... Porém, confesso que quando os atos discriminatórios vieram de uma maneira mais explícita e de pessoas que relativamente não estavam em meu contexto social ou profissional, minha voz não se fez calar tão facilmente, e meu rosto, ardendo em chamas em um sorriso condescendente, lamentoso e acabrunhado, foi muito mais parceiro de uma voz que se fez presente e empoderada.

Karina, certamente a minha versão de ontem amaria trocar confidências com a pequena Karina, garota de tranças que enfrentou tantos olhares e obstáculos pelos caminhos. A versão Karina de hoje, autêntica, empoderada e que enxerga um mundo de cores ao seu redor, apesar de tudo e todos, precisa sim, acordar as palavras que por anos estiveram adormecidas em suas singularidades. A versão Karina de hoje não é superior ou inferior à versão menina de outrora. Entretanto, querida Karina, almejo que sua voz ecoe de maneira ensurdecidora aos quatro ventos e que ela, ao alcançar as várias versões “Karinás” do presente, possa ser gatilho para que elas escrevam os seus enredos, capítulos e desfechos, repletos de muita empatia, autoestima, representatividade e orgulho! Ah, certamente não haverá um *The End* nessas narrativas, porque essas vozes se multiplicarão, e a tendência é que elas ecoem por tantas outras *estórias* de superação e resistência...

Carinho,
Shirley Santos Oliveira

PROFESSORA PETRINA AVELAR³³

Oi Talita, as encruzadas de nossas vidas são repletas de surpresas! Que honra ter você na história da minha vida, em pleno século XXI, em 2023 não esperava por uma carta, que surpresa boa! Assim como começou sua carta, vou dizer que também não estou sabendo ao certo por onde começar; opto por iniciar onde você terminou, pode ser? Assim vamos tecendo nossos sentimentos, percorrendo as tessituras que as palavras nos proporcionam; abrindo caminhos e fazendo as escolhas nas encruzilhadas da vida!

33. Petrina Rúbria Nogueira Avelar: Professora efetiva na Universidade do Estado de Minas Gerais, em Divinópolis. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestra em Educação e Docência pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG) e graduada em Matemática e Pedagogia.

Você já ouviu dizer que a gente só enxerga no outro, o que temos? Os defeitos que enxergamos nas pessoas são nossos, os psicólogos dizem que o outro é nosso espelho. E veja que interessante, mesmo diante de uma trajetória cruelmente desafiadora, na última linha da sua carta você fala da *“beleza que tanto enxergo nos outros, e quero enxergar em mim”*. Então eu pergunto: quem é a mais bela? Sabe Talita, vou me apresentar: sou professora, tenho dois filhos negros, minha menina estava com 7 anos de idade quando me pediu para alisar o cabelo pela primeira vez, à época eu me assustei, pois isso jamais havia passado pela minha cabeça. Meu filho, está com o *black* bonito, mas isso incomoda muita gente, e retrata como o racismo está perversamente impregnado em nossa sociedade. A história de meus filhos, assim como a sua, é a história de crianças pretas que não sabiam que eram pretas até que descobriram por meio do racismo. A gente descobre que é negro(a) de uma forma horrível, quase sempre por meio de nossos colegas e na escola.

Percebo que você está se descobrindo. O que disseram para a Talita criança é fruto de um processo destruidor, o da colonização, em que somente as pessoas brancas eram o sinônimo de poder, beleza, honestidade, inteligência, saber científico e tantos outros predicados sequestrados dos africanos. Há alguns anos tenho dedicado meus estudos a encontrar meios de promover uma educação antirracista, como forma de me fazer ouvida, como instrumento de repúdio à toda violência que o racismo imprime. Para você ter ideia, eu me sinto olhada com estranheza quando digo que leciono matemática em uma perspectiva antirracista, como se na matemática não houvesse racismo. Para muitas pessoas da pele clara, racismo é bobagem, algumas têm a ousadia de afirmar que racismo não existe mais, ou ainda, alegam não serem racistas justificando ao fato de terem amigo(a)s preto(a)s; como se isso eximisse toda crueldade que o racismo imprime.

Mas vamos voltar para a matemática, lembra do teorema que você aprendeu que era de Pitágoras? Existem registros, em papiro, datados de mais de 1000 anos antes de Pitágoras, que

demonstram a existência do tal teorema, que prefiro chamar de teorema do triângulo retângulo. Ou seja, isso é somente um simples exemplo de um conhecimento africano roubado pelos gregos. O Egito até hoje exerce um fascínio nos cientistas. O Egito, assim como vários outros países e impérios do continente africano foram sequestrados e saqueados pelos europeus. Você já assistiu algum filme com povos egípcios? Todos brancos! Como pode isso, todos brancos em um país africano? Como se não bastasse o sequestro das obras, dos papiros, de diversos objetos históricos que se encontram atualmente nos museus europeus, eles insistem em “embranquecer” o povo egípcio como se essa brancura fosse sinônimo de algo melhor. O Egito é imponente, fascinante e é preto, queiram os brancos ou não. Por que estou lhe dizendo isso, Talita? Querer ser como os brancos é tão somente uma das terríveis facetas do racismo que os colonizadores imprimiram em nós. Todos nós de alguma forma temos traços racistas, quer ver só? Vou colocar umas frases soltas: Sou macumbeira, firmo uma vela para Exu para eu estudar, Laroyê! A Pfizer produz vacina contra Covid-19. Minas Gerais já conta com quase 1000 pessoas desabrigadas pelas chuvas em 2023. Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil. Consegue ver que todos têm um racismo embutido? O racismo se esconde com sutileza, Talita. As religiões de matriz africanas foram demonizadas pelos demônios que nem existem nelas próprias. Racismo religioso. O líder da equipe de estudos que desenvolveu a vacina Pfizer, quando o mundo todo sonhava com a vacina, é o médico Onyema Ogbuagu, um nigeriano e poucas pessoas sabem disso. Racismo epistemológico, racismo do conhecimento. As pessoas pretas são maioria nas encostas dos morros, são subalternizadas, são invisibilizadas pelas políticas públicas. Por que não se constroem conjuntos habitacionais em regiões nobres das cidades ou no centro delas para propiciar pelo menos transporte para os menos favorecidos? Racismo ambiental. As chuvas veem e matam, mas quem mata é o racismo. E a escola?

Que racismo está sendo ensinado na escola? Por que não aprendi “*caravelas a vista!*” ao invés de “*terras a vista!*”? Temos muita prosa pra prostrar, Talita, e digo a você que estou me descobrindo também, há cada dia um pouco, e que bom que não soltamos as mãos, juntas e juntos, todos precisamos lutar contra o racismo e sim, descobrir que temos sempre algo a aprender, pois o racismo é cruel. Tem gente que gosta de dizer que o racismo é estrutural e parece parar por aí. Eu não gosto, eu já estou excluindo essa expressão do meu repertório quando o assunto é luta antirracista. Basta. Até quando ficaremos “justificando” nossos atos racistas em nome de um racismo estrutural?

Um grande abraço, muito axé para você, sua linda.
Siga firme em suas descobertas, esse é o caminho!

PROFESSORA GLAUCIA MARIA³⁴

Caríssimo Brilho Negro!

Fiquei muito emocionada ao ler sua carta, eu me envolvi com cada palavra e fiquei tocada como mãe e como professora. Como professora foi um sentimento duplo, a saber: fiquei desapontada, com raiva e ao mesmo tempo lisonjeada. Com raiva e desapontada por mais uma vez analisar a escola como um lugar onde nossos jovens e crianças negras têm tantas experiências ruins e tristes. Lisonjeada por saber que sua professora de sociologia te ajudou e te fez brilhar ainda mais como pessoa. O ideal é que todos nós fôssemos como sua professora, ou seja, que nossa presença no mundo fossem para fazer as pessoas brilharem, brilhos mais intensos.

34. Glaucia Maria de Souza Vieira: Professora da Escola Municipal Doutor José Xavier Nogueira da rede municipal de Belo Horizonte, no ensino fundamental do 1º ciclo de alfabetização, pós-graduada em Alfabetização e Letramento pelo Centro de Pesquisa e Estudos Educacionais de Minas Gerais (CEPEMG).

Bem, na escola onde trabalho, a luta contra o racismo e discriminação é diária, e você me tocou profundamente quando diz que queria ser tratado como os demais jovens, e infelizmente é assim, jovens brancos são jovens e pronto, os jovens negros, muitas vezes, têm que provar que são jovens “bons” e querem estudar, querem dançar, querem namorar, querem dirigir seu carro sem ser confundido com bandido, querem entrar no Shopping sem os olhares de reprovação dos seguranças e das demais pessoas que por ali circulam. Jovem negro quer ser jovem e pronto, como você nos ensina.

Meu Querido Brilho Negro, como mãe você me fez reviver o papel de orientar meu filho mais velho. Sim, ele é negro, e temo muito por ele em nossa sociedade racista. E é assim mesmo que as mães de jovens negros falam: cuidado na rua! Não reaja numa batida policial! Ande sempre com sua identidade e carteira da universidade, ande com sua habilitação sempre. A gente como mãe, uma espada parece transpassar nosso coração quando vocês passam por essas experiências de terem que provar que são apenas jovens, e que poderiam ser presos ou mortos somente por causa da cor da pele. Por fim, queria lhe dizer que sua carta me emocionou e me fez chorar, e que sem dúvida, você é um brilho, um brilho teimoso, um brilho insistente, um brilho exemplar de luta para nossos jovens negros! Você despertou em minha pessoa, o desejo de continuar e fortalecer, como mãe e como professora, a luta contra o racismo. Lutar contra o racismo é uma bandeira que carrego, e quero, como você, brilhar sempre nesta luta!

Um brilho negro para você e para todos os nossos jovens do Brasil!

Professora Gláucia Maria de Souza

PROFESSOR DANILO VARGAS³⁵

Prezada Carolina,

a carta que chegou até minhas mãos, trazendo um relato profundo e honesto, me despertou diferentes sentimentos. Da indignação e revolta com os fatos apontados a esperança e tranquilidade, ao saber que estava lendo o relato de alguém que compreende as contradições da sociedade em que vivemos e se posiciona coerentemente contra elas. Enquanto professor, ler sobre as experiências escolares de uma jovem que se sentiu estigmatizada e excluída no espaço que se propõem inclusivo e respeitoso é no mínimo revoltante. Infelizmente, sou obrigado a reconhecer que suas sensações na escola devem ser compartilhadas por outros milhares de jovens.

A escola é um ambiente de aprendizado, de convivência e de amizade, mas me dói reconhecer que também é um espaço de humilhação, de preconceitos e de todo tipo de discriminação. Seu relato deixa claro que o ambiente escolar pode emanar hostilidade por parte daqueles que deveriam ser as referências do bom senso. É constrangedor ler que uma jovem negra se percebeu discriminada por pessoas que teoricamente deveriam trazer segurança e serem os exemplos para a desconstrução de preconceitos. Como se essa contradição não bastasse, é ainda mais indignante identificar que pela sutileza com que reforçam os estigmas, somente a vítima reconhece a violência e, portanto, não tem o apoio dos colegas. Com esse tipo de racismo, disfarçado de cobrança e elogio, você descobriu da pior forma como se dá a normalização do absurdo.

35. Professor da educação básica no Colégio São Geraldo. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e graduado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

Se o relato de suas experiências na escola causa revolta, a sua perspicácia crítica na leitura do mundo em que estamos inseridos me traz esperança. Ao longo da carta, fica claro que você entende sua origem e vai descobrindo nas experiências do dia a dia como é ser mulher, negra, da periferia e filha da classe trabalhadora em um espaço ocupado por sujeitos de outras origens. Acredito que a consciência do que somos e de onde viemos é o ponto inicial para tecermos estratégias radicais de mudança. Sem me estender mais, gostaria de agradecer por compartilhar um relato tão forte, a narração de injustiças dentro da escola nos faz pensar a nossa própria conduta e a dos colegas. Enfim, também desejo que a franqueza com que você confessa os sofrimentos por quais passou e a dor que hoje transborda, possam se transformar em energia para reagir.

“... Há de existir alguém lendo o que eu escrevo que dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (Carolina de Jesus).

PROFESSOR ALEXANDRE MARINI³⁶

Sobre ser quem você é

Dênys, muito prazer. Li sua carta e me apresento por esta. Sou professor em uma escola pública de Minas Gerais. Tenho mais que o dobro de sua idade, casado, dois filhos. A cor da minha pele e orientação sexual me privilegiam no mundo que repartimos. Falo, portanto, de um lugar diferente: ainda que compartilhemos o mesmo mundo, nossas experiências nos colocam em realidades paralelas. Sim, habitamos uma sociedade que nos categoriza de maneira arbitrária desde o nascimento,

36. Professor e analista educacional em Minas Gerais. Doutorando em Educação. Mestre em Educação. Especialista em Gestão Escolar e graduado em Ciências Sociais.

atribuindo valor a uns e desconsiderando outros. Alguns são dignos de respeito, outros, aparentemente, não tanto.

Embora não siga uma religião específica, acredito firmemente na essencialidade da dignidade humana. Esta abrange o reconhecimento do nosso corpo físico, crenças, gostos, desafios... Valorização por quem nós somos, como viemos, pois sabemos que isso não é escolha de ninguém e não deveríamos passar por experiências tão distintas como nos colocam. Imagino que você tenha percebido e sentido isso em muitos momentos. A injustiça grita contra quem a sente, mas age silenciosamente frente àqueles que não são seu alvo. Não passei por nada do que você passou. Seus medos e suas inseguranças, diante de uma sociedade que é isso que te oferece, não fizeram parte da minha vida. Tive o privilégio de nunca ser desrespeitado por quem eu sou.

O mundo é complexo e muitas vezes implacável. Com o tempo, fui me preocupando com minha velhice. Quando cheguei aos 40 anos, alertei-me com o fato de como as pessoas mais velhas são vistas em nossa sociedade. O envelhecimento também não é respeitado. Resolvi mudar de profissão. Procurei uma onde a sabedoria acumulada pudesse ser bem vista: entrei para educação. Por que eu estou dizendo isso? Porque estou comprometido em assegurar para mim mesmo as oportunidades de respeito e consideração que, em tantos momentos de sua vida, lhe foram injustamente negadas desde o nascimento. Não quero experimentar sequer uma fração do sentimento de desprezo, medo, insegurança e vergonha que o atingiu numa época tão vulnerável da sua vida: a infância e a adolescência, quando temos poucos recursos para nos defender.

Percebe que até nisso eu tenho direitos de fato diferentes dos seus? Tenho tempo para me preparar. Mas sei que você também irá envelhecer. Parabéns de chegar até aqui mesmo com tantos obstáculos, eu o imagino como alguém de cabeça erguida. Ouça o conselho de alguém mais velho: permaneça atento e altivo, pois a vida não vai te facilitar nada, mesmo você se sentindo mais seguro consigo mesmo. Agarre-se com toda força às vi-

tórias e a quem você é, pois estará lutando por si e por pessoas que se sentirão inspiradas por você.

Continue inspirando. Inspirar rejuvenesce.

Alexandre Marini!

PROFESSOR BRUNO³⁷

Cara Memphis,

O que dizer? Uma bomba que você escreveu! E eu li... e vi! Vi porque vemos sempre o que você disse e é pesado. Sim, você usou a palavra certa, somos atrasados. Um atraso ruim para todo mundo, pior para quem sofre o racismo diretamente, mas ruim para todos. Ruim até para o racista, embora ele use o racismo como arma a seu favor. Mas também morre quem atira. Quem joga lama no outro é o primeiro a estar sujo de lama, concorda? Acho que foram os chineses que inventaram essa. Obrigado por me educar também.

Sabe, não sei se deveria dizer, mas talvez... Quando eu estava na quarta série, hoje não tem mais quarta série, tem? Enfim, eu tinha 10 anos e briguei com meu colega de escola, o Leonardo. No meio da briga, chamei-o de macaco. Eu sabia que ia machucar. Eu estava apanhando e queria bater. E usei esta arma covarde, o racismo. Porque não esqueço? Porque foi muito errado, muito ruim da minha parte. Na sala de aula, atrás de mim sentava-se a Danúbia. Porque não esqueço? Porque era maravilhosa, uma pessoa especial, como poucas que encontrei nessa caminhada pela vida. Depois da briga, ela assistiu, me disse: “olha o que você falou com o Leonardo, você acha certo?” e falou um monte, eu de cabeça baixa, ouvindo envergonhado. Eu

37. Bruno Fernandes Magalhães de Oliveira: Professor da educação básica na Escola Estadual Menino Jesus de Praga e bibliotecário na UFMG. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, pela mesma instituição, em Geografia – licenciatura.

estava errado, sabia. Sabia desde antes, falei porque sabia que ia machucar. Merda! Mil vezes merda! Atrasado... “vc TEM que pedir desculpas para o Léo!!!”.

Obrigado Danúbia, desculpa Danúbia, desculpa Léo... e desculpa Memphis. FUI ENSINADO a pensar assim. Mas a gente pode aprender diferente e a Danúbia me ensinou. Lembro-me de pedir desculpas ao Léo enquanto nós dois brincávamos no dia seguinte. Estávamos pulando a grade entre o corredor de salas e o pátio da escola. Pulando igual, duas crianças, brincando igual. Desculpa Léo. Obrigado Danúbia, obrigado Memphis por me educar também. Porque não esqueço? Para lembrar sempre que o racismo está presente e deve ser combatido enquanto existir. O rapaz que estudou com você, o merda que falou merda com você, perdeu a oportunidade de aprender. A professora errou, a escola errou, se calaram. Merdas!

O word está marcando o nome seu e da iluminada Danúbia como se fossem errados. Parou, adicionei ao dicionário. Para sempre agora. Seu cabelo também foi adicionado ao dicionário. Os atrasados ainda não atualizaram seus dicionários, mas não tem mais jeito, vocês tanto lutaram e têm lutado que foi adicionado. Parabéns! Se um dia você conhecer uma Danúbia, por favor, pergunte-a se ela estudou no Caetano Azeredo e se conheceu o Bruno. Se ela não se lembrar de mim, não tem problema, mas diga a ela que ela me tornou uma pessoa melhor no mundo. Ah, e diga que tenho saudades... mande um abraço, um beijo e todo carinho do mundo. Danúbia... eu me casaria com a Danúbia. Engraçado que hoje olho pra minha esposa e... não é que me lembro da Danúbia?! Memphis, tem que chegar, há de chegar o dia em que nós, todas e todos nós, vamos juntas/juntos pular a grade entre o corredor de salas e o pátio da escola. Bora brincar?

Um abraço,
Professor Bruno.

PROFESSOR MARCOS ANTÔNIO³⁸

Cara Amiga Renata,

Ao ler sua carta apesar das brutalidades que você descreve ao ser submetida a violências físicas e psicológicas vindas de quem deveria lhe proteger e amar apenas por tentar existir como você é e não se pautar por padrões sociais que tentam impor o que é correto ou não, percebo claramente que o seu relato se trata de uma história de amor, mas não um amor piegas dos filmes que passam na TV e sim o verdadeiro amor que se dá na resistência. Primeiramente amor próprio, pois é necessário muito amor próprio e força para enfrentar os assédios que você enfrentou e continuar sendo essa pessoa forte e obstinada que você transparece na carta e que eu tive a felicidade de conviver, lamentavelmente por pouquíssimo tempo.

Seu depoimento me ensinou talvez tanto quanto aquelas disciplinas na faculdade que tratam da diversidade humana e de preconceitos. Nessas disciplinas, os autores referenciados e com nomes complicado se utilizam de discussões complexas para explicar o que você de forma singela/e dura faz transparecer em sua carta ao nos dizer o óbvio, a saber: você nos ensina que, independentemente do que os outros pensem, as pessoas devem ter a liberdade de existir como são. Também percebo em seu relato a resistência ao discurso de ódio, mesmo na incapacidade de compreender a violência infligida por uma pessoa que te ama. Na condição de seu professor de sociologia me sinto na obrigação de tentar lhe ajudar, lhe acompanhar na busca pelo sentido das coisas. Na Ciências humanas, os estudos sobre tais

38. Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Ciências Sociais pela mesma universidade. Professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais e coordenador do Observatório de Ribeirão das Neves. Pesquisa nas temáticas da Religião e Juventudes Periféricas. E-mail: marcosilva803@gmail.com.

sentidos das coisas podem nos levar a entender paradoxos dramáticos como esse que você nos apresenta.

Não passei por um por 1% do sofrimento que você relata que sofreu junto a sua mãe, seu pai e demais familiares, mas quando estudamos a sociedade e o comportamento humano e as injustiças e preconceitos que aí são naturalizados, cotidianamente, tornamo-nos mais sensíveis ao direito de ser livre do outro e passamos a compartilhar de alguma forma a dor e a indignação desses sujeitos que sofrem. Claro que o peso do ofício dos profissionais que trabalham com esses temas (sociólogos, filósofos, psicólogos, pedagogos etc.) não se comparam aos sujeitos que sofrem, mas a nossa indignação pode assumir, assim como os sujeitos alvos de preconceitos, proporções que nos leve a tentação de odiar pessoas próximas (familiares, amigos, colegas de trabalho) que assumem um discurso de ódio, simplesmente para confirmar – as vezes de forma inconsciente – o falso privilégio de ser hetero em uma sociedade machista, sexista, misógina e homofóbica.

No caso específico de sua mãe, assim como a minha e maioria das pessoas que você mesma aponta no seu texto, as quais não foram educadas para respeitar e conviver com a diversidade, elas operam com o que chamamos de Imperativo Categórico Kantiano – não se assuste nem com o nome e nem com conceito. Esse cara, o Kant, que ajudou a gente a pensar muita coisa e sem dúvida fez a humanidade ir para um caminho de mais entendimento sobre si, em seus estudos sobre moral e Ética lançou um conceito que ainda hoje influencia muito o pensamento de pessoas como sua e a minha mãe. Para ele a posição ideal na sociedade, que cristalizava um direcionamento ético seria “Desejar para as outras pessoas o que você quer para si mesmo”.

A princípio isso seria uma coisa ótima por que a partir dessa premissa poderíamos organizar o mundo em um princípio da justiça, onde o que seria bom para mim, para meus filhos e pessoas que amo, eu deveria desejar para todo mundo. Assim as pessoas justas deveriam querer para todos, principalmente para as pessoas que amam, o que ele deseja pra si. Mas o limite do

pensamento desse filósofo alemão esbarra justamente na diversidade e subjetividade da existência humana, assim aprendemos a duras penas, com episódios opressivos e traumáticos como o que você descreve em sua carta, que o paraíso para uma pessoa pode ser o inferno para outra e que o respeito à vontade, aos valores, aos desejos de um ser humano é a expressão máxima de amor que podemos oferecê-lo. Essa posição a que ele apresenta, não tenho dúvida como a melhor das intenções, chamamos hoje de Etnocentrismo, essa postura serviu para subjugar povos na “época do descobrimento do novo Mundo” e destruírem suas identidades, e, é ainda hoje, muito presente em nossa identidade e pode ser definida no simples movimento de julgar o mundo pela ótica dos seus próprios valores ignorando as grandes diversidades e as infinitas possibilidades que desfruta o ser humano.

Assim quando nos comportamos de forma etnocêntrica, ao tentarmos impor ao outro como certa nossa religião, nossos valores, nossos gostos e outras infinidades de comportamentos que são subjetivos – inclusive a nossa orientação sexual. Cabe aqui ressaltar que em uma sociedade plural e diversa como a nossa ter pessoas que se comportam dessa forma, acaba por configura um grande ponto de conflito dentro das famílias, escolas, igrejas e demais espaços onde a vida real, complexa, diversa e, às vezes, incompreensível, encontra-se com padrões preestabelecidos por um grupo que julga se dominantes.

A história que você nos conta em sua carta é um exemplo de quando a existência real, o sujeito de carne e osso, não sei se por coragem ou necessidade busca enfrentar os assédios que não constrange somente as minorias, pois, em seu relato podemos perceber nas posturas adotadas pelos seus pais, de forma especial a sua mãe, o peso imposto pela necessidade de adequação a padrões inatingíveis que, inclusive, rouba a nossa identidade e nos afasta de quem amamos.

Finalizando aqui, pois já estou me estendendo muito, obrigado pelos aprendizados que o seu relato e a convivência com você me proporcionaram e gratidão pela confiança e coragem de

compartilhar sua história conosco. Acredito que essa nossa conversa em forma de carta a qual será apresentada a vários professores e estudantes de cursos de formação de professores poderá ajudá-los, assim como nos ajudou, a entender a importância dos estudos das questões de gênero, homofobia e machismo em nossa sociedade, para eles serem primeiramente seres humanos melhores e, conseqüentemente, profissionais melhores os quais possam ver as crianças e jovens com os quais e as quais trabalham todos os dias como singulares e diversos e que merecem ser respeitados/as.

*Um abraço,
Professor Marcos*

PROFESSORA ADRIANA PIMENTEL³⁹

Prezada amiga-aluna Júlia,

Escrevo essa carta emocionada e muito feliz por conhecer um pouco da sua história. Não tenho muito tempo como sua professora, mas acredito que mesmo me achando chata na primeira impressão, talvez as nossas semelhanças nos aproximem. Depois de um ano convivendo juntas, como professora e aluna, nasceu uma amizade verdadeira. Parei de lecionar para você, mas a nossa proximidade e amizade se fortaleceu a cada dia. Me identifico com tudo que você passou e fico feliz por saber que você não sofreu a metade do que eu sofri. Fico feliz que, apesar de tudo, você consegue falar com mais palavras positivas do que negativas de todas as situações vividas por você na escola. De tudo que li e recebi com muito carinho, te retorno na esperança de que minhas palavras cheguem para seu crescimento e que elas possam te ajudar a viver com o mínimo de sofrimento possível.

39. Adriana Pimentel de Oliveira: Professora aposentada. Especialista em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduada em Educação Física pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

Percebo que a mudanças de gerações “amenizam” os preconceitos vividos por nós. Gostaria muito que essa palavra preconceito adormecesse, na verdade que fosse extinta. Que as novas gerações fossem educadas a conviver com a diversidade. E que a palavra preconceito, despertasse ou mudasse para a palavra respeito, que é o que lhe envio com muito carinho. Não se esqueça de compartilhar essa palavra para todos que estão a sua volta, conhecidos ou não.

Voltando agora para meu tempo de escola, passei o meu ensino fundamental e médio sem falar muito sobre sexualidade. E uma das palavras que sempre apareceram com uma ofensa, e um dia espero que você consiga adormecer esse sentido pejorativo, é viado ou sapatão. Essas palavras eram para todos que não tinham atitudes consideradas para seu gênero. Rótulos devem ser adormecido, não se esqueça disso.

Eu sempre me achei a esperta! Aquela que andava com o “pior” menino da escola. Éramos uma dupla inseparável. Então, conseqüentemente, aprontávamos juntos e quando eu precisava ele me defendia. Fiz muitas coisas consideradas erradas na visão da minha mãe, e talvez para a maioria das pessoas, rs. Fui a aluna considerada o mau exemplo, quando eu dei meu primeiro beijo no espaço escolar. Para época, precoce! Sempre fiz coisas que eram consideradas anormais para a época.

O meu primeiro contato com o mundo gay, foi no ensino médio, quando pela primeira vez, saí com meu irmão e um amigo. Fomos a uma boate a qual a única informação que meu irmão me passou foi que o banheiro era unissex. Confesso que achei estranho e pensei seriamente em não ir. Para me sentir “segura” fui grudada com meu amigo de quem fingi ser sua namorada. Foi quando conheci uma boate gay e no mesmo dia descobri que meu irmão era gay, quando o vi beijando outro homem. Não fiquei horrorizada, com nojo ou outro tipo de sentimento repugnante. Achei super normal!

Depois do ensino médio, aquele amigo que foi comigo aquela boate e que também havia sido meu amigo de infância, e se torna-

do namorado e ex-namorado (rs), me procurou e contou que ele tinha ficado com um homem. Não sofri, pois quando terminamos muitas amigas me falaram que ele não gostava de meninas. Confesso que descobrir que isso era verdade me confortou.

Na faculdade, minha vida deu uma reviravolta, conheci pessoas e novas turmas que jamais imaginaria conhecer. Eu jogava handebol, pois ser atleta era um sonho desde o meu ensino médio. Na faculdade, eu, assim como meus amigos, conheci uma sexualidade que eu nunca tinha experimentado antes. Mesmo sabendo sobre meu irmão, o assunto era proibido. Na época estava passando uma novela na Globo, chamada “Mulheres Apaixonadas” e as pessoas começavam a se permitir tocar neste assunto e algumas se permitiram assumir sua sexualidade.

Foi quando uma das minhas amigas do time de handebol começou a se interessar por mim, ela também não tinha namorado mulheres ainda e descobrimos tudo juntas. Inclusive, os preconceitos e os medos vindos dos outros e de nós mesmas. Muitas pessoas se afastaram da gente, inclusive, sofremos com preconceitos de algumas meninas do time, mas por outro lado, conhecemos muitas pessoas como a gente, as quais encontramos em boates gays e fizemos amizades.

Porém, não soubemos lidar com os preconceitos e nossa primeira reação foi a fuga. Eu fui para Portugal e ela se afastou de mim e começou a ficar com muitos homens. Eu também lutei muito contra isso, sempre tentando namorar e ficar com homens, era mais fácil aos olhos da sociedade, mas continuei frequentando lugares gays e não parei de ficar com mulheres. Foi quando me apaixonei, sofri e pedi ajuda da minha irmã que considerou que minha mãe seria a melhor pessoa para me ajudar. Só que não! Ela foi de todos, a pessoa mais preconceituosa que eu poderia imaginar. Me expulsou de casa várias vezes, eu tentei suicídio e ela surtou e chamou a polícia para mim quando me viu conversando com uma amiga em casa, até meu pai implorou para eu “falar que era mentira, que eu não era lésbica e que tudo tinha sido uma brincadeira”. Foi nessa época que

percebi o quanto a palavra acolher era importante. Palavra que você me enviou e eu te reenvio. A palavra acolher está adormecida na minha família, mas que você não pode deixar adormecer entre nós. Até hoje minto, mas agora sei o que quero. Não minto para mim! Não tento mais que ficar com homens para satisfazer minha família ou a sociedade. Não quero ser assim, não gosto de mentir. Mas infelizmente ainda vivemos em uma sociedade onde não somos aceitas e somos julgadas. E não quero ser tratada de forma diferente pelas outras pessoas ou ter alunos e alunas que me ofendam por palavras pejorativas.

Acredito que a falta de apoio da minha família seja um fator primordial para que eu tenha agindo assim por tanto tempo. Outra parte que me marcou na sua carta, foi em relação aos professores e funcionários despreparados. Admito que mesmo tendo passado por isso tudo, ainda não sei lidar com as maldades dos alunos e dos professores. Acredito que com o tempo e a evolução das gerações, a orientação sexual não seja algo com a qual as pessoas tenham que se preocupar. Para finalizar, te envio mais palavras boas e que você não deve deixar adormecer nunca: Amor, Amizade e Compreensão.

Um abraço da professora e amiga,
Adriana.

PROFESSORA MARIA APARECIDA⁴⁰

Olá Denys!! Espero que esteja bem. Aqui é Cida, sou professora de Educação Física. Li sua carta sobre sua história de vida, vi que você é um menino vivido apesar da pouca idade. A vida de um jovem LGBT não é fácil, conviver com medos, preconceitos,

40. Maria Aparecida Martins: Professora de Educação Física da rede estadual de Minas Gerais, na Escola Estadual Manoel Martins de Melo, em Ribeirão das Neves. Mestre em Educação e Formação Humana pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana (PPGEFAE/UEMG) e pós-graduada em Psicomtricidade.

silêncios, julgamentos e interferências de pessoas que pensam ser os donos da verdade em nome de um Deus que para eles deveriam curar o que não é doença, a condição de gênero. Na minha experiência como docente me vi muitas vezes envolvida com relatos de alunos parecidos com o seu. Alunos esses que não gostam das aulas de educação física, que não gostam de futebol, preferem outros esportes. Essas partilhas dos meus alunos e alunas despertou em questionamentos sobre minhas próprias aulas.

Notei que eu precisava ficar mais atenta a esses questionamentos. Vou passar a ter um outro olhar para esses alunos e alunas que ficam às margens no cotidiano escolar. Imagino que estar as margens se deve ao medo desses estudantes e também negligência daqueles que ali estão para ensinar e garantir o respeito à diversidade. Fico feliz em saber que você teve o apoio da sua família, fato primordial para sua vida. Relatos de alunos LGBTs que tenho acompanhado falam que a família nunca apoiaria, se eles se assumissem seriam expulsos de casa se contassem para os pais. Aqueles que se arriscam a falar são expulsos ou acabam saindo de casa e até mesmo da escola. Eles e elas saem de suas casas e de suas escolas pela pressão que passam a receber, quando nesses espaços, decidem ser eles ou elas mesmos.

Imagino que sua vida assim como de todas as pessoas LGBTs, a convivência com esses medos é diária, principalmente, nesse momento político de domínio da ultradireita em que pessoas deixaram despertar o que há de pior nelas, a saber: o preconceito, a falta de empatia e de respeito pelo próximo. Mas você não está sozinho, assim como todas juventudes LGBTs desse Brasil, ainda há esperança e temos pessoas, como você, que irão fazer valer a voz de cada um de vocês. Nessas eleições de 2020, vi que tivemos representatividade nas câmaras municipais das cidades, nós mulheres, LGBTQIAPN+, negros, pobres, somos uma parte que precisa de políticas públicas e para isso é necessário ter essas pessoas que nos representam. Então te falo siga firme, enfrente seus medos como um guerreiro, guerreira que somos, se interesse pelas políticas, seja ativo/a as questões sociais, tenha consciência

do seu papel aqui nesse mundo, faça valer seus direitos, somos sofridos, mas somos a maioria e por isso fortes, acredite na nossa força. Avante companheiro/a, você não está sozinho, eu e muitas outras pessoas estamos juntos/as com você!!!

Receba meu abraço carinhosamente. Beijos, até mais.

PROFESSORA RAMONA⁴¹

Campos dos Goytacazes, 4 de dezembro de 2020

Olá Pedro,

Atenciosa li sobre parte de sua história de vida. Parte esta tão importante em nossa formação e descoberta como gente, eu diria. Descobrimo o corpo, as sensações que ele produz, todo aquele fervor de vida que há dentro de cada um de nós! E ao mesmo tempo tendo que saber associar o que o corpo produz ao que “o meio” quer dele. Ou seja, temos que controlar o que vai acontecendo com a gente, com o que as pessoas esperam de nós! COMPLICADÍSSIMO, já que vivemos em uma sociedade arcaica, cheia de gente intolerante e hostil. E aí sua história ainda é marcada justamente no ambiente escolar.

Que vergonha! Como professora, vergonha é uma das primeiras coisas que sinto. Logo nela, na escola, que deveria ser um espaço aberto, acolhedor das diferenças, ambiente de reflexão, conversação, de desenvolvimento da autonomia e do senso crítico! Vexatório! O que posso lhe dizer é que por maior que sejam os números de escolas como estas em que você passou, também existem tantas outras que “fazem diferente”, acredite! Tem escolas por aí inspiradas na linha de educação inclusiva e que vivenciam a diversidade, assim como o programa Plug Minas que você participa. São escolas que não só respeitam as diferenças, respeitam principalmente o ser humano que por ela passa.

41. Currículo não informado.

Já li sobre escolas incríveis que se esforçam diariamente para abraçar a diversidade. Promovem palestras sobre o assunto, bate papo com especialistas, promovem trabalhos na linha da adversidade em todas as áreas do conhecimento e sobre assuntos tão pertinentes hoje como homofobia, gordofobia, racismo, etc. E fazem isso tanto para seus alunos como para professores e funcionários. Sim, professores e funcionários ainda se encontram na linha do “precisando aprender e muito sobre esses assuntos”. Como os professores que nada fizeram por você ou mesmo como o diretor que não aceitava tais condutas, tem muitos por aí precisando se reciclar no quesito, século XXI – ano de 2020. Tem educadores (aí eu digo todos que trabalham pela e na escola) precisando e muito aprender como lhe dar com a adversidade e sobre o que é este fenômeno. Eu mesmo, confesso, não saberia lhe dar tão incisivamente caso ocorresse alguma ocorrência de homofobia na minha sala de aula. Penso que partiria para diálogo, pois acredito muito na promoção do diálogo que dá oportunidade das pessoas se expressarem e dá voz aos dois lados. Às vezes um simples parar e responder com firmeza faz o outro também parar, ouvir e repensar! Penso também que nem sempre a advertência como forma de castigo funciona. Tem efeito ali, no calor da discussão, mas o indivíduo não aprendeu nada sobre o que errou e nem teve a oportunidade de ouvir onde e porque errou. Quando o caso envolve violência física, a questão do diálogo fica pra depois da punição. Certo?!

Mas não pode deixar de existir um diálogo. As pessoas só aprendem através de informações, de leituras, de conversas e de outras ações que abordem o tema, como cartazes, debates, documentários, etc. Por fim acredito que o diálogo é o grande aliado de causas urgentes como esta. E vou terminado a minha carta dizendo a você Pedro que fácil não é, principalmente nesta sociedade que ainda dá os primeiros passos sobre o assunto. Mas é possível sim, ser quem você deseja ser! Ter igualmente respeitado os seus direitos de cidadão, mas também fazer valer a regra do bom senso!

Que sua dolorosa experiência tão prematura na sua vida colegial tenha se transformado em aprendizado e que você aproveite desse conhecimento e seja um transformador dentro dos grupos sociais que convive! Na vida é assim, podemos fazer da dor ensinamento! E não podemos perder a esperança de que somos capazes de viver e construir uma sociedade justa e igualitária. E essa nossa luta deve acontecer, principalmente, dentro das nossas escolas e de toda instituição de ensino!

Abrços,
Ramona.

PROFESSORA MAFALDA⁴²

Cara companheira de vida,

Ao receber sua carta fiquei pensando no quão parecidas são nossas trajetórias, e certamente não se diferem de tantas outras mulheres negras, trabalhadoras e periféricas. Essa similaridade está intimamente relacionada aos moldes nos quais nosso país se alicerçou. País com mentalidade tacanha e escravista. Amo história, desde sempre! Lendo sua carta e dando uma lida breve na Constituição Federal de 88, é notório o quanto nós mulheres trabalhadoras temos nossos direitos cerceados cotidianamente. Embora nossos direitos duramente conquistados estejam escritos em um documento norteador. Apenas para causar-nos, DOR. Esses direitos nem sempre contemplam a todos e todas. Deixe-me, que me apresente.

Sou mulher negra, filha de um pai branco, com uma mãe negra de origem indígena, tenho 4 irmãs e 2 irmãos, antes de

42. Rosiane de Fátima Barbosa: Professora efetiva da rede municipal de educação de Belo Horizonte, com atuação no ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos. Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna Espanhol e suas respectivas Literaturas – pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

mim, meus pais tiveram duas perdas de uma gravidez gemelar, nasceram após uma queda e só souberam que eram duas garotas no momento do parto. Digo isso pois de alguma forma sinto que recebi uma avalanche de amor e desejo de saúde e vida plena. Meu pai tem a 4ª série obtida pelo Mobral, minha mãe foi retirada da escola pelo pai dela para trabalhar na lavoura de café no interior de Minas Gerais. Mulheres não precisavam estudar, segundo a mentalidade machista e patriarcal dele. Ah, sou manhumiriense, nasci na cidade de Manhumirim, que em Tupi-Guarani significa rio pequeno, antes essa cidade chamava-se Pirapetinga, que na língua indígena significa salto do peixe branco.

Voltando...

Sou a única pessoa com curso superior em 3 gerações. Isso falando da genealogia paterna e materna. Iniciei meus estudos ainda numa escola rural. Aos 8 anos, nos mudamos para Betim, para ser exata, na comunidade do Jardim Teresópolis. Foi um choque, lembro-me que chorei muito no momento do embarque para Belo Horizonte, o choro era intenso e desesperado, não queria deixar “minha” casa, animais, terreiro, jaboticabeiras, uma vizinha que era super afetuosa comigo, de nome dona Isabel, além da saudade que eu sabia que sentiria do meu avô, havia o sentimento de desterro. Então parece que chorei um choro que ainda hoje sinto, chorei até dormir. Hoje, fico imaginando o tamanho da angústia dos meus pais e sobretudo da coragem que tiveram. Sair do interior sem saber ler, escrever, andar pela cidade, sem trabalho, sem casa... Eles eram visionários, aventureiros, ciganos, nômades, retirantes ou o termo mais adequado seja, SOBREVIVENTES! Aqui cabe aquela pintura de Cândido Portinari... Retirantes... Moramos na casa de um amigo de infância do meu pai, o nome dele era Dilson, que trabalhava como segurança de banco. Arrisco-me a dizer que foi o melhor amigo que nós tivemos. Nunca nos humilhou, tampouco nos molestou ou importunou sexualmente. Sim, isso precisa ser ressaltado, pois nós mulheres sobrevivemos em um dos países mais perigosos no mundo para ser mulher. SOMOS SOBREVIVENTES!

Fui matriculada numa escola de Betim na 1ª série, mesmo já sabendo ler e rabiscar algumas letras. Foi mais fácil me qualificar por baixo pela equipe pedagógica, não sei se houve algum tipo de seleção. Creio que não. Após um período vivendo “de favor”, meu pai arrumou um barracão de aluguel para nós, que ficava na rua Belo Horizonte. Ali não tinha espaço para brincar, correr e nem para lavar nossas roupas. Brincávamos num espaço em frente a Fiat. Cansado dessa indignidade meu pai soube de um lugar em Contagem no qual muitas famílias, assim como nós faziam seus barracos de lona, conheceram uma ocupação. Foi montado um barracão de lona, grande, e com camas feitas de bambus, pois meu pai dominava essa arte inclusive a tecelagem em fibras de bambu, então fez uma cama grande para que todos os 4 filhos menores dormirem juntos. Sim, lá não tinha essa visão classe média, burguesa de quartos individuais, era preciso que todos dormissem e comessem. (risos). Moramos assim por vários meses, até que pudéssemos construir nossa casa em alvenaria, isso era um luxo. Enquanto isso assistimos vários vizinhos serem despejados de suas “casas”, realizadas com o que de melhor cada uma dessas pessoas conseguia pagar, e mesmo assim, iriam para abrigos ou ruas. Em uma dessas muitas ocasiões, recordo-me de ouvir meu pai dizendo inúmeras vezes: “Eu só saio daqui morto, porque não vou morar no inferno que é um abrigo!”

E eu ainda criança não entendia tanta resistência. Hoje entendo, pois nos abrigos as famílias são separadas, e eis mais uma fórmula perfeita do Estado para destruição dos vínculos familiares. Enfim, conseguimos ficar neste lugar, meu pai construiu a casa de alvenaria em alguns meses. Minha mãe arrumou um trabalho como empregada doméstica, eu ia com ela algumas vezes. E como eu odiava ver aquelas casas bonitas e crianças brancas bem nutridas e com tudo que todas as crianças e adultos merecem. Sim, eu achava estranho e me perguntava por que eu não tinha? Isso foi criando uma revolta em mim, e como precisava de dinheiro, abandonei os estudos e fui explorada pelo trabalho infantil aos 12 anos. Antes disso, tentei conciliar e obviamente, mas não consegui.

Retomei meus estudos aos 18 anos, após várias tentativas de ser matriculada na EJA, tentei uns 3 anos seguidos, e nunca era selecionada, estava velha para o ensino regular, e nova demais para o perfil da EJA. Sempre retornava, chorando e me sentindo ignorada, invisibilizada por aqueles que faziam o processo seletivo dos estudantes. Até que minha irmã levou meu convite de casamento para uma antiga professora que sempre perguntava por mim, daí ela mandou-me ir participar do processo seletivo e dizer ao diretor que eu era a “Mafalda”... Sim, foi preciso o tráfico de influência para que eu conseguisse uma vaga para estudar a noite. Oba! Voltei muito feliz quando me disseram que eu poderia fazer minha matrícula!

Retomei meus estudos na Educação de Jovens e Adultos EJA, em Contagem no 2000, virada do milênio, ano em que plantamos um Pau-Brasil para comemorar os 500 anos de descoberta do nosso país, corrigindo, a invasão do nosso país. Como o casamento já não me agradava muito, diante dos projetos de estudar, dirigir e só ser mãe lá pelos 35 anos, a situação azedou com os novos horizontes que o mundo poderia oferecer-me. Para ajudar, me apaixonei pelo auxiliar de secretária. Ainda bem! Não passou de um encantamento, ele já tinha namorada! E eu não era boa o suficiente para ele. Eu era bela, mas não recatada, e nada, absolutamente nada, do lar. Eu queria mesmo era ser livre. E hoje tenho certeza de que esse atrevimento feminino não é algo que uma significativa parcela dos homens queira. Fui eleita representante de turma pela disposição em ajudar e por esse atrevimento. Meus colegas de turma eram pessoas muito legais, como não era muito boa em matemática, eles auxiliavam-me e eu nas matérias de língua portuguesa, história, ciências, geografia...

Na educação regular eu fugia da educação física para ficar na biblioteca. Nas aulas de biblioteca enquanto meus colegas escolhiam um livro, eu lia uns 2. Esqueci de dizer que fui reprovada na educação regular na 3ª série por não conseguir os 60 pontos exigidos, fiquei com 53, saí de férias em recuperação, porém peguei Hepatite A, doença típica de um país que não oferece condições

de serviços sanitários adequados e ausência de água tratada. Com isso fiquei hospitalizada, minha mãe não sabia como proceder, ninguém a informou, nem me questionaram, fui reprovada. Chorei muito, de novo. Fui penalizada por algo que eu não podia evitar. Enquanto me separava do meu primeiro casamento aos 19 anos! Sim, loucura de uma adolescente. Porém, não tive filh@s, achava que ser mãe era difícil e extremamente limitante pelas minhas vivências familiares, pois cuidava dos meus irmãos mais novos, a comida era pouca para nós, tinha que dividir a camisa de uniforme doada pelas crianças dos quais os pais possuíam condições melhores, tínhamos que dividir o tênis para irmos para escola, até o potinho de iogurte. Ah, ainda tinha os cadernos doados por um vereador de Contagem que vinha com muitas, muitas páginas carimbadas com o nome dele. Maldito, isso nem era função dele, mas queria ganhar voto e com populismo. Isso fez com que eu criasse uma paixão por materiais de papelaria.

Concluí o ensino fundamental na EJA, menos um degrau na escada da escolarização. Daí começou minha saga por vagas no ensino médio. Lembra-se da história do nova para EJA e velha para o ensino regular? Tudo se repete, neste momento eu não tinha vaga garantida em nenhuma escola, peguei a lista telefônica, (famosas páginas amarelas), liguei para diversas escolas... até que uma, EM Mário Elias Carvalho “aceitou-me”. Fiz a matrícula sob chuvas, sinal de bênçãos. Mesmo que para isso tivesse que pagar 2 passagens e andar um trecho perigoso sozinha à noite. Fui eleita representante de turma com uma semana de aula. Conversei com a direção e expliquei minha situação. Consegui autorização para sair mais cedo.

Depois, através do motorista da van e sua esposa que ficaram preocupados comigo por andar sozinha, conseguiram com um vizinho diretor de uma escola, uma vaga para mim. Sim, de novo o tráfico de influências. Agora que eu pagava apenas uma van, mas ainda estava muito para o salário mínimo de empregada doméstica. Continuei procurando vaga numa escola em que pudesse ir caminhando. Consegui uma vaga na EE Ima-

culada Conceição, após dificuldades habituais, formei-me, mas não sem antes conhecer um professor de história, progressista, e que vivia dizendo para que eu não parasse de estudar e fosse para a universidade. Ficamos amigos!

Iniciei em um cursinho popular, estudei muito, fiz vários vestibulares e não passei, porque as notas exigidas eram muito altas, trabalhava o dia inteiro, mesmo fazendo o melhor possível, não dava para competir com quem “só estuda”, estudava, mas precisava sobreviver e ajudar minha família também. Até que em 2006 consegui uma bolsa para pedagogia em Sabará, sim, Sabará! Tive que recusar, pois como sair de Contagem, ir e retornar? No segundo semestre de 2006, consegui uma bolsa de 50%, em Letras Português e Espanhol, agora estava ali na Lagoinha. Arrumei todos os documentos, inclusive alguns para comprovar que meus parentes não tinham renda! Contraditório. Fui questionada pela funcionária no recebimento da documentação, se eu ia conseguir pagar os outros 50%. Durante o período do curso havia momentos mais ou menos difíceis, mas como na formação básica sofri horrores, na educação superior consegui procurar saídas. Tive excelentes professores e professoras, com algumas criei vínculos de amizade. Fui reprovada em Língua Latina I, pois fiz uma piadinha com o professor, pois havia notado que ele corrigia as provas dos estudantes de Inglês com menos rigor do que as dos estudantes de Espanhol. Atravimento....

Depois queria que eu fosse fazer essa disciplina em outra universidade, pois a grade havia mudado e tinha Língua Latina II. Na época solicitei dispensa enviando e-mails para coordenação do curso, não obtive sucesso. Então ameacei processar a universidade por atrasar minha formatura numa mudança de grades que eu não escolhi. Resolvido o problema. Lembrando que havia trocado minha bolsa do Prouni por uma da universidade no laboratório de língua espanhola, precisei de uma “vaquinha”, para pagar uma mensalidade, caso não pagasse perderia a bolsa, e iria para o valor integral, porque neste momento eu já tinha assinado o documento abrindo mão da bolsa do Prouni.

Pois nessa época estava mudando de trabalho, porque resolvi pedir demissão na casa em que eu trabalhava há 7 anos e 7 meses. Os patrões queriam que eu trabalhasse em regime de faxineira pagando meu salário de mensalista, e pagando apenas 2 passagens, quando o correto seriam 4. É muita incoerência comprar apartamento de meio milhão, mas se recusam a pagar um salário justo para seus prestadores de serviços. Viu, que trabalho escravo é uma constante na nossa sociedade?!

Chegando aos finalmente, risos...

Iniciei como professora designada na rede estadual em 2009, pertinho do meu aniversário, numa escola em frente ao colégio Santo Agostinho. Um escárnio, penso...Foi assim até 2015, quando minha filha Isabel nasceu, e fui nomeada em Belo Horizonte. Escrevi muitas informações sobre mim, para dizer que tudo que você passou com uma professora reprodutora do racismo dentro de uma universidade, não pode ocorrer. Mesmo como estudantes, precisamos encontrar um caminho de resistência. Somos mulheres negras, em sua maioria periféricas, essas situações acabam por forjar nosso caráter profissional e como seres humanos. Toda negligência que sofri na minha vida trajetória escolar, ensinaram-me como olhar e recepcionar um estudante. Não omitir informações aos meus estudantes e aos seus familiares, mesmo que isso cause uma briga com meus colegas.

Quanto ao “falecido”, você fez mais que bem em enterrá-lo. E certamente essa péssima experiência, fez com que você seja ainda mais seletiva com seus relacionamentos. Os meus dois casamentos me ensinaram muito! E aprendi que amo estar solteira! Você teve sorte em ter seu pai como seu companheiro nesse sonho, que alegria. O meu nunca me ajudou, tampouco entendia essa paixão por livros e por escolas. Não ficou nem para a formatura. Faltando 3 dias para a colação de grau de um curso extremamente exaustivo e sofrido para mim, ele foi embora para Rondônia, viver uma aventura amorosa. Um legítimo aventureiro. Enquanto minha mãe estava auxiliando-me no que era possível. Em função das muitas brigas e separações, ambos foram

embora e eu fiquei sozinha cuidando dos filhos deles. Capítulo de uma outra longa história... desejo-lhe muita dedicação e força para fazermos os enfrentamentos de uma educação antirracista em todos os espaços, para que no momento que nossos estudantes cheguem as universidades, de preferência públicas, não tenham que passar por crimes como os vividos por você.

E que eles tenham tantas professoras negras com cabelos ao vento e sol, que uma professora reprodutora de um racismo estrutural, seja obrigada a rever a quão nociva ela é/foi. Pois tenho certeza de que em algum momento da vida, essas pessoas serão confrontadas. E o “famoso fogo nos racistas”, deverá valer para reprodutores desse crime também. É preciso destruir esse sistema criminoso.

Professores são seres que devem honrar a chama que os alimenta... Você notou que alguns professores negligentes e omissos atravancaram meu caminho? Mas... no meio do caminho, havia não uma, mas várias pedras, lembra das incontáveis estradas, muros e casas construídas pelos nossos ancestrais que foram duramente escravizados?! Desejo que você seja uma pedra na vida dos racistas e de seus reprodutores. Foi isso que muitos dos professores que tive foram demonstrando que não estão dentro das escolas e universidades apenas reproduzindo o *status-quo*, eles fazem tudo valer a pena, pois não possuem uma alma pequena. E foi esse poema de Fernando Pessoa que li no ônibus quando retornava da minha matrícula na tão sonhada universidade. Fico feliz em reencontrar meus estudantes e eles dizerem que ouviram dicas valiosas sobre viver e mudar as coisas. Encontrei professores que foram mediadores do conhecimento, progressistas, atentos e que me mostraram que, de alguma maneira o mundo pode ser mudado, mesmo que lentamente... Lembre-se, que estar na Escola/Universidade é um direito! Sua missão é lutar para que muitas outras pessoas tenham direito respeitado.

Abraços fraternos!

Mafalda

CARTA ANÔNIMA⁴³

Meu prezado amigo!

Que satisfação em poder ler você! Gostei muito de ler a sua carta, porque em vários momentos a sua história se assemelha à minha. Eu me vi muito em você e digo que lhe entendo demais, principalmente quando diz que sempre foi “um garoto tímido, fechado, de poucos amigos e bem quieto”, se sentindo excluído. Já que você contou a sua história, sinto-me à vontade para também compartilhar a minha. Já adianto que não pretendo comparar a minha história com a sua. Não é objetivo meu (não entenda assim) dizer que eu sofri mais do que você. Muito pelo contrário. Acho que hoje as pessoas sofrem até mais. Embora, nos tempos atuais, as pessoas estejam mais abertas e orientadas para receber e conviver com as diferenças, o grito dos preconceituosos ficou muito mais alto e a agressão muito mais violenta. Se antes o preconceito era feito com palavras e olhares, hoje é muito maior e até mesmo com extermínio. Ou seja, o acolhimento aumentou na mesma medida em que também aumentou a intolerância.

Sou de uma cidade do interior, com uma população inferior a 10 mil habitantes, o que a torna praticamente uma cidade rural. Minha adolescência se deu nos anos 80, época em que eu percebi que não era igual aos meninos da minha idade. Descobrir sobre a minha sexualidade naquele espaço e naquela época não foi fácil. Não havia com quem conversar. Mesmo se houvesse, eu não conseguiria. Não naquele lugar, com aquelas pessoas, Deus castiga, você vai pro inferno, etc. etc.. Para piorar a situação da minha cabeça, foi nessa época também que estourou a aids pelo mundo, que era conhecida como o câncer gay. Era o castigo que Deus enviava a quem cometesse atos transviados. Muitas vezes, eu sentia os comentários sobre essa doença dirigidos a mim. Eu vestia a carapuça. As pessoas me

43. Currículo não informado.

sentenciavam. Por eu ter a certeza da minha personalidade, eu, com os meus 11/12 anos, acreditava que era questão de tempo até eu contrair aids. Ao contrário de você, eu nunca fui abusado.

Lamento demais pela sua violência sofrida. Pela minha condição, eu sempre me reservei. Não era de amigos; me refugiava em meio aos livros, aos brinquedos individuais, aos filmes, à solidão. Embora eu tenha escutado algumas definições que as pessoas mais audaciosas tinham para mim, eu não me lembro de ter sofrido muito com bullying na escola. Apesar de os colegas perceberem que eu era diferente, eu tive alguns fatores que contaram a meu favor que os inibia: Minha família, muito séria e religiosa, era muito tradicional na cidade e envolvida na política, o que equivalia a pertencer à elite local. Políticos de cidade pequena são essenciais a todos; não vale a pena ter atritos com eles porque um dia acaba-se precisando deles para alguma coisa. As pessoas sempre tiveram muito respeito e gratidão à minha família, por sempre ajudar muito, principalmente meus avós. Sei que isso me favoreceu porque, na outra sala, havia outro garoto, mais pobre e negro, que sofria muito com os colegas. Enquanto ele era massacrado, eu passava ileso.

Posso dizer, então que, talvez, ser branco foi outro fator que também me favoreceu. Hoje esse garoto, Leopoldo, é um dos meus melhores amigos. Eu fico realmente impressionado e perplexo quando você diz que sofreu com as piadinhas dos seus colegas. Impressionante como pouco coisa mudou ao longo desses 30 anos. Eu fico estarecido, mas eu sei que realmente isso ocorre, por ser professor e vivenciar algumas dessas situações. Como profissional, eu tento conversar o máximo possível com eles (tanto vítima quanto algozes). Tento questioná-los, orientá-los. Sou otimista. Vejo progresso. Acho que a minha geração lutou muito para tornar os dias atuais mais amenos, para que a sua geração continuasse. Ainda há muito para ser conquistado.

Voltando à minha adolescência, para compensar esse meu desvio, eu sempre me obriguei a ser um dos melhores alunos da escola, para que os meus pais não tivessem do que reclamar de

mim e terem do que se orgulhar, caso algum dia eles descobrissem. Aos 13 anos, outro menino, Raul, se aproximou de mim e ficamos próximos. Era o meu único amigo. Não sei se era por ser o meu único amigo, por ficarmos muito tempo sozinhos, fazendo trabalho de escola, vendo tv ou brincando, mas desenvolvi por ele um sentimento diferente, o da primeira paixão. E guardar aquele sentimento somente para mim não era fácil. Não era fácil não ter com quem conversar, não ter alguém maduro para orientar. Eu não sabia o que fazer com aquilo e, por isso, considero que essa foi a fase que eu mais chorei na vida. Achava que ia pirar de verdade. Não era normal sentir aquilo e ser daquele jeito. Ninguém mais era daquele jeito naquela época. Nem pela TV vinha informação sobre isso. As novelas não abordavam ainda. Quando aparecia algo do tipo na TV, era em programas humorísticos, aparecendo gays estereotipados fazendo papéis cômicos caricatos. Eram os palhaços da sociedade. Eu me sentia mais envergonhado ainda, achando que um dia eu poderia me transformar naquele personagem.

Meu sofrimento teve um alívio quando, no dia dos namorados de 1988, eu recebi um presente do meu único amigo. Mesmo sem entender direito o que estava acontecendo, eu gostei muito de sentir aquela confusão toda. Na empolgação, eu quis também retribuir o presente e comprei, na conta dos meus pais, um perfume para enviar também ao meu melhor amigo, que naquela altura eu já não considerava mais como amigo, mesmo que o único contato físico que tivemos tenha sido passar a mão no rosto um do outro. O meu azar foi a mãe do meu amigo ter visto o presente. Ela procurou pelos meus pais, contou o que aconteceu e, na confusão, descobriram que ele havia me dado presente também. Fomos proibidos de conversar um com o outro. A partir daquele dia não poderíamos mais sermos amigos e nem na escola poderíamos mais conversar, mas conversamos. Conversamos tanto que combinamos de fugir, e fugimos no último dia de aula, no início de julho, para Ipatinga, achando que o pouco dinheiro que tínhamos daria para nos virarmos até

conseguirmos algum emprego (com 13 anos!!!). Não chegamos a saber dos riscos que passaríamos, porque no mesmo dia os nossos pais nos alcançaram no ponto final do ônibus. Voltamos para casa, cada um na sua. Meus pais choraram muito (não apanhei), pagaram um passeio para mim, junto com os meus primos, e pela primeira vez conheci o mar. Vejo muitos adolescentes que apanham dos pais. Imagino a dor que deve ser, física e moral. Eu não passei por isso. Mas nem por isso foi fácil para mim. Ver meus pais chorarem e se entristecerem, me paralisou. Preferi carregar a minha dor e abrir mão do que poderia ter acontecido do que os vir deprimidos. Ao regressar das férias, por escolha própria, passei a estudar à noite para não encontrar meu ex-amigo. Por causa disso, ele nunca mais conversou comigo. Hoje, aos 44 anos, ainda não olhamos na cara um do outro. Eu e a irmã dele nos tornamos amigos. Ela sempre vem a BH e costuma ficar na minha casa. Quando eu vou para o interior, frequento festas na casa dela em que ele também está, mas nunca nos cumprimentamos. Mas, assim como você, não estou aqui para falar de outra pessoa a não ser de mim. Aguentei a minha vida naquele interior por mais 3 anos, quando, aos 16, meus pais me enviaram para estudar em Governador Valadares. No início dos anos 90, mesmo em uma cidade maior, ser gay ainda não era fácil. Todos ainda tinham medo do preconceito, da rejeição e reação das pessoas. Tive contato com alguns que eu sabia que também eram, mas nunca nos abrimos um com outro. Eu continuava a dividir a minha solidão e meus conflitos apenas comigo mesmo.

Aos 19 anos, sozinho, resolvi encarar São Paulo, e só então eu entendi e percebi que não estava sozinho. Havia uma multidão de semelhantes, lutando por serem livres, por serem aceitos e para terem direitos. Eu me achei, me entendi e me salvei. Consegui salvar a mim, não a minha família, que ainda prefere fechar os olhos, imaginar que apenas gosto de estar entre os meus amigos (o que não deixa de ser verdade). Somente depois que eu convivi com os meus pares e me encontrar é que me fortaleci. Somente depois de sentir que eu não era mais sozinho é que eu entendi

que eu não era diferente de ninguém. E somente depois desses meus primeiros encontros com amigos é que me abri e me senti ajustado para ter todos os amigos que eu quisesse: gays ou não.

Hoje eu não preciso mais me sentir dentro da bolha para me sentir seguro. Até porque, eu gosto de muitas coisas que a maioria dos gays não gostam: futebol, cerveja, samba, etc., o que me faz pensar que eu preciso de todos, e é o que deveria fazer com o que todos soubessem que precisam de todos, que precisamos conviver com a maior diversidade possível. Que é isso que nos enriquece; que é com isso que crescemos; e que a diversidade nos salva. Ainda carrego comigo minhas limitações, claro. Daqui, hoje, a mais de 30 anos de distância daquela época, ainda me apego àquele adolescente que não soube o que fazer com a sua condição e vivo a me perguntar: “e se...?”. Fico realmente muito feliz pelo fato de você, hoje, não se prender aos julgamentos das pessoas. Estar de bem consigo e se aceitar são as coisas mais importantes para você continuar a sua caminhada. É libertador saber que quem tem que se ajustar serão os outros, e não nós. Nós já nos aceitamos e estamos inseridos, e preferimos não excluir ninguém. Segure a minha mão, e vamos que vamos.

PROFESSORA PAULA⁴⁴

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2020.

Olá, companheira!

Espero que você esteja bem e com saúde.

Meu nome é Paula, sou professora, ministrei aulas em Contagem, em BH e trabalhei como gestora pública. Recebi sua carta e confesso que tive uma série de sentimentos, primeiro fiquei com vontade de te pedir mil desculpas pela situação por qual você passou; afinal eu sou professora e fico muito incomodada

44. Currículo não informado.

com atitudes de “colegas” como esta que você relatou. Em princípio, diante de nossa formação, os profissionais da educação não deveriam promover ações “esdruxulas” como as descritas por você e nem sequer deixar que valores pessoais interfiram em condutas profissionais. Acima de tudo, deveria haver respeito a todos e todas, sem qualquer distinção de religião, orientação sexual, e condição social e econômica.

Depois de “engolir a seco” tudo aqui que estava exposto em suas palavras, fiquei com vontade de encontrar com estes educadores e promover uma reflexão crítica acerca da temática “Homofobia na/da escola com alunos e professores”. Como educadora, eu acredito que a formação continuada, junto a outros movimentos, pode sanar algumas dificuldades que encontramos ao longo de nossa experiência de docência. Não saímos prontos de um curso de graduação, somos sujeitos - profissionais em construção. E a partir das situações, das vivências e convivências ocorridas em função de nosso trabalho de docência, vamos criando estratégias para de fato exercer nossa profissão de formar o cidadão com/para um pensamento crítico, comprometendo com a democratização da nossa sociedade em suas diferentes dimensões. Eu gostei muito de saber que você, tão jovem, consegue relativizar as condições impostas à escola pública com as condições da escola privada. Que você não se deixa levar por estereótipos criados pelo imaginário social. Realmente não dá simplesmente para falar que todo o ensino público é ruim e as escolas privadas são uma excelência. Esta é uma questão muito complexa, devemos refletir muito sobre diversos aspectos sociais, econômicos, políticos... enfim, não dá simplesmente para rotular a escola pública como ruim e a escola privada como boa. Como muitos fazem por aí, inclusive alguns que se dizem “especialistas”, mas nem sequer entendem sobre Educação. São “sapos de fora”..... Agentes cujos tecnicismo terminam por reforçar a lógica autoritária vigente.

Sua experiência boa em um projeto, trouxe-me uma esperança de que somos (educadores, poder público) capazes de

promover ações que realmente façam sentido para a vidas dos estudantes. E saiba você que são muitos os projetos que têm esta pretensão espalhados não só por Minas, mas também por todo o Brasil. Estamos suscitando questionamentos, buscando um outro sentido para o ensino e a aprendizagem. Sua frase “vi as “diferenças” serem tratadas como devem ser, como igualdade. Vi tudo como se fosse um sonho lindo, todos mantinham o respeito ao outro, poderiam até entrar cheios de pré-conceitos mas tudo era desconstruído e saiam de lá mentes livres, e sabiam respeitar todos independente de qualquer coisa, crença, raça, sexualidade, tudo.”, me fez lembrar de uma frase fantástica de um sociólogo português – Boaventura Sousa Santos – é mais ou menos assim: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

Viu como você está “antenada”!!!! Tanto você quanto Boaventura querem igualdade e respeito às diferenças. Não estamos parados, muitos (professores, cientistas, estudantes, poder público) estão induzindo espaços e tempos de reflexão sobre a diversidade. E olha que nós sabemos que não é uma luta fácil. Recentemente, ouvi de um professor que gostaria de ver “o mundo na escola”, creio que o desejo dele e de outros professores é o mesmo que o seu. Fazer a escola “estourar sua bolha” e começar a lidar de uma outra forma com as realidades que estão impostas a todos e todas, deixar de reproduzir as desmazelas sociais e realmente buscar discutir e promover uma forma de lidar com as diferenças, com a diversidade, com objetivo de construir um espaço de formação crítica. Ademais, promover a ruptura com a lógica dominante e abrir-se para outras discussões, espaços, ampliando-se para “Além dos Muros”. Confesso para você que não é uma ação de curto prazo, precisamos juntos repensar e mudar uma estrutura tradicional, o sistema hegemônico que está aí, e que compõe as bases de nossa sociedade há

muito tempo, mas que felizmente pode ser mudado se a gente continuar resistindo. E como eu sei que pode haver mudança? E só porque reconhecemos os avanços a partir do caminho já percorrido, da história já escrita.

Já que você abriu seu coração e confiou em relatar sua experiência terrível ocorrida no espaço da escola, eu também gostaria de te dizer que eu, no alto dos meus 43 anos de idade e 20 anos de carreira na educação, passei e passo situações desagradáveis com certa frequência. Sendo mulher e negra, você pode imaginar o que já “sofri” na infância, enquanto estudante e, também, enquanto professora em um país que o racismo é estrutural. Isso mesmo! Professores, também passam por situações de racismos, discriminação e intolerância, por parte de colegas e de alunos. A escola reproduz muitas das vezes o cotidiano social, muitas máscaras não se mantem firmes, e em alguns momentos, caem. Para resistir a isso, eu estudei muito, procurei me graduar e construir um caminho de conhecimento.

Ainda bem que, como eu já disse, há profissionais tanto na escola quanto no poder público, bem como nas Universidades que buscam a todo tempo discutir, colocar em pauta temáticas sociais em diversos espaços de formação, buscando problematizar a lógica dominante, de forma a não naturalizar atos como o que você vivenciou. Não sei se você já ouviu falar de Paulo Freire, um educador brasileiro, infelizmente já falecido. Ele além de escrever livros, colocou em prática suas “ideias” para promover uma educação libertadora, emancipadora e de qualidade social. Sabia que ele foi secretário de educação em São Paulo? Então, suas palavras eram sobre aliar a prática e a reflexão no cotidiano da docência. Adoro os princípios dele, como: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. A frase

que eu mais gosto mais “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Eu aprendi muito lendo sua carta, estou impressionada por você compartilhar seus sentimentos, dúvidas, reflexões.... “Às vezes me sinto como um fardo para as pessoas, me sinto como se estivesse destruindo o sonho delas...”, se permita refletir sobre suas experiências, e reconstruir novas atitudes e posicionamentos. Não deixe que a sociedade imponha a você “fardos”, “culpas”, que não são suas. Você tem a responsabilidade de construir sua própria trajetória.

Queria finalizar esta carta dizendo para você que não tenho respostas para suas indagações, aqui me proponho a pensar sobre o que aconteceu. É só um começo de uma reflexão e de problematização em um pequeno espaço/tempo.... Contudo, começar é sempre um movimento que conduz uma mobilização político-social importante para dar visibilidade as situações desiguais que nos envolvem. E por meio da visibilidade, buscar outros caminhos para a construções de lógicas mais inclusivas. Gostaria de afirmar, que a situação pela qual você passou não vai ocorrer mais, porém não dá para afirmar isso. O contexto social contemporâneo nos mostra que ainda temos muito, muito que caminhar rumo à igualdade racial, a liberdade de orientação sexual, a justiça social....

Entretanto, posso dizer que você é capaz de continuar crescendo, enfrentando, questionando os valores hipócritas da hierarquia social vigente e ajudando a transformar a escola, e por consequência, a sociedade em lugares de reconhecimento de todos e todas. Por fim, deixo para você um poema da obra *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, que para mim é a representação de “chamamento público” para escaparmos dos individualismos e promovermos um olhar para o coletivo e a solidariedade. O Tempo Presente nos convoca a luta!

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da
janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os ho-
mens presentes,
a vida presente
Um abraço fraterno, Paula.

PROFESSOR THIAGO VITAL⁴⁵

Olá Pedro Emanuel, me chamo Thiago, vou compartilhar um pouco da minha experiência com você, que não foi muito diferente da sua. Quando eu tinha por volta de 14 anos descobri que era diferente dos meninos do meu prédio, quando brincávamos no pátio vários queriam beijar as garotas e eu não sentia atração por elas mas achava os meninos mais bonitos e me sentia mais atraído por eles, era perceptível minha atração por eles.

Deste modo começou também as piadinhas e ofensas, as coisas chegaram a piorar muito quando dei meu primeiro beijo em um cara do meu prédio que na época deveria ter uns 20 anos ou seja 6 anos mais velho que eu, neste momento por mais que eu tinha certeza da minha orientação sexual tive muito medo da minha família descobrir e me recriminar pois ser “viadinho” era uma coisa extremamente ruim era ser a desonra da família. Nesta época meus pais me davam uma média de 2 reais para o

45. Thiago Silva Vital: Professor de Geografia do quadro efetivo da rede estadual de Minas Gerais, pós-graduado em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade de Iguaçú.

lanche da escola, este rapaz sabia que recebia esse dinheiro para o lanche e começou a exigir que para ficar com ele eu teria que passar o dinheiro para ele todas as tardes quando eu fosse para o apartamento que ele morava caso contrário ele contaria para todo mundo no prédio inclusive para meus pais. Sempre com muito receio do meus pais descobrirem eu fazia a vontade dele, pois na minha cabeça ele estava correto e eu errado pois ele tinha relação com as garotas do prédio e eu não.

Uma certa tarde quando fui na casa dele tinha mais 3 rapazes do nosso prédio lá, todos da faixa etária dele e ele disse que a “mulherzinha” dele naquele dia e dos amigos dele, fiquei com muito medo e comecei a chorar muito eles riam e mandavam eu me calar porque naquela tarde eu teria que ser de todos, não mantínhamos relações sexuais era apenas beijos e abraços porém ele havia falado para todos que eu mantinha relações com ele sem nenhum afeto, eles começaram a me acariciar e tirar a roupa tanto a deles quando a minha, por ser uma pessoa com poucos pelos corporais eles riam e falavam que eu realmente era a “mulher” deles, foi minha primeira experiência sexual, sai de lá me sentindo um lixo e super humilhado, tinha muito medo daquela ser minha vida para sempre.

No dia seguinte quando sai da escola comprei remédio para rato o famoso racumim, por inocência ou não saber como tomar, ingeri a sacolinha inteira naquela tarde passei muito mal e fui levado para o hospital onde fiquei 3 dias internado, ao sair meus pais me levaram para o psicólogo pois não era normal um adolescente tentar contra a própria vida, mesmo depois de tudo isso eu não falei o que tinha me motivado a tal ação, comecei a frequentar o psicólogo mas nunca me abri para ele sempre com a certeza que quando eu falasse para ele automaticamente eu estaria contando para meus pais.

O tempo se passou e durante 3 longos anos eu era obrigado a manter relações com os rapazes do prédio, eu era chamada para “brincar” de vídeo game na casa de vários sempre com a intenção de ter relações com eles, as vezes era apenas com um, as vezes com

outros e isso se expandiu para além do meu prédio onde também rapazes da rua me convidavam para “jogar” e sempre falavam que sabia o que os meninos do prédio faziam comigo e que queria saber como era, me recordo como se fosse hoje os tons ameaçadores e os olhares para mim eu me sentia em um beco sem saída pois se eu não realizasse os desejos deles todos ficariam sabendo.

No ensino médio voltando do pré vestibular com 17 anos, um senhor me parou na rua e mandou eu entrar na casa dele porque naquele dia eu seria dele, que ele via como os meninos da rua e do prédio passavam a mão em mim e como eu era fácil, foi a segunda vez que tentei suicídio desta vez um pouco mais esclarecido naquela noite tomei alguns remédios de pressão dos meus pais e novamente desmaiei fui novamente para o hospital fazer lavagem meus pais obviamente me trocaram de psicólogo mas antes tiveram uma conversa bem sensata comigo que eu não esperava, meu pai me perguntou se eu estava tentando contra minha vida por gostar de garotos, chorei muito e disse que sim, mas não contei o que vinha acontecendo a anos, eles questionaram se eu estava sofrendo alguma coisa na escola, e respondi que não, até porque quando comecei a viver isso eu me tornei uma pessoa triste e amedrontada então em sala de aula eu apenas respondia chamada, não tive amigos na escola, qualquer pessoa que se aproximava de mim eu afastava por medo do que poderia acontecer.

Por ser um bom aluno os professores apenas falavam com meus pais que eu era uma pessoa que não conversava em sala que ficava sozinho no recreio e que não era sociável, no final do terceiro ano prestei vestibular para Publicidade e Propaganda e fui aprovado na Universidade Fumec, nesta instituição pude ver o quanto as pessoas tinham a mente mais aberta e comecei a me expor mais, comecei a perder o medo de ser quem eu era, afinal não me importava mais meus pais que eram as pessoas mais importantes para mim já sabiam e me aceitava então não tinha motivos para ninguém me humilhar mais, nesta época conheci um rapaz da minha sala e tive meu primeiro namoro, comecei a recusar as chantagens de alguns rapazes do prédio afinal eu tinha um namo-

rado o qual me respeitava muito e era uma pessoa maravilhosa, contei para ele todo meu sofrimento desde os 14 anos e ele me apoiou muito. Namoramos os 4 anos de faculdade e isso me fortaleceu, terminamos quando formamos, pois, ele iria se mudar.

De tudo que me aconteceu apenas me tornei mais forte e resistente comecei a participar de grupos que trabalhavam com adolescentes pois não queria que minha péssima experiência fosse vivenciada por outro jovem, sempre aconselhando as pessoas a se abrirem a falar a verdade e nunca se esconderem de ser quem são, vergonha é não amar, vergonha é você humilhar, ameaçar uma pessoa por ter um gosto diferente do seu, ser gay não é vergonha, ser gay é ser forte é ser resistência. Você é a segunda pessoa que sabe da minha história de vida, nunca quis contar para ninguém tudo que passei e sim por vergonha, vergonha de não ter me imposto quando deveria, de não ter me aberto para as pessoas que mais me amam na vida, vergonha de ter sido humilhado por anos por pessoas tão fracas com a masculinidade tão frágil que precisam menosprezar o outro para se sentirem fortes e maiores.

Atualmente estudo Geografia e estou prestes a formar, espero que eu possa fazer a diferença na vida alguns jovens como a professora de história de vocês, a escola tem que ter regras sim mas para todos não apenas para um grupo específico as regras não podem ser de acordo com o que “incomoda” o outro, até porque se incomoda uma pessoa ver o amor o problema está com ela e não com quem está amando. Para responder sua carta acabei mais relatando minha vivência que havia relatado apenas uma vez aos 18 anos e agora 12 anos depois, agradeço sua carta por mais que eu não possa ter de dado as respostas, você me ajudou a libertar um sentimento que vivia dentro de mim.

Pedro nunca tenha vergonha de ser quem você é, nunca tenha vergonha de amar, nunca abaixe a cabeça ou deixe as pessoas te dizerem como é certo amar, seja íntegro, honesto, respeitoso é isso que faz o ser humano e não sua orientação sexual, estude, lute, batalhe para que sua voz seja ouvida, hoje sua geração é bem mais politizada do que a minha era então aproveite, questione as

normas que só são feitas para vocês, busque ajuda, vocês podem fazer a diferença para uma sociedade mais justa e igualitária, a homofobia existe assistimos casos todos os dias em jornais em redes sociais, mas não deixe que a homofobia cale a luta.

Agradeço muito por ler sua carta e por poder escrever para você.

Grande Abraço,
Thiago.

PROFESSORA CRISTINA GOMES⁴⁶

Oi, Izaque!!

Ler sua carta me causou muitos sentimentos... Primeiro, logo ao iniciar a leitura, me pus a refletir o quanto minha orientação sexual teria determinado situações e acontecimentos em minha vida. Revi na memória o primeiro beijo, os namorados de adolescência, os joguinhos sexuais, os flertes, o grande amor, e descobri que, pensando estar sendo contestadora e rebelde, estava na verdade tendo toda a minha história romântica convenientemente abençoada pela sociedade. Minha sexualidade não foi tão pesada quando eu tinha 13 anos quanto foi para você. Sabe, assim como você, também não me lembro de ter feito a escolha por ser heterossexual ou homossexual. Mas sei que somos fundamentalmente livres. E é isto que nos faz humanos. Nossa liberdade. Aliás, Izaque, este é outro sentimento que me veio quando li sua carta: o desejo de te contar o quanto muitas mães têm dificuldade em falar sobre sexo, sobre afeto, sobre essa busca que todo ser humano tem de completude, de prazer, de pele, de toque. E que essa busca ou esse encontro, não pode ter regras colocadas por terceiros, tem que ser olho no olho e seja feliz!

46. Currículo não informado.

Mas às vezes, a mãe não dá conta de falar para o próprio filho romper com o que está pré estabelecido, ela própria presa no medo de que o filho sofra se for feliz demais e perder o ar... Mães têm seus ciclos, seus medos, seus limites, preconceitos; têm visão de mundo em que talvez o sustento do mês valha mais do que companheirismo, parceria, carinho, intimidade. Aprenderam a valorizar mais o feijão do que o sonho. Infringem o castigo físico na intenção contraditória de educar para o bem. Só amando-as e perdoadando-as para indicar a falha. Para isso, que venha o tempo.

Nesta sociedade machista e homofóbica em que vivemos, o maior exemplo de todos os tempos de respeito às diferenças é Jesus, que não fundou igrejas nem denominações. Por isso, por último, quero te falar sobre o peso de uma educação excessivamente bíblica, cheia de mitos como um Deus que castiga, que despreza, que condena ao inferno eterno, pois a igreja foi citada por você em várias partes de sua carta. A espiritualidade deve pacificar nosso coração. Não permita que utilizem de Deus para te causar terror ou alcançar comportamentos que considerem adequados. O ser humano foi criado para ser feliz! Por enquanto, a luta é árdua, individual, coletiva, das mulheres, dos pobres, dos homossexuais, dos velhos, dos pretos, das crianças, dos deficientes, dos marginalizados. Um dia, não será necessário lutar. Teremos uma sociedade justa. Mas até lá, força!!! Você não está sozinho.

Abraços,
Cristina Gomes.

PROFESSOR FABIO JUNIOR⁴⁷

Olá Pedro, primeiro gostaria muito de saber o seu nome social, para que pudessem me referir a você por ele. Nas primeiras linhas da sua carta já passei a ter uma enorme admiração por você, por sua luta, por seu esforço e coragem. Sei que não

47. Pedagogo e professor da educação infantil.

é fácil lutar e enfrentar tudo que você passou. E sei também que não é fácil ser a minoria em muitos lugares. Bom eu nem me apresentei... Me chamo Fábio Júnior, sou pedagogo e professor (da educação infantil), ou seja, eu sei um pouco o que é quebrar paradigmas e estar em um lugar que somos minorias, uma vez que na educação a maioria do corpo docente é mulher, principalmente na Educação Infantil. Este ano não estou mais na Educação Infantil, passei em um concurso da Força Aérea Brasileira e me tornei militar. Então o que eu tenho a lhe dizer é fique firme, se sinta orgulhoso por tudo que você já fez, por toda conquista e vitória que você já alcançou. Ter o seu nome social colocado na chamada não foi fácil eu sei e não deveria ser algo difícil, mas você conseguiu... e que bom que você conseguiu... que bom que você pode contar com a ajuda do seu pai. Não se sintam tristes por ser diferente dos outros, continue lutando pelos seus ideais e o que você acredita. Encontre dentro de você a motivação que você precisa! Você é forte e será sempre capaz de lutar pelo que acredita, de vencer todos os desafios que a vida lhe propuser. Lute com esperança, com força e coragem para conquistar sempre suas vitórias não só na escola, mas na vida! Erga sua cabeça e agradeça a chance de estar no lugar que você estar.... continue escrevendo sua história.

Eu sou filho da periferia, filho das políticas públicas, filho das mazelas sociais e sei bem o que lutar e buscar seu espaço no mundo e na sociedade. Saiba que você ganhou um novo amigo que torce por você e me coloco à disposição.

Um forte abraço, que Deus te abençoe cada dia mais e mais e pode contar comigo.

Atenciosamente,
Fábio Júnior

PROFESSORA ALINE NEVES⁴⁸

Belo Horizonte, 29 de maio de 2021

Querida Carolina,

Espero encontrá-la bem! Bom, quem sou eu? Posso dizer que não sou mais uma jovem, afinal tenho uma década a mais que você, eu nasci em 1981. E gostaria de enfatizar que escrevo muito tomada pelas suas palavras, pois me reconheço em boa parte da sua história. Mas, isso não garante que eu tenha respostas às dores que sentimos. Embora, já saiba hoje que a dororidade⁴⁹ nos une! E a magia negra da nossa irmandade também é a que nos salva dessas dores. Assim como você, tenho uma mãe que dormiu na porta da escola para que eu estudasse na Municipal Geraldo Teixeira da Costa, na parte alta de Santa Luzia. Eu morei grande parte da minha vida na região do São Benedito, bairro mais negro desse município. Tal qual sua amiga da época de escola, encontrei amigas que me davam suporte, pois não era tarefa fácil estudar com os filhos e as filhas da elite luziense. E não era por condições materiais, mas do privilégio que a branquitude assume em sala de aula em detrimento de estudantes negros/as.

Perder meu pai então, foi uma das dores mais insuportáveis dessa fase da adolescência. Então, já nem via muito motivo em ter notas altas, afinal elas não me garantiam o que eu buscava: o reconhecimento. Os únicos elogios viam do meu pai, já que minha mãe era mais durona e me acariciava por meio de algum

48. Aline Neves R. Alves: assessora pedagógica em Relações Étnico-raciais pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Geógrafa, mestra e doutoranda em Educação na UFMG. Fundadora do Grupo de Trabalho Geografias em Perspectivas Negras (Seção local BH - AGB).

49. Dororidade é um conceito acadêmico, mas também militante, que talvez já conheça. Essa palavra dá nome ao livro de autoria da Vilma Piedade, mulher negra que descreve analiticamente esse refazer das mulheres negras a partir da dor. O movimento feminista, não racializado, chamará de Sororidade.

incentivo material (roupas e acessórios da moda) e incentivo nos estudos: cursos que eu buscava em instituições como Sesc, Senai e sindicatos da região perto da escola que pensava em me formar. Abandonei essa escola, fui para aquela mais precária, trabalhei e paguei um cursinho preparatório para entrar na UFMG. Nem mesmo lá consegui o que eu queria no curso de Geografia. Nenhum elogio, então me constitui mulher negra na universidade, hoje mãe de uma adolescente e um menino. Graças ao movimento negro de base acadêmica aprendi a ler minhas histórias e vi que tive suporte de outro movimento negro na infância: pastoral afro raízes negras, da paróquia do bairro que morava. E sim, os elogios estavam lá na pastoral e na UFMG, entre esses pares negros. E hoje no meu local de trabalho, agora por parte de alguns colegas brancos.

Sou professora de Geografia na rede municipal de BH, mas já precisei acionar a Secretaria de direitos humanos do Estado de MG para uma professora que desprezou meu afilhado, por ele ter dito que morava em Santa Luzia. Uma vaga que consegui com muito custo para ele, menino negro que precisava muitíssimo de uma escola menos precarizada que a que ele estudava anteriormente. Aprendi que se não nos posicionamos (e nem pode ser a todo tempo, até isso é uma estratégia!) diante das práticas discriminatórias, não conseguimos alterar ou, pelo menos, tensionar a realidade de vivermos em um país marcado por desiguais relações raciais.

Carolina, a vergonha de ser elogiada de forma depreciativa no espaço escolar será uma dor que você levará possivelmente para o resto da sua vida. Mas, saiba que ela cicatriza, viu? E aquela cicatriz que ficou no corpo pode receber um afago, um beijo, a cada vez que você movimentar essa estrutura social. Eu sinto que mexo com a estrutura quando consigo em minhas aulas de Geografia desenvolver e vivenciar uma aula que aumente o orgulho justificado do meu estudante ou minha estudante negra com relação à sua pertença identitária e do local em que vive (posição geopolítica que este corpo ocupa no mundo).

Sou doutoranda em Educação graças a meu esforço e sobretudo do esforço dos que vieram antes de mim, sou fruto das políticas de ações afirmativas em minha trajetória acadêmica. Permita-se ouvir as vozes das nossas e dos nossos ancestrais. Eles e elas que foram impedidos violentamente de estar no espaço educativo formal e que lutaram para que pudéssemos ocupar legitimamente os lugares que almejamos. Esses momentos que você chama de transbordar eu os vejo como o Rio Nilo, que transbordando, saindo de suas margens (antes mais confortáveis) agora umedece e nutre as terras alagadas por suas águas. São águas sagradas para muitos povos, pois os alimentam e dão vida.

Permita-se transbordar, chore o que tiver de chorar, que suas lágrimas salgadas nutram seu espírito, nutram seus pais, nutram com as boas energias desse transbordar. As águas salgadas que nossos ancestrais foram obrigados a atravessar até hoje possuem notas de um sangue cheio de histórias, coragem e desejos de liberdade. Quando estou triste tento lembrar que sou um sonho dos meus, dos nossos ancestrais, aí incluo de todas as mulheres e meninas negras que vieram antes de mim. Espero que minhas palavras lhe acalentem, você é o orgulho de uma nação da diáspora negra, essa é a nossa magia negra. Obrigada por re-existir sempre, você nunca estará sozinha.

Com carinho e afeto emancipatório,
Aline

PROFESSORA DÉBORA CERQUEIRA VALES⁵⁰

Cara, não sei o seu nome, pois sua carta é anônima, mas me sinto honrada em ter a chance de ler a sua carta. Confesso que as experiências de violência relatadas me causaram angústia

50. Professora de Sociologia e Humanidades na Escola Estadual Menino Jesus de Praga, na rede de educação do estado de Minas Gerais. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e bacharela em Ciências Sociais pela mesma instituição.

e tristeza. Desejei fortemente que não tivessem acontecido com você e com nenhuma outra criança e jovem pelo mundo. Contudo, admiro sua coragem em trilhar uma estrada de autorrespeito, estima e de autonomia. Não é uma estrada fácil e exige muito de nós, mas a qual não conseguimos renunciar. É essa estrada que nos leva a liberdade de ser quem somos. As pessoas que mais amo nessa vida sustentam muitos cachinhos e, talvez por isso, me conectei muito com a sua história e com você. A trajetória das vivências do racismo a afrobetização é mais potente que toda violência, que todo racismo. Você me inspirou e tenho certeza que inspira e inspirará tantas outras meninas e mulheres.

Te desejo audácia e força e que você continue encontrando pela vida irmãs que caminhem irmanadas com você.

Um abraço muito carinhoso.

PROFESSORA PAULA FERNANDA⁵¹

Querida Pollyanne,

Ao ler a sua carta fico feliz em saber que a construção da sua negritude dentro do núcleo familiar foi um processo de experiências positivas, marcado por trocas, afetos, olhares, sentires e sabores compartilhados com a sua mãe. Por outro lado, sinto um grande pesar em perceber que a sua primeira experiência racializada em termos negativo ocorreu dentro do ambiente escolar. Todavia, sabemos que esta triste realidade não é uma mera obra do acaso e sim marca do racismo estrutural que perpassa todas as instituições da nossa sociedade.

Traçando um paralelo com a sua trajetória escolar começo a refletir como nossas experiências escolares foram impactadas

51. Paula Fernanda Oliveira Souza: Professora da Escola Estadual Menino Jesus de Praga. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE-UEMG) e graduada em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

pelas nossas identidades. Eu como mulher branca tive uma experiência marcada pelos privilégios da branquitude que me faziam enxergar a escola como um caminho, uma possibilidade. A escola, para mim, significava um lugar de infinitas possibilidades para realização de sonhos. Além dos privilégios por eu ser uma mulher branca, acho importante destacar o papel fundamental de minha mãe no meu caminhar, na minha formação. Uma mãe preta, filha de empregada doméstica preta que lhe ensinou desde cedo que a escola era o único caminho para nos tirar do horizonte de tantas dificuldades.

Quando estava lendo a sua carta, lembrei-me da primeira vez em que ouvi o relato de uma aluna negra em uma das reuniões do grupo de pesquisa DEA (Dessemelhanças que nos atraem). Tal episódio aconteceu no ano de 2017, quando numa roda de conversa, uma aluna compartilhou as faces perversas de um racismo cotidiano dentro do ambiente escolar. Ao ouvir o relato, as palavras emitidas pela aluna reverberaram em mim como um sopro de vida, como um despertar, como uma pancada forte, como um acordar. Neste relato, assim como você Pollyanne, a aluna disse que a sua primeira experiência racializada ocorrera na escola. A aluna alegou que as crianças falavam palavras e xingamentos racistas. Criticavam o cabelo e chegaram até a agredi-la fisicamente.

Confesso que naquele momento fiquei estarelecida e senti um estalo dentro de mim. E comecei a questionar: como teria sido a experiência da minha mãe na escola? Será que falaram do cabelo dela? Será que os traumas que ela tinha na escola não teria advindo de experiências racistas? Essas e tantas outras perguntas surgiram dentro de mim. Como um fio de novelo de lã, que tem um início, mas nunca parece ter fim. Para que você compreenda a minha história, a minha mãe era uma mulher preta que já não está mais nesse plano e infelizmente nós não conversamos abertamente sobre questões raciais. Até pouco tempo atrás achei que essas perguntas jamais teriam respostas. Mas ao ler o livro “Cartas para minha vó”, de Djamila Ribeiro,

percebi como esta autora teve uma sacada extraordinária ao dialogar com uma pessoa tão querida, mas que não está presente no mundo material. Neste livro, Djamila dialoga com a sua avó questões que as duas não conseguiram conversar à época.

Infelizmente Pollyanne, a sua experiência e de tantas outras identidades na escola são experiências marcadas pela exclusão, pela invisibilização. Sabemos que a escola deveria ser um espaço acolhedor e humanizador. Um espaço para todos se sentirem acolhidos como eu me senti. No entanto, ao trabalhar como docente nas escolas públicas de Belo Horizonte e ouvindo as juventudes negras e LGBTQIAPN+ compreendi que a escola também pode ser um lugar desumanizador.

Uma outra questão que me chamou atenção na sua carta foi o trecho “eu sempre fui uma aluna desajustada”. Ao ler estas palavras, lembrei-me de uma música do Engenheiros do Hawaii, chamada Dom Quixote. Tenho uma conexão muito grande com essa música por me sentir uma pessoa que questiona demais e por navegar às margens da sociedade. É claro que as nossas vivências são diferentes. Não estou querendo colocá-las em pé de igualdade. A minha experiência como mulher branca advém de questões de classe, gênero e a sua experiência advém de um outro lugar. No entanto, acho importante destacar que para além das nossas experiências serem diferentes é importante perceber o ponto em que elas convergem, um lugar de encontro. Um lugar de estrangeiros nesse mundo. Um lugar de indignação e de inconformidade com realidade muitas vezes apontada como “normal”. Termina esta carta com um trecho da música para você refletir:

Muito prazer, meu nome é otário
Vindo de outros tempos, mas sempre no horário
Peixe fora d’água, borboletas no aquário
Muito prazer, meu nome é otário
Na ponta dos cascos e fora do páreo
Puro sangue, puxando carroça
Um prazer cada vez mais raro

Aerodinâmica num tanque de guerra
Vaidades que a terra um dia há de comer
Ás de Espadas fora do baralho
Grandes negócios, pequeno empresário
Muito prazer, me chamam de otário
Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas
(Dom Quixote, Engenheiros do Havaí)⁵²

PROFESSORA SILVANA REGINA⁵³

Olá querido ser de luz!

Sentimentos diversos brotam do meu coração ao ler sua carta.

Primeiramente, gostaria de lhe falar da imensa alegria que sinto em perceber que hoje, apesar de você não ter sido respeitado, você mesmo se respeita e, de apesar de ter passado diversos sacrifícios, você não está mais disposto a se sacrificar. Mesmo passando por dores diversas, você tem força para buscar fazer seus curativos, reconhecendo que algumas dessas feridas te deixam cicatrizes, mas que elas não te definem, apenas demonstram que você soube não deixar que elas permanecessem sangrando.

Respondo sua carta mergulhada em uma infinidade de sentimentos: angústia, dor, raiva, alegria, acolhimento, empatia, orgulho, aflição, esperança, resiliência, gratidão. Respondo sua carta olhando pelos olhos de diversos personagens de sua história. Como

52. Disponível em: bit.ly/3Wxec61. Acesso em: 20 nov. 2023.

53. Silvana Regina Maba Maçaneiro: Professora de educação infantil, anos iniciais e apoio pedagógicos na rede municipal de ensino de Florianópolis-SC. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e pós-graduação em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniasselvi).

professora, que convive com muitos jovens, digo-lhe que sou imensamente feliz em perceber o papel humanizador, respeitoso e educador que sua professora de história ofertou a você, principalmente, pelo respeito à sua condição de pessoa LGBTQIAPN+. Quero te ofertar todo meu acolhimento e respeito a sua história de luta, coragem e vitória. Como ser humano e como mulher que escolheu exercer o papel de educadora, cabe a mim compreender não só os diversos processos da existência humana, mas também semear o respeito, a compreensão e o apoio incondicional aos meus alunos e as minhas alunas - no sentido de que, eles e elas possam se sentir capazes de encarar os desafios humanos com conhecimento, equilíbrio emocional, autoimagem, autoestima, coragem e resiliência. Acredito que foi isso que sua professora fez: acendeu a própria vela para compartilhar a luz com você.

Continuando a refletir sobre suas palavras e ocupando o meu lugar de mãe, casada e que divide com o companheiro a responsabilidade de criar duas filhas cis, confesso que tenho aprendido muito sobre essa pauta LGBTQs com elas – assim como imagino que sua mãe também esteja aprendendo com você. A propósito, que mãe maravilhosa você tem, ela não soltou sua mão, mesmo que as mãos dela foram soltas por quem as deveria estar segurando. Querido, acredito que você herdou dela tanta coragem de lutar. Mães não nascem prontas, e filhos também não têm manual de instrução, vamos crescendo, errando e aprendendo juntos – verdadeiramente na alegria e na tristeza, um verdadeiro laço de amor incondicional. Educar e acolher um novo ser humano é uma missão imensamente desafiadora, lidar com as próprias necessidades e as necessidades de um outro ser humano – mergulhada pelo vínculo do amor materno – é um ato de muita coragem, e as mães encaram tudo isso com medo mesmo.

Sua mãe precisou encarar, junto com você, uma pauta humana muito importante e que, muitas vezes, não é trazida para o âmbito familiar, sendo, inclusive, colocada à margem dos diálogos – seja por falta de conhecimento ou até mesmo por se tratarem de questões que, em uma visão limitada e rasa, é melhor

que sejam mantidas na invisibilidade. Afinal, infelizmente, ainda existem dogmas religiosos e rótulos construídos socialmente ao longo do tempo. A realidade das pessoas trans no Brasil é marcada por desafios significativos, incluindo altos índices de discriminação, violência e exclusão social – muitas enfrentam dificuldades para acessar serviços básicos de saúde, educação e emprego devido ao preconceito e violências estruturais existentes na sociedade. A demora do poder público em garantir o reconhecimento legal da identidade de gênero também contribuiu, por muitos anos, para a vulnerabilidade, para o silenciamento dessas pessoas, expondo-as a situações de marginalização e violência, assim como você relatou em seu texto sobre a dificuldade de ser respeitado e reconhecido pelo seu nome social na escola. Apesar dos avanços legais e sociais, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir a plena inclusão e respeito aos direitos humanos da comunidade trans no Brasil.

Considero que, diante da realidade de agressão e desrespeito ao público LGBTQIAPN+, torna-se urgente a elaboração e prática de políticas públicas que tratem com respeito as questões relativas a temas invisibilizados ao longo do tempo por uma sociedade machista, racista e excludente. Sociedade esta que ainda insiste em minimizar a importância e a necessidade de dar visibilidade a esses temas em espaços educativos e nas mídias. É urgente que se leve conhecimento e informação a população através dos meios de comunicação, espaços educativos, entre outros espaços sociais para que haja maior compreensão e respeito sobre as diversas formas de ser e existir.

Ouvir a voz de diversos seres de luz, que assim como você, travam sua luta pelo simples desejo e direito de existir é um papel essencial de toda sociedade que deseja ser justa. Conscientizar, informar, fomentar debates em torno da compreensão de temas relativos às questões do ser pessoas trans e demais questões presas nos calabouços da falsa moralidade são extrema importância na luta contra a violência e a violação de direitos humanos. Por outro lado, ser de luz, ler sua carta também me

fez ampliar o olhar para o fato de que já não existem mais calabouços suficientes para manterem trancadas as vozes da existência, pois essas vozes têm sido símbolo da resistência e luta, independentemente do tempo que ficaram caladas. Você viveu em um calabouço por um tempo, encarou e vem encarando suas dores e bagagens emocionais com muita coragem. Independente do tempo ou condições do calabouço, a situação o manteve sendo capaz de enxergar na escuridão pequenos feixes de luz: você, sua mãe e sua professora história.

Você intitula sua carta como medo e resistência, peço licença para acrescentar a esse título duas palavras: coragem e resiliência. Pois elas expressam os desafios vividos por uma pessoa que sabe quem é; que é filho de uma mãe solo que a ama incondicionalmente; uma pessoa que vem se livrando de culpas que não são suas; uma pessoa que mesmo não tendo seu nome na chamada por muito tempo, pode encontrar na escola, uma professora que a respeitou e a orientou a se autodescobrir, estimulando você a brilhar e nutrir-se de sua própria luz.

Mantenha sua luz acesa, ilumine-se e siga o caminhar em busca de ser feliz, ser você.

Um beijo e abraço apertado querido ser de luz, corajoso e resiliente.

PROFESSOR DOALCEI⁵⁴

Salve, Brilho Negro.

Que satisfação ler sua carta. Que satisfação perceber que depois de muitas tentativas que a sociedade teve de calar sua voz, de matar sua autoestima, você conseguiu encontrar a potência de sua vida. Bem, eu sou professor. Professor de história com mais de 30 anos de sala de aula. Nesses anos todos passei por expe-

54. Doalcei Maçaneiro: Professor de História no ensino médio e cursos pré-vestibulares. Graduado em História, com pós-graduação em História Social, pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

riências profissionais diversas ensinando para diversos estudantes no ensino fundamental, médio e também no ensino superior. Mas me lembro de uma experiência inesquecível que vivi lá no início da minha carreira, quando era professor de alunos no Ensino Fundamental. Eu ensinava história num colégio católico para diversos alunos de diversas turmas. Alunos que na imensa maioria eram oriundos de famílias brancas e ricas. Mas foi numa turma de alunos do 8º ano (na época 7ª série) é que vivi uma das mais lindas experiências da minha vida de professor. Nessa turma de 8º ano havia um único aluno negro que eu chamo aqui de “Charles”. Na verdade, o Charles era um dos pouquíssimos alunos negros de todo o colégio. Apesar de ele ser um garoto sorridente e extrovertido, certamente sentia-se um “estranho no ninho” diante da sua turma e, sobretudo diante do grande grupo de estudantes quando todos se encontravam no pátio na hora do recreio.

Lembro que a turma do Charles era diferenciada das demais turmas. Havia ali uma empatia como nas outras turmas não havia. É claro que eram garotos barulhentos e inquietos, mas de uma simpatia fora do comum. Num certo dia o assunto era a evolução da espécie humana, assunto que se aborda nas aulas de pré-história. Nessa aula eles compreenderem que todos os humanos atuais passaram pelo mesmo caminho da evolução das espécies. Compreenderam que não há etnia superior, nem etnia inferior. Há etnias diferentes, com culturas diferentes. E que, no entanto, todos estamos no mesmo grau da evolução das espécies. Nesse dia quando por um milagre tinha conseguido trazer todos os olhares para mim durante a explicação (já que eram “santos capetinhas”), e a aula estava fluindo como quase nunca, o aluno Charles levantou a mão e em seguida falou: “professor, eu nunca mais vou ter vergonha de ser negro”. Naquele momento eu senti a verdadeira realização do que significa ser professor de história. Fui até o Charles e lhe dei um abraço. E pra minha surpresa muitos da classe foram abraçá-lo também. Foi um momento mágico! Ficou evidente que o Charles, apesar de transparecer feliz e sorridente carregava na sua pele o peso

de toda uma história, embora sendo um pré-adolescente, talvez não tivesse essa consciência histórica.

Ensinar história é muito mais do que citar e relatar fatos do passado. É dar às pessoas consciência de classe, consciência racial, entre outras. É fazê-las entender que a sociedade brasileira que temos hoje em pleno século XXI é consequência das mazelas do passado. Ensinar história é tentar fazer com que as pessoas compreendam a transferência violenta de milhões de africanos para o Brasil do século XVI ao século XIX foi a maior travessia forçada da história da humanidade, e que a história desse país foi construída sobre o sangue, o suor e as lágrimas do povo negro. Ensinar história é tentar fazer com que as pessoas tenham um mínimo de sensibilidade para perceber que milhões de brasileiros pretos como você, Brilho Negro, carregam ainda hoje na pele toda essa carga histórica recheada de racismo, superioridade branca e preconceito, que precisa ser reescrita.

Parabéns a você, Brilho Negro pela força e coragem. Pelo estímulo que você representa a tantos outros jovens pretos que como você ainda se sentem amordaçados pela sociedade. Parabéns também à sua professora de sociologia que lhe proporcionou o resgate à sua autoestima. Precisamos dela e tantos outros professores comprometidos com a vida e a história dos estudantes que nos chegam. Embora a carga excessiva de conteúdos que os professores brasileiros devem vencer nos extensos e prolixos programas, o compromisso com a transformação social não pode ser esquecido.

A luta continua, sempre!

PROFESSORA CODINOME ESPERANÇA⁵⁵

Meu Caro Amigo Caio,

55. Assina com o codinome Esperança, professora do ensino fundamental I, na rede municipal de ensino de Belo Horizonte (PBH).

quando li sua carta, consegui visualizar os episódios nos quais foram relatados, e consigo perceber que existe na escola, esses acontecimentos desagradáveis que infelizmente podem marcar de forma negativa a vida de uma pessoa. Diante do que foi consumado, você que vivenciou uma experiência ruim na escola, poderia ajudar outros alunos que também passam por isso, e não denunciam. Participe da escola, conte sua experiência dê o seu testemunho para os jovens, para que percebam que precisam se conscientizar que é importante falar e confiar nos profissionais da escola, quando o aluno vivencia um problema grave como o que você passou.

Muita coisa poderia ter sido evitada, ou amenizada, se você tivesse buscado ajuda de um professor ou algum profissional, que pudesse te orientar e ajudá-lo a não se envolver e conseguir resolver seus problemas. Deixo aqui um convite para que você visite escolas, converse com os jovens para encorajá-los a buscar ajuda de um profissional sempre que perceber que pode se envolver em algum problema como os que você vivenciou e assim juntos poderemos construir um ambiente escolar seguro.

Assinado:
Esperança

POSFÁCIO

O QUE A UNIVERSIDADE TEM A APRENDER COM AS JUVENTUDES NEGRAS E LGBTQIAPN+

*José Eustáquio*⁵⁶

O convite recebido para participar desta coletânea me fez refletir sobre um conjunto de questões que me atravessam ao longo de minha trajetória de formação escolar na educação básica, mas que não se restringem a essa etapa de formação. São indagações que reverberaram em outros tempos e espaços por onde tive a oportunidade de estar vinculado simultaneamente a processos formais de escolarização, como, por exemplo, o mundo do trabalho desde a adolescência, passando pela vivência em pastoral da juventude, movimento negro, movimento sindical até o ingresso na docência do ensino superior, na formação de professoras e professores, pesquisadores e pesquisadoras na área da Educação.

Rememorar essa trajetória a partir dos eixos temáticos que se entrecruzam nesta coletânea faz emergir vozes de sujeitos que, ao longo de nossa história, têm sido sistematicamente negados. Suas vozes silenciadas, em virtude da relação “poder-saber” que opera

56. José Eustáquio de Brito: Professor no curso de Pedagogia e no mestrado em Educação e Formação Humana, da Universidade do Estado de Minas Gerais (FAE-UEMG). Doutor e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG) e graduado em Filosofia, por essa mesma universidade. Desenvolve atividades de pesquisa e extensão sobre as temáticas: Trabalho, Educação e Relações Raciais, com foco nas juventudes negras.

no cotidiano de nossas instituições, sobretudo na escola, emergem nesta coletânea como ato de rebeldia e transgressão em relação a um sistema de opressão que tem nos dispositivos da sexualidade e da racialidade sua forma de controle dos corpos e reprodução das desigualdades de gênero, raça e orientação sexual. Esses são sujeitos jovens que têm se apresentado à universidade, sobretudo nos cursos de licenciatura, com o compromisso de refletir criticamente sobre seus percursos de vida, bem como de tornar realidade a manifestação de narrativas e conteúdos escolares capazes de traduzirem perspectivas emancipatórias e de bem-viver, no contexto de uma sociedade racista, homofóbica, sexista e patriarcal.

Afirmam-se nos espaços de convivência de coletivos que se fazem presentes no cotidiano das universidades, mas não se limitam a essas formas de lutas. Reivindicam conteúdos curriculares que sejam capazes de suscitar processos de subjetivação para afirmação de identidades historicamente negadas pelo sistema de opressão. Tensionam para que práticas educativas sejam expressão de uma convivência mais democrática e que a dialogicidade seja o pressuposto para o estabelecimento de relações com o saber pautadas pelo reconhecimento.

O ingresso no ensino superior apresenta-se como uma longa travessia marcada pelo enfrentamento de muitos desafios. Em 2023, o Ministério da Educação, por intermédio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), divulgou um estudo revelando que, em nosso país, 75,7% dos jovens, de 18 a 24 anos, não cursam o ensino superior. O estudo revela ainda que, nesse grupo etário, 32,3% frequentam ou ainda não concluíram o ensino médio. Esses dados traduzem um quadro de desigualdades sociais que se reproduzem ao longo do tempo, não obstante a implementação de políticas de ações afirmativas na educação ao longo das duas últimas décadas.

Considerando os efeitos da pandemia da covid-19, observamos que as perspectivas de inserção acadêmica das juventudes negras e LGBTQIAPN+ revelam-se ainda mais desafiadoras, tendo em vista a posição de relativa desvantagem que esses co-

letivos exibem no jogo social. Um comunicado divulgado pela Organização Internacional do Trabalho, em 2021, alertava-nos para a configuração de um quadro adverso às juventudes. De acordo com o diretor-geral da OIT, Guy Ryder,

a pandemia está infligindo vários choques aos jovens. Ela não só destrói seus empregos e suas perspectivas profissionais, mas também compromete sua educação e sua formação e tem repercussões graves sobre o seu bem-estar mental.

A resposta à pergunta feita no título dessas reflexões pressupõe que, para aprender com as juventudes negras e LGBTQIAPN+, impõe-se a necessidade de ir ao encontro desses jovens, onde quer que eles estejam presentes. O desenvolvimento do projeto de extensão e pesquisa, que convida à produção de cartas que revelam aspectos das trajetórias desses sujeitos, emerge como uma experiência relevante que aponta que, para aprender com essas juventudes, é fundamental ir ao encontro delas, com disposição para ouvir e sentir o que se tem a dizer. Abrir-se ao diálogo torna-se uma condição imprescindível para a efetivação desse encontro. Sendo parte significativa desses jovens estudantes de escola pública, que trazem inscritos em seus corpos os sinais da diferença concebidas socialmente como desigualdade, compreende-se que a resposta à pergunta também pressupõe a abertura da universidade para a realização do encontro com a escola pública.

A divulgação desta coletânea, que sistematiza dimensões desse encontro, deve ser concebida como um ato educativo que oferece uma contribuição para o repensar de formas de sociabilidade presentes no âmbito universitário capazes de apontar para a efetivação de uma ética que reconhece e valoriza a diferença, superando a concepção limitada e hierárquica de uma convivência orientada pela tolerância. Parafraseando a escritora Conceição Evaristo, penso que essa seja uma contribuição relevante desta coletânea, que torna pública uma “escrita que

sangra”, capaz de incomodar a universidade de seus sonos epistemologicamente injustos, deslocando-a para assumir um compromisso mais engajado no cultivo de vidas que importam.

REFERÊNCIAS

- CASEY, Michael. Autonomia ou solidariedade: o que ensinar no Ensino dos Direitos Humanos? *In: Dicastério para a cultura e a educação: Educação entre a crise e a esperança*. Curitiba: PUCPRESS, 2023.
- CLAUDEL, Paul. **Art poétique**. Paris: Éditions Société du Mercure de France, 1907.
- CORREA, Licínia M. *et al.* (orgs.). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado* (orgs.). **Escrivência: a escrita de nós** – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Entrevista à Tv Brasil**. Rio de Janeiro, 30 set. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3WylvvH>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- Evaristo, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni, 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**. O cotidiano do professor. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FROMM, Erich. **O Coração do Homem: seu gênio para o bem e para o mal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1984, p. 223-244.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, set./dez. 2008.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, p. 935-952, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joase *et al.* (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MANDEL, Ladislás. **Escritos: espelho dos homens e das sociedades**. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

MONTECCHI, Giorgio. Prefácio. *In*: MANDEL, Ladislav. **Escritas**: espelho dos homens e das sociedades. São Paulo: Edições Rosari, 2006, p. 13-15.

OCAÑA, Alexander Ortiz *et al.* Metodologia “otra” em la investigación social, humana y educativa: El hacer decolonial como processo decolonizante. **La Rioja**, v. 7, n. 30, p. 172-200, 2018.

OLIVEIRA, Adelino F. de. Juventude e violação de direitos fundamentais. *In*: ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (orgs.). **A doutrina social da Igreja e o cuidado com os mais frágeis**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 69-89.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

PRADO, Denise F. B. do. A escrita de si: um modo de pensar a diversidade na escola. *In*: SOUSA, Cirlene C. *et al.* (orgs.). **Rompendo silêncios**: escrituras sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQI+. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Correspondências**. Belo Horizonte: Miguelim, 1997.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, p. 9-31, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DOCÊNCIA, PRA QUEM?

*Daiane Cruz*⁵⁷

Caso surja em seu íntimo a indagação e você se pergunte se escolher a docência foi o melhor caminho, busque nas frestas dos embates as suas respostas.

Há indignação ao ver as desigualdades do mundo?

Há em ti um forte desejo de possibilitar um mundo melhor para todas as pessoas?

Guarda no coração ímpetos de luta?

Por acaso sente no peito o coração vacilar ao ver olhares ansiosos por acolhimento?

Se arrepia ao adentrar uma sala de aula e imaginar o quão melhor sairá dela?

Há em ti uma inquietação por saber, ao mesmo tempo que reconhece o quanto não sabe?

Encontra em seu ser o desejo de que sua presença movimente um espaço e possibilite ações e novas construções?

Também chora de emoção ao perceber que alguém se tornou livre das amarras que o prendia e agora não mais necessita de ti, pois consegue voar com as próprias asas?

Então, lhe digo: *a docência é para você*. Não porque sonhas demasiado, mas sobretudo, porque transborda em ti a pulsão de vida que necessita ser compartilhada, modificada e expandida. E mesmo diante das inúmeras lutas, que você se lembre daqueles que lhe trouxeram aqui. E que no amor em movimento e no compromisso com a vida, encontre nos seus, os motivos para seguir.


57. Currículo já informado anteriormente.

Título	Rascunhando vida: Escrever das e com as juventudes negras & LGBTQIAPN+ (Volume 3)
Organizadores	Cirlene Cristina de Sousa Francisco André Silva Martins Lícinia Maria Correa Liliane Souza e Silva Marcos Antônio Silva Maria Luiza Alves Martins
Assistência Editorial	Beatriz Vieira
Capa	Vinicius Torquato
Projeto Gráfico	Thainá Manzatto
Preparação	Andressa Marques
Revisão	Eloísa Montes Marcia Santos Taine Barriviera Renata Moreno Talita Franco Giovanna Ferreira
Formato	14x21
Número de Páginas	156
Tipografia	Life BT
Papel	Alta Alvura Alcalino 75g/m ²
1ª Edição	Dezembro de 2025

Caro Leitor,
Esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:

sac@editorialpaco.com.br

 11 98599-3876

Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas.



Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.




Técnicos e Profissionais

Livros para dar suporte à atuação de profissionais das mais diversas áreas.

Envie seu conteúdo para avaliação:

livros@pacoeditorial.com.br

11 4521-6315

 11 95394-0872

www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/

Todo mês novas chamadas são abertas:

www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/

Conheça outros títulos em
www.pacolivros.com.br

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100

Ao abrir estas páginas, leitoras e leitores são convidados a mergulhar na extensão universitária como um processo educativo vivo, contínuo e profundamente transformador. Este livro nasce das oficinas formativas em que docentes e estudantes se encontraram por meio da palavra escrita – cartas trocadas entre professores/as e jovens alunos/as negros/as e LGBTQIAPN+ de Minas Gerais, narrando suas trajetórias escolares marcadas por experiências de exclusão, resistência e esperança. Cada oficina foi um espaço de escuta, reflexão e partilha. Diante de histórias atravessadas pela violência normativa de gênero e raça, professores/as responderam com cartas que reconhecem, acolhem e ecoam essas vozes jovens. Nessas respostas, expressaram não apenas gratidão, mas também os desafios da docência brasileira frente às urgências do nosso tempo. As cartas revelam práticas pedagógicas em constante construção, guiadas pelo compromisso ético de fazer da escola um espaço de acolhimento, diversidade e pertencimento. Ensinam-nos que, mesmo diante das adversidades, a relação com o/a discente permanece como o coração pulsante da pedagogia. Este livro é, portanto, um convite: permita-se tocar pelo *escrever* dessas juventudes. Caminhe com elas na luta pelo direito de ser e viver – plenamente, dignamente – todas as formas de existência brasileiras.

ISBN 978-85-462-2911-6



9 788546 229116



[/PacoEditorial](#)



[@PacoEditorial](#)



[@Paco_Editorial](#)